

VILMA OLIVEIRA CORREIA

A REPETIÇÃO DO “EU”



UNIVERSIDADE DO ALGARVE

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

2018

VILMA OLIVEIRA CORREIA

A REPETIÇÃO DO “EU”

Mestrado em Comunicação Cultura e Artes

(Especialização em Estudos de Imagem

Trabalho Efetuado Sob a Orientação de:

Professor Doutor Fernando Amaro

Professor Doutor Rui Sanches



UNIVERSIDADE DO ALGARVE

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

2018

A REPETIÇÃO DO “EU”

Declaração de Autoria do Trabalho

Declaro ser o autor deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.

Vilma Oliveira Correia

Direitos de cópia ou Copyright

© Copyright: Vilma Oliveira Correia

A Universidade do Algarve tem o direito, perpétuo e sem limites geográficos, de arquivar e publicar este trabalho através de exemplares impressos reproduzidos em papel ou de forma digital, ou por qualquer outro meio conhecido ou que venha a ser inventado, de o divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição com objetivos educacionais ou de investigação, não comerciais, desde que seja dado crédito ao autor e editor.

**A toda minha a família e amigos que apoiaram-me,
mas especialmente**

**Aos meus pais António Correia e Ilda Furtado,
e aos meus irmãos Nêuton Correia e Elisia Furtado**

Agradecimentos

Aos meus orientadores, professor Doutor Fernando Amaro e professor Doutor Rui Sanches pelo apoio prestado.

A todo corpo docente do curso de Artes Visuais e aos professores do Mestrado de comunicação Cultura e Artes da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade do Algarve

Ao professor Doutor José Pereira, que apesar de não ser um dos meus orientadores, apoio-me num ponto crucial deste mestrado.

RESUMO

As informações descritas neste relatório são um conjunto de eventos e etapas que conectam a forma como o meu processo de criação artístico se desenvolve.

Nele estão ligados, o presente, o passado, a minha vida privada e a arte, pois se não existissem essas conexões provavelmente os trabalhos que aqui descrevo não se teriam concretizado.

Aqui comprovo isso ao demonstrar desde do início, o seu desenvolvimento, passando pela ultrapassagem de complicações internas e externas, e na concepção prática das obras, confirmando assim que até agora não existe uma separação entre o meu trabalho da minha pessoa (do “Meu” do “Eu”).

Palavras-chave:

Experimentação, “Eu”, “Meu”, Reflexão, concepção.

Abstract

The information in this report is a set of events and steps that connect the way my artistic creation process unfolds.

In it, the past, the present, and my private life are linked with my art, for if there were no such connections, the works I describe here would probably not have materialized.

Here I demonstrate this by demonstrating, from the outset, its development, through overcoming internal and external complications, and in the practical conception of the works, thus confirming that until now there is no separation between my work and my self (‘‘My’’ from ‘‘I’’).

Keywords:

Experiences, ‘‘I’’, ‘‘My’’, reflection, conception

Índice

Introdução	9
CAPÍTULO I- Do início à actualidade.....	10
1. Antes da universidade.....	10
2. Entrada na Universidade.....	11
CAPÍTULO II- Trabalhos efectuados na licenciatura.....	11
2.1. 2014.....	17
2.2. 2015.....	21
2.3. 2016.....	22
CAPÍTULO III- Trabalho Final de licenciatura.....	27
3.1 . Workshop de cerâmica.....	27
3.2. Projecto final de Licenciatura.....	29
CAPÍTULO IV- Mestrado.....	31
4.1. Primeiro ano de Mestrado.....	31
4.2. Segundo ano de mestrado.....	40
Conclusão	68
Bibliografia	72
Anexos	73

Introdução

Esta investigação relata o meu percurso como criadora de imagem visual, demonstrando que o meu trabalho artístico esta conectado à minha vida pessoal.

Desta forma ele revisa todo meu trabalho posterior, assim passagens da minha vida até chegar ao tema do trabalho actual, *A repetição do "Eu"*.

O "Eu" do título não se refere a minha pessoa mas a todo o ser humano, pois o trabalho não fala de uma cópia literal minha, mas sobre as repetições dos pensamentos, dos gestos, dos actos, que são repetidos por todos nós, apesar de acharmos que nunca ninguém o realizou ou pensou, e futuramente outros farão e pensarão o mesmo.

Através de 4 capítulos demonstro as dificuldades passadas e a forma como confeccionei os meus trabalhos, até chegar à parte final deste trabalho.

CAPÍTULO I- Do início à actualidade, com uma descrição breve sobre a minha vida privada, revela pontos que demonstram a base da minha criação artística que tem influências africanas e europeias.

CAPÍTULO II- Trabalhos efectuados na licenciatura, descreve os conceitos e a concepção dos meus trabalhos artísticos que comecei a achar relevantes.

CAPÍTULO III- Trabalho Final de licenciatura, demonstra como venci o bloqueio artístico que estava afectar-me a criatividade e a finalização do projecto de finalista.

CAPÍTULO IV- Mestrado, é o capítulo onde descrevo novas experiências em desenho, a idealização do tema deste trabalho e a sua realização.

Também pode-se observar as dificuldades e as tentativas para ultrapassa-las enquanto vou criando novas obras que foram expostas em eventos, projectos e até a participação numa entrevista televisiva.

CAPÍTULO I- Do início à actualidade

1. Antes da universidade

Para melhor dar a conhecer as minhas influências artísticas e o surgimento delas é necessário saber um pouco de informação prévia sobre mim, pois os meus trabalhos estão ligados ao que penso, quem eu sou, de onde vim e cresci.

Nasci em Portugal (Faro), no seio de uma família de pais Cabo-Verdianos, originários de duas ilhas diferentes (Ilha de Santiago e Ilha de São Vicente) áque culturalmente são ligeiramente diferentes uma da outra, por exemplo, em ambas as ilhas o dialecto é o crioulo, mas são diferentes, em que numa ilha fala-se o badio (onde se sente mais a influência da língua portuguesa) e noutra o sanpachudo (apesar de se sentir a influência da língua portuguesa, tem ainda misturas de línguas de vários países porque os seus navios abasteciam nessa ilha, como é o caso do Japão e da América). Nunca cheguei a aprender de forma séria as línguas dos meus pais o que fez com que criasse uma barreira linguística entre mim e a minha família, mas isso não fez com deixasse de sentir-me atraída pela cultura deles, que gosto de acreditar que parte dela é minha.

Em criança comecei por demonstrar interesse na beleza das coisas, pela natureza, pelas histórias sobre o fantástico e o estranho, por trabalhos feitos manualmente como pastelaria, costura e modelagem de plasticina. Esta última foi-me relatada pelo meu pai que era o meu passatempo preferido até troca-lo por desenho devido à convivência com o meu irmão e primos, pois eles adoravam desenhar e não era algo que eu desgostasse de fazer.

Assim, iniciei-me pelo desenho, desenhando personagens animadas que víamos na televisão sem os colorir e pintava cadernos de colorir com cores que tinha demorado a ponderar sobre eles e sobre a sua conjugação para não estragar a composição, sem saber na altura que isso não era algo que todas as crianças faziam.

Mais tarde por volta dos 9 a 10 anos de idade encontrei uma pasta abandonada, onde dentro continha desenhos realistas em folhas a4 de figuras humanas feitas a grafite.

Esses desenhos deram-me vontade de querer imitar a realidade da mesma forma que o/a autor/a fez, usando apenas o lápis na folha, então de forma autodidata consegui aprender a fazê-lo.

Não faltou muito para surgir a curiosidade pela pintura com tinta a óleo e acrílico em telas (fig.1). Seguindo-se a sépia (fig.2) e os lápis de cor sobre o papel, mas apesar de ter experimentado esses materiais, continuei a ter preferência pelas grafites só que em vez de desenhá-los em folhas soltas, estas folhas passaram a ser blocos de papel cavalinho a4.

Preferia esse tamanho nos blocos aos de tamanho A3 incentivados pelos professores nos exercícios de desenho, pois estes mais pequenos não davam-me a sensação que iria

desperdiçar papel se fizesse algo pequeno e a partir desse pensamento vinham outros que bloqueavam-me.

A partir de 2010 comecei a desenhar coisas bizarras, os meus pesadelos, e cenas violentas que na universidade viria a descobrir que esse estilo de desenho chama-se Gore (grotesco de horror, macabras e sangrentas), deixando de ilustrar apenas o que me rodeava mas o que estava no meu interior (fig.3) e (fig.4)

Quando ingressei no curso de Artes Visuais na Escola Secundária Francisco Fernandes Lopes em Olhão, fiquei um pouco decepcionada por não ter aprendido novas técnicas de desenho, não por culpa da escola ou dos professores pois o que estavam a ensinar-nos se eu não tivesse pesquisado sobre isso e pelo percurso de ensino em desenho que fazemos aquelas matérias até são prestáveis.

O que mais me entusiasmou no secundário foi ter aprendido sobre os artistas contemporâneos que me abriram os olhos para algo mais do que a pintura, desenho e escultura realista e figurativa.

E a apresentação dum novo material de suporte, o sketchbook de tamanho a5 por um professor substituto, o pouco tempo que lá estive explicou-nos a liberdade que se podia obter com o sketchbook (pode-se escrever, desenhar, colar objectos e/ou fotografias, etc), e visto que as dimensões eram reduzidas já me sentia mais confortável em errar, visto que já não iria sentir-me não culpada por desperdiçar tanto papel.

Durante esses anos com o sketchbook aprimorei-me bastantes nos sombreamentos e em desenhar mais rápido (fig.5) e (fig.6).

2. Entrada na Universidade

2013 ingressei na Universidade do Algarve, na Faculdade de Ciências Humanas e Sociais (FCHS), para o curso de Artes Visuais.

Logo nos primeiros dias de aulas, tive noção que os meus conhecimentos sobre a arte ainda eram muito limitados, apenas ao escutar os pedidos dos diversos materiais e exercícios em que seriam englobados, e as matérias que seriam lecionadas pelos professores.

Fiquei bastante entusiasmada porque finalmente iria aprender o que os trabalhos dos artistas contemporâneos que deixavam-me confusa, significavam e iria aprender novos materiais e técnicas em novos suportes, que me ajudariam a expressar melhor.

Agora, após a conclusão da licenciatura, devido a essas lições mesmo que não goste de um trabalho artístico, posso ao menos entender um pouco a sua ideologia e dar a minha opinião de uma forma científica.

Durante o primeiro semestre do primeiro ano, nos trabalhos práticos ainda estava presa a concepção realista e figurativa (fig.7) (fig.8), não pensava muito no que queria que representassem (no seu conceito) e ainda não tinha muita confiança nos meus trabalhos, limitava-me apenas a fazer literalmente o que era me era imposto, sem tentar refletir nas dimensões que aquele tema poderia ter.

Excepto na disciplina de Laboratórios de artes visuais I, onde o primeiro tema de trabalho exigido foi "Se eu fosse um animal feroz", neste exercício tínhamos de criar uma escultura em cartolina duplex A0 sem desperdiçar nenhuma parte da mesma.

Sem seguir literalmente o tema e criar um animal existente com a cartolina, pesquisei vários que tivessem as características, não físicas mas psicológicas semelhantes às minhas e apesar de ter uma grande fobia a este animal, acabei por escolhê-lo, porque ao contrário do que se pensa dele, ele não é falso nem ataca irrefletidamente outros seres, ele apenas ataca para se alimentar ou em situações de perigo e muitas da sua espécie são tão dóceis que podem ser mantidas como animais de estimação, o animal de que estou a falar é a cobra (fig.9), (fig.10) e (fig.11).

Na concepção escultórica, exagerei no tamanho da boca e das presas, fazendo com que parecesse um ser feroz, capaz de engolir tudo, mas em contradição, o seu comprimento é demasiado pequeno, fazendo crer que apenas podia engolir coisas. Também fiz de forma que, de todos os lados da escultura ela era esteticamente funcional, o que já dava sinais de ter uma grande facilidade de visualizar as coisas de forma tridimensional.

No 2º semestre na disciplina de Laboratório das artes visuais II, usando a escultura de cartolina do primeiro semestre como inspiração, aplicamos técnicas de pintura expressionista em telas ou tábuas de mdf com tintas acrílicas (fig.12), (fig.13) e (fig.14), aí comecei a libertar-me dos cânones que tinha da pintura realista e comecei a revelar na universidade as coisas que tinha no meu interior e partes de histórias da minha vida nos meus trabalhos (fi.15.), (fig.16) e (fig.17).

Comecei a retratar temas do meu gosto como no trabalho final de desenho I, onde o tema dado foi metamorfose e nele retratei o envelhecimento do corpo de uma mulher mas não da sua alma.

Para o demonstrar, desenhei uma espécie de time-lapse (processo cinematográfico onde se pode ver de fotograma a fotograma a transformação ou o seguimento de algo) da acção de uma mulher idosa a despir a sua pele revelando dentro dela, a sua alma ainda jovem e preservada (fig.18).

Este trabalho futuramente iria ter seguimento para o trabalho escultórico “Uma amiga querida”.

Desde a escola secundária que apreciava as aulas de filosofia e quando continuei a ter na disciplina de estética na universidade, ganhei algum interesse pelos filósofos Nietzsche e Schopenhauer, porque os seus conceitos são compatíveis com os meus em alguns pontos relacionados com o que pensamos e as dúvidas da humanidade e isso reflete-se nas minhas criações artísticas (fig.19) e (fig.20).

As ideias pessimistas de Schopenhauer para mim têm algum fundamento, pois é verdade que a maior parte dos seres humanos ambiciona sempre mais, daí como consequência existirem as guerras até aos dias de hoje, o que frustra-me bastante pois só demonstra que a humanidade não aprende com os seus erros, pior ainda, pega neles e os perpetua sem achar que deva os corrigir, tendo apenas a tendência de culpabilizar os outros das mesmas acções que tem feito.

Mas não concordo quando Schopenhauer diz que o Homem não consegue ter controlo pois apenas segue a sua vontade, porque tal como Nietzsche acredito que os homens podem escolher o caminho que quer seguir.

Continuei na criação de imagens gore, mas misturando o grotesco, macabro e sangrento a coisas consideradas fofas e inocentes (fig.21), (fig.22), (fig.23) e (fig.24), adorava essa mistura porque acredito que faz parte das pessoas terem duas partes dentro de si, uma obscura que não querem que ninguém veja e outra que mostram com maior facilidade e aparenta inofensiva.

Temas como a morte, o envelhecimento, coisas ligadas a nós, e o que nos torna humanos, sobretudo temas que as pessoas temem refletir ou evitar, mesmo que sejam coisas que fazem parte natural da vida, passaram a ser abordados por mim tanto nos trabalhos académicos (fig.25) como nos livros em materiais variados (fig.26).

Já no 2º ano os meus trabalhos começaram a questionar alguns comportamentos sociais como é o caso do trabalho que elaborei para a disciplina de desenho IV, onde desenhei com a minha mão esquerda (a minha mão não dominante) 3 ditadores conhecidos em poses banais e comuns de uma pessoa normal (fig.27), (fig.28) e (fig.29).

Desenhei-os com a mão esquerda porque se quisesse fazer um desenho realista com as proporções completamente correctas esta seria a mão errada para fazê-lo, assim ela simboliza a mão errada que pôs estes líderes no poder.

As suas poses servem para demonstrar que, apesar de nunca demonstrarem-se desta forma, eles também eram homens comuns, com vontades e com as mesmas fragilidades que qualquer um, mas que cometeram grandes atrocidades, porque lhes foi permitido, porque deram a eles a o poder para tal.

Na minha opinião o Homem parece ter esta necessidade de viver como um animal de rebanho, que se move consoante a voz do pastor (de um líder) sem pensar ou dizer o que pensa até que alguém o faça e aí culpam apenas o líder pelos crimes cometidos, quando na verdade eles por terem dado o poder e terem seguido as suas ordens também são culpados.

Outro trabalho com cariz social que fiz, foi uma performance onde pedi a alguns colegas de turma que vestissem umas t-shirts, em cada uma delas tinha escrito usando a técnica do stencil diferentes tipos de etnia. A seguir montamos uma grande mesa na cafetaria académica da universidade e lá almoçamos.

Com esta performance quis passar a mensagem de que mesmo nos dias da actualidade ainda existe uma grande separação entre as pessoas por serem de grupos étnicos diferentes, pois é quase raro ver algo normal como um almoço d grupo pacífico entre pessoas etnicamente diferentes uns dos outros (fig.30), (fig.31) e (fig.32).

Para as disciplinas de vídeo I e II, que foram duas das minhas disciplinas favoritas, fiz três trabalhos, uma que era sobre a aceitação das memórias passadas em vez de enterrá-las.

Consistia numa pessoa que caminhava por uma floresta sozinha carregando apenas um saco preto e uma pá (fig.33) e (fig.34), nesse vídeo de forma proposital dei a entender que essa pessoa (interpretada pelo meu irmão) iria enterrar alguém (fig.35), mas quando no final quando revela o conteúdo do saco, apenas se vê pedaços de memórias em forma de fotos antigas e brinquedos. Após isso ele enterra o saco e ao ir-se embora dá conta que alguém está a vê-lo e segue em perseguição dessa pessoa (fig.36), (fig.37) e (fig.38).

No segundo vídeo demonstrei uma boneca (de marca mundialmente famosa, mas como não tenho autorização do fabricante para partilhar o seu nome ou por tê-la usado no meu trabalho não irei expor nem o seu nome ou imagens em que ele esteja), que no início do filme está toda embelezada e parece ter vida própria, pois ela olha-se ao espelho enquanto uma sinfonia de uma caixa de música toca acompanhado os seus gestos. Mas tudo muda quando o vidro do espelho se quebra e ouve-se um grito de fundo, a sinfonia da caixa de música transforma-se em algo sinistro e a boneca parece que é forçada a despir-se lentamente e a posar. A forma que filmei fazia parecer que o que estava a fazer, era algo perverso e cruel e com este vídeo queria demonstrar como a imagem da mulher é usada pelos media, a mesma imagem que numa hora é tratada como algo frágil e belo que deve ser contemplado e desejado a ser alcançado e noutra é abusada e maltratada sem nenhum pudor.

No último trabalho de vídeo realizado e filmado por mim, que intitulei “Inocente?”, pedi a uma colega de turma (Tatiana Fernandes) que me deixasse filmá-la a comer de várias maneiras algumas bananas sem que nenhuma dessas maneiras contivessem algum indício sexual ou malícia (fig.39), (fig.40), (fig.41), (fig.42), (fig.43) e (fig.44).

Devido ao título os observadores julgaram a minha colega, e quase todos disseram que aquilo que viram não era inocente, mas na verdade a meu ver e o meu objectivo do filme era que fosse feita um auto julgamento, pois no vídeo apenas tinham sim imagens inocentes, mas se o observador não o considerasse era porque a sua mente já não o era.

Com a disciplina de escultura nesse ano, voltei a fazer moldagem e para meu espanto conseguia dar forma ao que imaginava com alguma facilidade, e a partir daí essa maneira de criação tornou-se predominante no meu trabalho artístico.

Os trabalhos de laboratório de artes visuais III, IV, V e VI apesar de serem instalações tiveram como base a escultura. Mas isso não quer dizer que deixei de desenhar, pois até os esboços das esculturas ainda faço em desenho.

No terceiro ano, estive indecisa de como faria o projecto final da licenciatura, porque de um lado sempre desenhei e me exprimi dessa maneira mas por outro a escultura começava a tornar-se uma paixão.

Sem contar que algumas pessoas começavam a intitular-me de escultora, que é algo que me incomoda pois acredito ser uma artista visual ou plástica pois o meu trabalho não se limita apenas à escultura.

Essa indecisão e vontade de continuar a trabalhar com barro resultou numa experiência em que pinteí várias folhas com a mesma matéria que usava para esculpir, o barro, diluído em água ou no seu estado natural ou misturado com tinta e cola branca, pintava por vezes com as minhas próprias mãos ou pincéis, folhas de grandes dimensões.

Mas no final acabei por voltar às criações em três dimensões criando a obra *Os olhos choram com a do Deuses e demónios*.

A razão pela qual prefiro usar o barro como material para moldar a outro, é que adoro sentir a sua textura e sinto como se ele conectasse mais me à Terra, fazendo-me desligar do que me rodeia.

Agora os meus trabalhos exploram a complexidade da natureza humana, as suas inquietações não só geradas pela contemporaneidade mas como as que sempre a acompanharam.

Abordando temas como a negação da vida mortal, que efémera, só demonstra que o Homem não passa de um ser ínfimo aprisionado num eco infinito de acontecimentos.

Inspirando-me nas minhas próprias experiências de vida, convido o espectador a refletir e a aceitar várias partes da sua vida que considera negativas mas que são apenas naturais de sentir e viver.

Nestas obras pode-se constar a predominância da utilização da instalação escultórica como meio de expressão, apesar de ainda recorrer a vários outros tipos de linguagem e técnicas para a criação das minhas imagens artísticas.

Em 2017 criei um nome criativo, VOC (Wilma Oliveira Correia) pronuncia-se Véóce ou Viouci), achei que talvez seria mais fácil de propagar-se, até fiz uma exposição usando esse

nome mas senti-me como estivesse a negar uma parte de mim voltei a utilizar o meu nome original Vilma Correia quando exponho.

CAPÍTULO II- Trabalhos efectuados na licenciatura

2.1. 2014

Mapa mental que nos liga à arte

Iniciei-o em 2014 no segundo ano de licenciatura para a disciplina de laboratório das artes visuais III para o tema imposto, mapa mental.

Decidi criar um mapa que nos liga a todos à criação artística, onde algum espectador apertaria a bomba de sucção, criando assim a peça que faltava para a ligação e conclusão da obra onde o espectador, o presente, o passado e o futuro se ligariam e a tinta a passar pelos tubos demonstraria de uma forma visual a ideia da troca de ideias, emoções e experiências que são passadas de pessoa para pessoa que resultam nas ideias e na criação de obras de arte (fig.45) e (fig.46)

Para esta instalação esculpi um cérebro de tamanho quase realista em barro para dele criar um molde. E assim o fiz, desse molde de gesso, até ele se tornar inutilizável fiz 5 cérebros que no fim pintei de tinta acrílica plástica branca e ainda pintei o cérebro em barro para usá-lo também na peça. Alguns dos cérebros danificaram ao serem retirados do molde, assim nenhuma deles ficou idêntico mas como as suas falhas não se notam porque as lixei e deformei-as para que ficassem semelhantes. Na hora de lixar tive de usar uma máscara de protecção pela primeira vez para que o pó do gesso não prejudicasse as minhas vias respiratórias, e isso foi algo que me incomodou bastante usar, pois a máscara afectava-me sempre a visão e os elásticos estavam sempre a irritar-me, mas se tiver de utilizar outra vez assim o farei pois a segurança pessoal é mais importante que a comodidade.

Pintei os cérebros de branco, pois o que importa mais na obra não o estado físico do cérebro mas o que dele vem, as suas conexões, ideias, emoções. Essas conexões, ideias e emoções podem ser vistas de forma metafórica através das cores que passam nos tubos que estão ligados a bombas de sucção que ao serem colocadas em recipientes de água com tinta misturada e carregas, passam essas tintas pelos tubos que estão por baixo dos cérebros.

Os Materiais todos tive de comprá-los numa droguaria, excepto as tintas aguareláveis que já tinha, o barro que aproveitei do que sobrou-me do trabalho da disciplina de escultura e o

gesso que foi-me oferecido pelo professor Doutor Pedro Cabral que também foi quem me ensinou a fazer moldes de gesso.

Por fim a folha de papel foi-me dispensada pela funcionária do complexo, usei-a para servir de suporte para a tinta que saiu dos tubos das mangueiras, que num feliz acaso, nela se formou uma imagem que se assemelha a um cérebro gigante colorido (fig.47).

Chá das 24:00

Para o segundo trabalho de laboratório das artes visuais IV para o tema auto-retrato (tema obrigatório dado na cadeira).

Antes de iniciar o trabalho prático, refleti sobre qual seria a melhor maneira de representar-me sem recorrer à minha fisicalidade ou algo que tivesse a ver com ela, e dei por mim a escrever coisas que me incomodavam, coisas que gostava, os meus defeitos e virtudes. Deles escolhi aqueles que pensei que melhor me definiam na altura.

Toda a obra é composta por pequenas peças que na sua totalidade retratam de uma forma complexa o meu interior.

Nela pode-se observar bonecas desmembradas, que representam a raiva que tinha pelas regras, e restrições que me eram impostas por ser do sexo feminino, pelas coisas negativas que já presenciei ou vivi pela mesma razão e pelo ódio pelo tipo de corpo e de cor de pele que os media perpetuavam como sendo o perfeito que nunca poderia ter.

Os laços demonstram uma parte de mim que poucos conhecem, lado super feminino que adora coisas consideradas fofas.

Os morangos e os cupcakes representavam o meu gosto por doces que sempre foi grande, ao ponto de, antes de entrar na universidade, considerei estudar pastelaria.

Todas as peças da obra foram pintadas de branco por questão estética, pois contrastavam melhor com o vermelho do doce (trocado pela tinta vermelha água-revel) que tinha planeado que cairia do funil que também é vermelho.

Decidi que o líquido fosse dessa cor (vermelho), porque ele tanto pode representar amor como sangue, e esse pensamento combina bem pois ele vai banhar coisas que amo e odeio. A jaula representava a dificuldade que tinha em expor-me ou deixar alguém ver partes de mim que eram perfeitamente naturais mas que na altura via como fraquezas um exemplo delas era a minha grande sensibilidade.

O funil significava a filtração que fazia dos meus pensamentos e do que falava, pois tinha medo de magoar os outros ou de recriminarem-me e finalmente a tinta a cair em forma de contagotas é porque gostava e ainda gosto de levar o meu tempo a concretizar as coisas (fig.48) e (fig.49).

Na sua conceção, criei em primeiro lugar uma estrutura de madeira com 3 tiras de madeira presas pela ponta que estava paralela à base, usando fio de arame fino para segurá-las no sítio, depois cobria toda estrutura com arame de galinheiro utilizando apenas uma folha grande com formato quadrangular que moldei até ter o formato da pirâmide.

De seguida misturei cola branca com água e jornal cortado aos pedaços num recipiente onde usando uma varinha mágica triturei o seu conteúdo até ter uma pasta cinzenta após ser espremida, fui espalhando com as mãos e pondo por cima da rede de galinheiro.

Enquanto a pasta de papel secava em cima da estrutura, com massa de modelar fiz alguns cupcakes e os diferentes uns dos outros, esculpi morangos, laços de diferentes tamanhos e porque uma colega minha ofereceu-me barbies desmembrei-as e pintei-as com tinta branca.

Após a secagem da pasta de jornal, uma a uma, ainda frescas fui colocando cada peça que moldei com a massa de modelar empilhadas umas em cima das outras instaladas à estrutura piramidal.

Porque queria que a peça central fosse coberta com uma gaiola redonda, branca com um buraco redondo na parte de cima, procurei em várias lojas algo que minimamente se assemelha a isso, até que por sorte achei uma que preenchia todas as minhas exigências mesmo ao lado da universidade, mesmo quando estava quase a desistir da ideia e tentar arranjar outra solução para obra. Retirei dela o gancho que estava preso a um plástico redondo e ao retirar tudo isso fiquei com o buraco redondo na gaiola que necessitava.

O conjunto de chá de loiça que fazem parte da obra, tinha-os em casa desde de pequena, o funil comprei-o e com cola quente adicionei-lhe na extremidade uma pequena ponta de um conta-gotas para que a tinta vermelha misturada com água caísse gota a gota.

2.2. 2015

A pulsação do tempo

É um conjunto de três desenhos feitos em papel craft preto desenhado com lápis branco e pastel seco branco que foi criado no âmbito da disciplina de desenho IV.

O exercício pedido era para desenhar edifícios que demonstrassem diferenças em algum ponto, por exemplo entre o pobre e o rico.

Já sabendo o tema de trabalho decidi passear por diferentes pontos da minha cidade com uma câmara fotográfica durante um dia inteiro.

Passado algumas horas a caminhar, notei que algumas casas antigas ainda tinham a sua estrutura e ornamentação mais ou menos bem conservadas e os seus jardins também, fazendo com que essas casas no meio das urbanizações modernas parecessem que estavam paradas no tempo. Achei isso tão atraente, o facto de quase passarem despercebidas no meio do betão e alcatrão mas ao mesmo tempo criarem um contraste que vi logo que esse seria o ponto diferenciativo do meu trabalho a diferença do antigo com o moderno.

Então das fotos que tirei de diversos edifícios, escolhi as que estavam em melhores condições, que por acaso são as casas que na minha cidade têm fama de serem amaldiçoadas e assombradas com histórias que não irei apontar pois não encontrei nenhuma que tivesse factos a comprová-las.

Os desenhos para este trabalho foram realizados em folhas A0, para facilitar a sua execução colei-as nas paredes do meu quarto, e sem a utilização de réguas ou algo que me ajudasse a fazer linhas direitas e usando as técnicas de perspectiva, fiz a lápis as linhas dos desenhos por inteiro, sem dar grandes pormenores nas casas modernas e com o pastel seco, sombrei apenas as casas antigas e os seus jardins (fig.50), (fig.51) e (fig.52).

2.3. 2016

No início do semestre do último ano da licenciatura em 2016, senti-me muito perdida em vários aspectos da minha vida e questioneei de tudo, desde a religião, às minhas escolhas, o valor da vida e o seu significado, tudo isto e muito mais porque algo de muito grave aconteceu e mexeu com os ensinamentos com que cresci e acreditava resultando na descrença pela fé cristã, e numa vontade de ver menos coisas violentas e que levassem a pensar nisso.

Os meus trabalhos artísticos também foram afectados por esta situação, fazendo com que ficasse bloqueada durante vários dias, ou se tivesse alguma ideia que estivesse ligada a algo que antes fazia sentido para mim, irritava-me e se acabasse por ilustrar essas ideias.

Aos poucos fui parando de concebê-las porque apenas me traziam emoções negativas, os meus desenhos Gore são um exemplo disso, aos poucos foram desaparecendo ou a sua agressividade visual foi atenuando.

Projecto das Silhuetas

Este projecto foi realizado nas aulas de desenho V, onde o tema era livre tal como os materiais a usar, contando que o produto final fosse desenhado.

No principio apenas usei aguarelas e canetas pretas sobre o papel onde desenhava em mancha as formas das coisas (fig. 53) ou as silhuetas das pessoas que se encontravam ao meu ao meu redor, isto era algo que já fazia desde do 2º ano da licenciatura por gosto (fig.54), (fig.55) e (fig.56).

Continuei a explorar a aguarela desenhando o que me vinha à mente (fig.57) e os desenhos a caneta fazia Silhuetas usando apenas uma linha e deixando-as abertas e noutras vezes separadas e com linhas fechadas (fig.58.).

Passado uns dias passei apenas a desenhar as silhuetas, umas separadas, outra juntas, umas juntas com linhas abertas e fechadas e outras que continhas silhuetas dentro de silhuetas (fig.59).

Em algumas comecei a introduzir linhas e padrões, representavam as emoções que as pessoas transmitiam-me (fig.60).

Em Outubro comecei a introduzir bolas coloridas e cinzentas de aguarelas nesses desenhos de silhuetas (fig.61) e em alguns desenhos não fiz os padrões ou alinhamentos dentro delas, mas nos desenhos seguintes retornei a metê-las porque parecia que lhes desenhos faltava algo.

Ainda tentei criar uma com tintas acrílicas sobre papel pintado com tinta plástica, contudo o seu resultado não me satisfaz como os anteriores (fig.62).

Dessas experiências quis tentar tornar as bolas coloridas de aguarela mais tridimensionais, então tentei usar cola escolar com esperança que criasse uma película curva por cima das bolas só que o resultado que ficou após a secagem foi um brilho por cima das bolas coloridas com quase nenhum relevo, apesar de não ter desgostado da experiência não era o que queria então ainda tentei mais duas experiências, uma que pus cola quente em cima dos círculos coloridos e outra em que pus cola bisnaga por cima dos círculos coloridos.

Depois de secas a que tinha cola quente resultou na perfeição, deixando semicírculos na folha, e a que pusera cola bisnaga deixou pequenas bolhas intactas dentro da própria cola (fig.63), gostei tanto desta experiência que fiz outro desenho, mas usando a cola bisnaga como se fosse um lápis, com ela rectifiquei algumas linhas que estavam ligadas por pequenos pontos como se de uma constelação demarcada se tratasse. No fim passei-lhe com aguarela escura, lápis azul e carvão depois de seca (fig.64).

Já na cola quente com ela apenas passava por cima das bolas coloridas de aguarela, e fazia antes de colocar a cola quente as silhuetas agora com cores ou ainda a preto, essas cores também passaram para os trabalhos de cola bisnaga.

Em Novembro deixei de fazer os desenhos com a cola bisnaga e comecei a introduzir pequenos materiais dentro dos círculos de cola quente como linhas de linho e lã, colocando padrões e as linhas de emoção dentro de todos os desenhos.

Em alguns coleí papel vegetal por cima das folhas opacas e nelas coloquei bolas coloridas com cola quente por cima. Ainda experimentei fazer silhuetas com tinta acrílica e pintar alguns fundos com esse mesmo material.

Como o material que mais gostei usar foi barro, elaborei algumas experiências em que desenhava com barro misturado com cola branca de madeira para melhor aderir ao papel e

em algumas dessas misturas de barro com água ainda adicionei tinta preta acrílica para escurecer a cor do barro e pintar o fundo com ela (fig.65).

Nesses desenhos adicionei as bolas de cola quente com linhas, pó de argila e vidro partido (fig.66), (fig.67) e (fig.68).

De todas as experiências efectuadas o resultado com que cheguei no final do semestre não posso chamar de produto final, pois acho que ainda tenho mais experiências a elaborar, foram 2 desenhos de grandes dimensões, um feito em papel pintado de branco onde depois de estar seco foi-lhe desenhado com a mistura de barro liquidificado com cola branca, silhuetas, nas quais com uma agulha desenhei as linhas e os padrões das emoções dentro delas (fig.69).

O outro desenho criei numa folha meio rosada utilizando tinta acrílica preta silhuetas de pessoas com padrões de emoções por dentro delas.

As bolinhas em vez de serem feitas logo no mesmo plano onde estavam as silhuetas foram efectuadas em folhas de papel vegetal A3 coladas de modo a formarem 2 folhas A1 que seguidamente colei nas extremidades da maior folha, nos papéis vegetais estavam as bolas coloridas só que com elas eram maiores e levaram mais cola quente que fez com que se espalhasse, deixando formas com relevos em vez de semi círculos (fig.70).

As pinturas feitas com o barro lembram pinturas rupestres que eram feitas em cavernas, só me apercebi disso quando um colega meu referiu isso, e fez-me pensar como é engraçado esta necessidade que temos por vezes de voltar as origens sem que nos apercebamos disso.

Convite da morte (Uma amiga querida)

A ideia de que surgiu esta instalação originou-se em 2014, no segundo ano da licenciatura na disciplina de desenho no último trabalho do qual o tema era metamorfose, decidi tratar o tema da morte, o envelhecimento, a passagem do tempo e a maneira como as pessoas não aceitam estas coisas naturais da vida com facilidade.

Através de 6 desenhos, ilustrei quase como uma time-lapse (já referido) uma idosa a despir a própria pele.

Peguei no conceito e em algumas das imagens dos desenhos feitos em 2014 e recriei-os com algumas diferenças tridimensionalmente para a disciplina de Multimédia.

Esculpi 4 pequenas esculturas, com o intuito de construir uma base de madeira circular onde a dividiria em quatro e em cada quadrante colaria uma escultura.

Na primeira das quatro imagens esculpidas, encontra-se uma representação da morte em estado físico sob a figura de um corvo que será quem levará a alma da idosa para a pós vida, deixando para trás todas as dores passadas e todas as coisas boas passadas misturadas num branco e vermelho que só a morte (o corvo) conheceu.

Essa idosa no início olha e descasca a pele das suas mãos pois existe aquela ideia de que se pode ver o trabalho duro da vida da pessoa pelo tipo de rugosidade e maltratação que as mãos detêm e assim o tipo de vida que ela levou e também porque segundo a tarólogia pode-se ler o passado, presente e futuro nelas.

A próxima escultura já tem a face de uma jovem rapariga que encontra-se em posição de clemência, como se pedisse perdão pelos seus pecados cometidos na sua juventude, mas é inútil porque nada se pode fazer agora.

Na última, a jovem despe o seu pecado que se vê claramente na fissura que tem na barriga.

Decidi meter as esculturas dentro numa caixa toda negra que apenas tem uma abertura tapada por vidro. Esse vidro separa as pessoas das figuras que estão dentro do receptáculo, podendo apenas ser penetrada pelo olhar, as figuras em rotação (porque coloquei um motor por baixo da base para fazê-la girar) contam uma pequena narrativa.

Na caixa instalei umas lâmpadas para que dessem luz (que representa a divindade, ajuda-nos a ver as coisas de forma mais clara com o passar do tempo) apenas quando as esculturas estivessem colocadas de frente ao vidro.

Escolhi a música de Nina Simone *Black Bird* para tocar de fundo em modo loop, ela foi escolhida porque a autora da canção, pelo filme biográfico e pelo sentimento que a música parece transmitir, ela parece que foi uma pessoa que entendeu bem como é viver com dor e com os seus pecados e essa música reflete bem isso, um pássaro que não devia querer nada mas ainda assim quer voar apesar das suas dores, quer viver, assim como a idosa do meu trabalho.

O materiais para construir a caixa alguns foram encontrados pois não tenho grande poder financeiro, o motor giratório é dum velho micro-ondas oferecido pelo professor Xana, madeira achada na sala de madeira, e o vidro também, dai estar riscado, e as duas luzes e o material restante como o tecido que cobre a e as tintas acrílicas (vermelha, branca e preta).

O material usado nas estatuetas é massa de modelar, uma vez que pelas antigas experiências este o material não necessita de ir para cozedura para ter resistência e durabilidade que é algo que no barro é necessário se quiser conservar a sua forma, é um pouco dispendioso.

Pintei-as de branco pois não só resulta bem em contraste com o fundo negro, como também é o que se acredita na cultura europeia que seja a cor das almas de boas pessoas.

Para colocar o vidro com uma maior segurança costurei por dentro da caixa dois bolsos, um em cima e outro em baixo, para assegurar-me de que o vidro não caísse depois de o prender nos bolsos ainda colei-o com cola quente, o mesmo fiz ás luzes e as esculturas.

Neste trabalho deparei-me com a dificuldade de executar a anatomia de forma rigorosa pois nunca tive bases para tal como tive em desenho. Como também não tenho bases em construção a caixa saiu irregular apesar da ajuda final do meu pai ao tentar mantê-la firme e em pé. Tive problemas na colocação da velocidade que base rodava pois não entendo de electrónica e também na costura do pano pois foi a minha primeira vez que utilizei uma máquina de costura.

Mas tendo em conta que o trabalho foi apresentado num local de nenhuma luminosidade a estética da caixa não foi prejudicial à obra.

Esta obra é quase como um ritual, estas esculturas contam uma narrativa sobre a beleza da morte e uma alma jovem.

Pois o corpo endurece mas a alma permanece. E quando a morte chegar, há que cumprimentá-la como uma velha amiga (fig.71), (fig.72), (fig.73) e (fig.74).

CAPÍTULO III- Trabalho Final de licenciatura

3.1 . Workshop de cerâmica

No último ano de licenciatura, perto do Verão, participei de um workshop de cerâmica realizado nas instalações da universidade do Algarve através da iniciativa do professor Tiago Baptista que convidou uma instrutora para ensinar-nos a criar e a cozer cerâmica sem recurso de um forno.

Fiquei bastante intrigada pela instrutora revelar que aprendeu essas técnicas com o povo caboverdiano do qual sou descendente.

O primeiro dia de workshop serviu como um meio de fuga aos problemas que tinha naquela altura, que estavam a fazer com que ficasse bloqueada e para além dos problemas, ainda estava a colocar muita pressão em mim própria para criar algo que fosse de boa qualidade para o projecto de finalista, o que piorava a situação do bloqueio porque nem me estava a permitir criar a erros e tornava a tarefa de criação artística quase uma obrigação o que tirava-me a vontade de completá-la.

E também nesse dia encontrava-me aborrecida devido a uma conversa na qual me descreveram como sendo escultora, e isso é algo que incomoda-me pois faz parecer que o esforço que tive na realização dos meus trabalhos bidimensionais e eles próprios, não têm valor algum. Eu discordo desta afirmação pois as esculturas que crio são incorporadas em instalações, e portanto eu não sou apenas uma escultora mas sim uma artista visual ou plástica. Apesar de não ter feito exposições das minhas obras bidimensionais acredito que são tão importantes quanto os trabalhos tridimensionais.

No workshop foi-nos ensinada uma técnica para fazer rolos uniformes a partir duma argila de um lago (uma argila quase negra, com pedras e conchas incrustadas), foi a primeira vez que trabalhei com um barro que tivesse uma textura diferente do que costumo usar, o que me levou à ponderação da utilização de outros tipos de argila ou uma mistura delas nos meus futuros trabalhos.

Depois de criar vários rolos de argila fizemos uma pausa para o almoço, que aproveitei para fazer uns esboços livremente de formas que poderiam o meu produto final daquele workshop.

Após o almoço, iniciamos as nossas esculturas enrolando um rolo de cada vez uns por cima dos outros e com um caroço de maçaroca de milho fomos juntando as fissuras até terminarmos as peças.

Para poder cozer as peças, tivemos de esperar uns dias até que secassem, e enquanto o faziam fomos cuidando delas, tapando rachaduras que iam surgindo, afim de que na hora da cozedura elas não se partissem.

Nesses dias recomecei a sentir vontade de trabalhar, fiz uns esboços para uma ideia que tivera e voltei a esculpir por gosto usando a massa de moldar no início, mas como tive uma grande necessidade de me ligar a matéria orgânica, fiz outras esculturas em barro, voltei a sentir alegria em criar coisas e aos poucos fui aliviando-me da pressão. As esculturas que iniciei nesta altura, acabaram por fazer parte do trabalho final e que ainda adicionei esculturas feitas de farinha.

O dia da cozedura, foi meio de suspense, alegria e tristeza, suspense por não sabermos se as esculturas iriam quebrar-se na fogueira que fizemos com palha e tijolos na UALG de forma controlada.

De alegria porque quando as chamas cessaram e apenas havia fumo a sair do solo, ao retirarmos uma a uma as esculturas que não se tinham partindo íamos celebrando e tristeza ao vermos as que se partiram. No meu caso fui das que teve sorte, apesar de ter criado uma escultura complicada.

A escultura que fiz é uma reinterpretação da noite estrelada de Van Gogh que nela pensei que poderia pôr dentro, velas ou lâmpadas para que as luzes saíssem dos buracos para as paredes, e estas seriam as estrelas . (fig.75) e (fig.76).

Antes de criar o trabalho de finalista ainda realizei uma pequena escultura duma pessoa sem rosto em barro castanho com estrutura de arame fino por dentro que nos braços se encontravam expostos, e na face coloquei argila cinzenta tal como nas juntas do braço e numa planta que fiz junto aos pés da escultura, após seca cobria com cola branca, que a deixou com um efeito baço (fig.77).

3.2. Projecto final de Licenciatura

No trabalho de finalista para laboratório VI em que o tema era livre tal como a sua concepção, criei a obra *Os Olhos ferem-se com a realidade dos nossos deuses ou demónios*.

Esta obra consiste num conjunto de três grupos escultóricos diferentes que representam diferentes formas em que as pessoas do contemporâneo vivem na minha opinião.

O grupo das peças pintadas em branco ou ao que chamo a divisão dos homens cegos, pois nenhum deles tem olhos, o que faz parecer que são pessoas que estão a usar máscaras de pessoas que têm vestidos uma máscara de um animal ou podem ser apenas mutantes.

Estes seres vivem alinhados ao que lhes rodeia. Elas representam as pessoas que criam os seus próprios Mundos ilusórios e preferiam ficar neles ou vivem neles involuntariamente. Essas são as pessoas que vivem na fantasia ou na loucura, estão pintadas de branco devido à sua pureza, pois não suportam a realidade ou renegam-na (fig.78).

Para cada peça fiz um esboço em desenho, elas são feitas com estrutura de arame de galinheiro, que foram cobertas com tiras de fita-cola de papel e no fim com pasta de moldar que foi moldado para que ficasse semelhante aos esboços desenhados.

O segundo grupo é das peças de barro, é a Divisão dos Deuses imperfeitos, foi o que inspirou o nome da obra inteira. Este grupo representa as pessoas que vivem acreditando nos seus Deuses das suas religiões, acreditam que eles são perfeitos tal como as bases em que a sua fé e religião foram assentadas, mesmo que haja falhas que podem ser facilmente apontadas elas forçam-se a acreditar nelas, talvez porque lhes é difícil aceitar que não existe nada além da vida ou que não têm nenhum significado ou propósito especial de estarem vivos e que as suas vidas apenas são aborrecidas e insignificantes em comparação com a vastidão do Universo (fig.79).

As figuras deste grupo representam Deuses do meu imaginário, que se fossem existir iriam ter origens africanas por causa das minhas raízes, mas porque em várias religiões diz que nós fomos criados à imagem desses Deuses, fi-los imperfeitos, pois o homem o é e assim eles deveriam sê-lo.

Para este grupo também criei esboços de cada escultura dos quais recriei em barro castanho e que em alguns adicionei cabelo falso, madeira, pregos, argila cinzenta e agulha de tapete. Em algumas delas cobri-as após a sua secura, de cola branca para as deixar com um aspecto mais embaciado.

Têm a semelhança do corvo pois é uma ave que para mim e muitos outros simboliza a morte. Escolhi o barro devido à sua ligação com a terra, à natureza e o cabelo pois a religiões africanas estão ligadas a magia e espiritualização, e em algumas culturas é utilizado para fazer magia negras como o vudu para tirar a força da pessoa ou para fazer rezas de cura.

O último grupo é das peças irregulares de cor creme, é a Divisão dos Homens tristes, pois eles tentam viver na realidade tal como ela é, tortuosa e sofrida na maior parte das vezes, sem respostas para tudo, questionando a si mesmos e o seu redor, sofrem constantemente por não aceitarem o que não entendem e a si próprios (fig.80).

Foram feitos também com estrutura de galinheiro, a seguir cobertas de fita-cola de papel e no final com uma pasta de papel higiénico com farinha e cola branca que fiz.

CAPÍTULO IV- Mestrado

Quando entrei para o mestrado obtive um convite para participar da criação dum outdoor, para o projecto de jovens criadores, patrocinado pelo curador Sandro Resende.

Para esta proposta elaborei uma fotografia, em que primeiro esculpi uma mulher em posição de reza, depois borrifei água e salpicos de tinta-da-china vermelha num papel vegetal.

Quando a folha secou coloquei-a à frente da escultura e fotografei-a várias vezes em diferentes ângulos até obter a imagem que achei que exprimia melhor a mensagem que queria passar.

A fotografia demonstra de uma forma pouco clara uma mulher rezando mas que só se nota bem se a pessoa que estiver a observar se aproximar, pois de longe ela parece estar completamente escura.

A mensagem que queria passar é que devido às crises, às guerras e as tristezas que assolam o mundo em que vivemos hoje, ainda existe uma espécie de esperança, como uma luz ao fundo do túnel que levará a um melhoramento do Mundo (fig.81) e (fig.82).

Em Fevereiro tive duas ideias para esculpir, para não esquecer-las desenhei-as no sketchbook e as diferentes formas que poderia expô-las e até as modificações que poderia experimentar. Isto é algo que acostumei-me a fazer porque se não anotar as ideias que me surgem acabo por esquecer-las ou modifica-las de tal maneira na minha mente que acabam por não ser semelhantes às ideias iniciais, o que pode ser bom ou mau (fig.83) e (fig.84).

A primeira ideia acabei por concretiza-la nesse mesmo mês é uma reflexão sobre, se existisse pós vida e pudéssemos levar algo para a última viagem, o que seria? A resposta depende a cada um refletir. Outro pensamento que se pode ter desta obra é que quanto mais tempo passa após a nossa morte assim são esquecidos o que nos era importante, quem fomos.

Tive esta ideia porque um dia encontrei no lixo uma mala de aspecto vintage trancada e decidi trazê-la para a universidade, onde a abri com alguns colegas e professores que também estavam curiosos sobre o seu conteúdo, e vimos que dentro dela estava uma almofada usada, várias fotografias e negativos das mesmas pessoas mas em países diferentes, uma boneca

provavelmente dos anos 50s, diplomas de costura e projectos dos mesmos. Todos pareciam interessados e imaginávamos quem seria a dona/o da mala e começamos a inventar histórias sobre eles e o objectos encontrados.

Depois de toda aquela agitação, as coisas acabaram por acalmar-se e sozinha apercebi-me de que talvez o/a dona/o da mala morreu e possivelmente o seu parente ou os novos donos da sua antiga casa jogaram-na fora sem dar-lhe a mínima importância, e que aqueles objectos se calhar para o seu/sua dono/a era valiosíssimos tesouros. Isto também fez-me dar de caras com a triste realidade de que um dia as coisas que acho importante acabarão abandonadas ao lado de um caixote de lixo.

A obra é constituída por um aventesma que se encontra no centro da peça, ele esta perdido e à procura da sua mala, pois como tempo passou, assim sua história também e ele esqueceu-se dela.

Para criá-la (a obra) fiz 30 malas únicas em que cada uma tem uma ornamentação diferente mas de estilo vintage, todas têm uma estrutura rectângular dentro de esferovite enrolada em jornal, como queria que algumas estalasse, apertei o barro bem firme contra o esferovite visto que se fizer isso na secagem, o barro contrai e com a pressão do esferovite nele, ele estala. E foi o que aconteceu com todas as malas que apertei firmemente contra a estrutura. Como não queria que todas estalasse em algumas das malas pus barro a mais e não tão apertado à estrutura.

Na criação do aventesma, fiquei na dúvida se deveria fazê-lo pequeno ou grande, então fiz das duas maneiras.

O pequeno fiz com estrutura de arame de galinheiro com uma figura que se assemelha a de um homem sem qualquer proporção correcta, cobrindo-o com fita-cola de papel e depois com cola branca. Eu quis deixá-lo dessa forma porque adorei como as estruturas que criei de *Os Olhos ferem-se com a realidade dos nossos deuses ou demónios* no grupo do Homens cegos ficou apenas em estrutura e a fita-cola por cima e com a experiência que tinha elaborado ao meter cola branca nas esculturas anteriores, eu sabia que ia dar-lhe um aspecto quase de cera a derreter.

Esta peça intitulei-a de *De mãos vazias perante a morte* e foi exposta na galeria Trem nesse mesmo mês na exposição colectiva Octogonal, a peça com a iluminação centrada no avertesma acabou por acentuar melhor a mensagem (fig.85) e (fig.86).

Em Março iniciei o projecto da segunda ideia que tive que viria chamar-se *I can't breath*. Esta instalação é composta por 5 esculturas de pequenas dimensões, todas feitas a partir do barro castanho sem nenhuma estrutura (algo que viria a arrepender mais tarde pois os dedos das mãos partiram-se devido a sua fragilidade, já as reparei mas para mim parece que perdeu um pouco do seu valor) usando o meu corpo como referência para a criação das posições e da anatomia sem que ficassem semelhantes a mim. Nas feridas abertas que infligi em cada uma das figuras, coloquei argila cinzenta quando o barro ainda estava molhado assim quando secasse ele se agarraria melhor ao barro castanho, essa argila cinzenta representa sangue.

Todas elas têm cabelo falso trançado ao seu redor como se fosse a água que as rodeia, o cabelo para mim tem um significado forte por causa da história bíblica do Sansão que a minha mãe contava-me quando era pequena e as histórias de bruxos/as que usam o cabelo dos seus inimigos em poções e magias para matá-los ou amaldiçoá-los.

Este grupo escultórico representa um pensamento que muitas vezes esquecemo-nos, de que somos nós próprios por vezes causadores da nossa própria dor e prendemo-nos a ela com tanta força esquecendo que também somos nós que determos a chave para a nossa liberdade. Assim esta instalação representa de forma simbólica um mergulho propositado para a dor (fig.87), (fig.88), (fig.89) e (fig.90).

Em 2017 no mês de Abril, como não conseguia estar em pé ou sentada, por resultado de uma medicação forte, decidi pegar no meu caderno de esboços e fiz um auto-retrato seguindo apenas a minha memória (fig.91).

O desenho ficou mais semelhante a uma caricatura do que um desenho realista, desenhei-me com os braços atrás da cabeça pois é uma posição que adoro fazer desde pequena porque sinto que me traz algum alívio, até quando ando na rua por vezes dou por mim a fazê-lo nos meus momentos de distraimento, o vestuário é semelhante às roupas que eu tenho na actualidade.

O retrato foi feito a partir dos grafites 2Hb (usado no esboço do desenho), 6b (nos sombreados da face) e no final 8B (no sombreamento do vestuário, os olhos e cabelo).

O desenho consiste numa cabeça exageradamente grande e de um corpo pequeníssimo sem nenhuma estrutura anatómica, dum espaçamento entre a boca e o nariz maior do que é suposto onde a boca e o nariz detêm um sombreado mais ou menos realista mas os olhos não, alias até têm uma linha mais carregada. Com o lápis 6B delinee o corpo todo por vezes não seguindo a linha de esboço, mas como gostei do efeito que ambas as linhas faziam optei por manter ambas.

O sombreamento do cabelo é um conjunto de linhas e sombras sem esbatimento, feitos com o lápis 8B, onde carreguei mais onde o cabelo tocava a face. Em baixo do desenho, com a mesma grafite escrevi Medicamentos são drogas porque era o que estava a sentir em relação aos que tomara e me deixara naquele estado dormente.

Quando a dosagem da medicação me fo diminuída, começaram a surgir-me manchas nas pernas que pareciam nódoas negras.

Elas levaram-me à ilustração de dois desenhos que contam duas visões de perspectivas diferentes sobre o que eu achava sobre delas.

O primeiro, desenhei a lápis 2HB as minhas pernas e a aguarela, à volta delas, desenhei uma espécie de galáxia porque era o que essas coloridas manchas pareciam e lembravam-me.

No segundo, desenhei-me a mim própria a olhar-me para as pernas com lápis 2HB nas linhas do esboço, e com o 8b no final sombreei a parte superior do corpo.

Os dois desenhos mostram que enquanto eu via tudo ao olhar para a minha galáxia privada, quem olhasse para mim não via nada (fig.92) e (fig.93).

Por viajar diversas vezes de meio de transportes públicos comecei a reparar mais nas pessoas e dei comigo a reparar em repetições de gestos, conversas, em diferentes momentos e pessoas, mas que pareciam cópias do que já foi feito.

Refleti mais sobre esse assunto e vi que não era só nas pequenas coisas físicas que os seres humanos repetiam-se, nas psicológicas, nas ideias, nas vontades e nos desejos.

E assim decidi que o meu trabalho final de mestrado seria sobre esta reflexão e que lhe chamaria "A repetição do Eu".

No complexo pedagógico, nós, os alunos de artes visuais, costumamos criar exposições em que qualquer pessoa pode participar, e nos finais de Abril fizemos uma com a temática do 25 de Abril.

Para esta exposição fiz vários esboços até chegar à ideia de fazer uma escultura que se desfizesse na água e dentro dela demonstrasse outra escultura ou objecto (fig.94).

Então peguei no símbolo da liberdade do 25 de Abril, o cravo, fi-lo em barro e dentro dele na parte da cabeça da flor pus um soldado de brincar de plástico com pregos na sua base, para evitar que quando fosse submerso em água ele não flutuasse. Por baixo da flor e na zona exacta onde estava o soldado pus uma base em barro assim quando a flor se desfizesse, o soldado iria parecer que estava em cima de um cume.

Pinte a flor de tinta vermelha acrílica já sabendo que ela sairia e ficar concentrada na base do aquário e também tinha a noção de que quando as pétalas do cravo caíssem e se destruíssem, iriam parecer rochas, fazendo com que o soldado no final parecesse estar num campo de batalha rochoso cheio de sangue. Tudo isto resultou como esperava apesar de nunca ter feito algo assim.

Devido às notícias sobre a tensão existente entre a América e a Coreia do Sul e de uma possível III Guerra Mundial, fiz esta peça devido a essa possibilidade de quebra de paz e o que vem com ela (destruição e morte) (fig.95) e (fig.96).

Em Maio comecei a sentir-me aborrecida em relação a alguns dos meus trabalhos realizados na licenciatura, ou porque sentia que em alguns deles faltava alguma coisa ou porque achava que a sua concepção não correspondia com aquilo que tinha em mente. Sempre quando sinto esse tipo de aborrecimento, concretizo uma destas três hipóteses, ou os jogo fora ou tento melhora-los até ficar satisfeita com a sua forma ou tento transformá-los em algo novo e o resultado desse aborrecimento dessa vez foi a terceira opção.

Como já tinha tido a ideia de fazer brotar de uma pessoa os seus pensamento num estado físico, e tinha o busto que fiz do meu colega Gonçalo Rodrigues para a disciplina de escultura da licenciatura (onde tivemos de recriar de forma exacta a cara do colega que estava sentado

à nossa frente), decidi que era uma óptima maneira de modificá-lo. Então com uma goiva grande fui escavando o lado direito do busto até o buraco ter o tamanho que desse para encaixar uma pedra redonda, que me foi oferecida pelo meu pai com a outra mais pequena que ele trouxe-me numa viagem.

Quando concluí que o tamanho do orifício já tinha o tamanho adequado, encaixei-lhe a pedra e encostei a outra mais pequena ao pescoço por baixo da outra, fazendo com que desse a sensação que elas estavam a sair de dentro do busto cabeça, titulei-o de *o Homem pérola* (fig.97).

Ainda assim separei vários trabalhos dos quais alguns joguei fora e outros se encontram em saco para vender ou oferecer.

Em Junho fiz uma revisão geral aos desenhos que fiz no sketchbook, para ver se se achava no meio das ideias que costumo apontar ou referências para o trajecto a seguir nas próximas obras. E assim reencontrei o desenho do meu auto-retrato que fiz em Abril, nele também achei apontamentos de como fazê-lo em escultura (esses apontamentos diziam que tinha de pôr dentes em fios de cabelo real na cabeça da escultura).

Decidi quase de imediato usar essa escultura no projecto de finalista de mestrado, mas que para ela se adaptar ao tema que escolhera teria de fazer mais e já que esta era uma escultura de mim, as outras que iria fazer deveriam ser elementos da minha família pois quem melhor do que a minha família para refletir as minhas repetições e eu as deles.

Com tudo já decidido, para facilitar-me o trabalho pedi ao meu irmão que me enviasse fotos em que estivesse de frente, de costas e dos dois lados de perfil, e eu mesma tirei-as à minha irmã e aos meus pais com o telemóvel.

Porque sempre que faço uma escultura gosto de desenhá-las era por aí que ia começar, mas tive que adiar o início da criação artística para uns dias mais tarde porque nesse mesmo mês participei da exposição de finalistas Momento onde exibi os trabalhos *I´can´t Breath* e a peça *De mãos vazias perante a morte*, e tive que fazer uma preparação de trabalhos para levar a uma entrevista televisiva em Lisboa, para o programa televisivo Bem-Vindo do canal da RTP África.

Levei para lá um protótipo da minha escultura pássaro Azul (criado em Março para exposição colectiva "Se eu foice" (onde o tema de trabalho de cada um foi retirado à sorte, calhando-me o tema pássaro azul, então fiz uma pesquisa e dela achei um poema de Charles Bukowski chamado pássaro azul e decidi fazer uma reinterpretação dessa obra poética, que resultou numa escultura de uma pessoa sofrendo por esconder a sua verdadeira essência negando-se à liberdade sendo essa essência representada pelas penas azuis que lhe saiam das costas) (fig.98), o outro trabalho que levei fi-lo em continuação da pesquisa do trabalho *I can't Breath*, esta peça consiste em dois pés com feridas abertas à frente como que se o dono dos pés permitisse que as pessoas vissem as feridas das dores que sofreu ao caminhar por este mundo (fig.99) e (fig.100).

Ainda apresentei alguns dos meus sketchbooks com trabalhos recente e trabalhos tradicionais que já há algum tempo não faço porque já não me satisfazem como antes.

Durante a entrevista senti-me super nervosa pois uma das coisas que mais me incomodam é ser o centro das atenções e ali eu era o foco, mas foi interessante mostrar o que faço e dar a entender às pessoas que a arte é algo mais do que pinturas, esculturas e pinturas realistas ou clássicas.

Na viagem de retorno a Faro de comboio, como tinha 3 horas livres achei que seria uma boa oportunidade para fazer os desenhos da minha família. Comecei pelo meu pai, como não olhei com atenção como fiz o primeiro, este saiu visualmente distinto dele (fig.101).

As linhas de contorno ficaram mais carregadas, as sombras mais exageradas na cabeça, mas a estrutura anatómica ao menos ficou semelhante (a cabeça muito maior que o corpo), penso que a culpa dele ter saído tão diferente em termos de estilo também foi a demasiada atenção que prestei à fotografia tirada ao meu pai de frente, comecei a distrair-me e a criar sombras mais detalhadas em vez de mais simples.

Como no primeiro dei início à criação do esboço com o lápis 2HB depois ao passar para o 6B, fiz as sombras da face, do gorro e o contorno do desenho. Com o 8B escureci ainda mais o sombreado do gorro, da barba e da linha de separação dos lábios, pelo menos acertei na configuração dos olhos.

A pose dele esta semelhante ao que o meu pai costuma fazer quando esta deitado a pensar, braços, um em cima do outro sobre a barriga e pernas cruzadas.

As roupas são semelhantes ao que ele costuma usar nos dias de trabalho.

Poderia ter refeito o desenho mas achei que não valia a pena já que estes retratos apenas servem como um meio de auxílio na visualização da forma da escultura, para não perder-me na sua criação em barro e fugir da sua ideia inicial.

Depois de terminar o segundo desenho passei para o terceiro, agora mais atenta a não cometer os mesmos erros do anterior.

Usando como referência a foto do meu irmão, esbocei o novo desenho a grafite HB2, passando para o 6B com o qual sombrei e contornei a figura toda exceptp na parte da barba e do cabeça, passando por vezes por cima da linha de esboço, que tal como no primeiro deixei ficar as duas linhas visíveis. Com o lápis 8B sombrei o cabelo, a barba do queixo, a íris e o contorno dos olhos. O vestuário é parecido ao que o meu irmão costuma e a pose é semelhante a como ele fica quando se senta no chão de perna esticadas e um pouco abertas com o tronco levantado com ambas as mãos no chão para apoiar-se (fig.102).

Apenas consegui terminar estes dois desenhos nesse dia.

Escrevi em ambos frases que descrevam o vício de cada um deles mas prefiro não revelar pois não tem nenhuma relevância para o trabalho e faz parte da privacidade deles.

No mês de Julho veio as férias e com ela alguns dos meus familiares, então pus de parte esses trabalhos e passei a preservar esses com momentos, desenhando-os, como a paisagem de um dia de praia na Fuseta feita na hora e numa tentativa rápida com poucos pormenores, com apenas um grafite o 2HB (fig.103).

Depois noutra dia porque senti falta de cor e de pintar, quando fui para a praia da Armona, tive a intenção de utilizar aguarela, mas como esqueci-me da caixinha com as cores, fiz só o esboço a 2 HB de uma criança que boiava na sua boia de orca.

Em casa lembrei-me que há muito que não utilizava os tubos de guaches que tinha e usei-os para colorir o esboço que fiz da menina na praia, quando terminei adorei ter voltado às cores mas não fiquei completamente realizada devido a opacidade da tinta (fig.104). Então voltei a tentar pintar com aguarela no sketchbook com desenhos aleatórios só mesmo para sentir as cores, desenhei uma mulher com um vestido e mascara de pássaro com as cores aqua e verde-

claro e o outro desenho foi um dragão com verde com duas rosas uma vermelha, laranja e magenta e a outra era amarela escura e claro (fig.105) e (fig.106).

Em Agosto continuei a fazer os desenhos da minha família recomeçando pelo retrato da minha mãe, e seguindo a referência da foto dela e as técnicas e materiais do primeiro desenho comecei por fazer o esboço grafite 2HB criando a mesma estrutura anatômica da cabeça grande e do corpo mais pequeno. Depois com a grafite 6B fiz o sombreado e o contorno da mesma forma que o desenho anterior e por último usando o 8 B, os olhos foram preenchidos, o sombreado do cabelo e alinha de separação dos lábios.

Para o vestuário, confeccionei uma toga pois é algo que a minha mãe costuma vestir, a pose é como ela costuma ficar quando esta pensativa (com a mão esquerda sobre o queixo e a outra a repousar sobre a barriga enquanto esta de pé) (fig.107).

Passados dois dias fiz o desenho da minha irmã com as mesmas técnicas e materiais que utilizei no da minha mãe.

Tal como nos outros desenhos-lhe numa pose que a minha irmã costuma fazer quando está deitada (uma perna esticada e a outra semi levantada e os braços ligeiramente dobrados um pouco afastados do tronco), a vestimenta é semelhante aos que ela usa (fig.108).

4.2. Segundo ano de mestrado

No final desse mês acabei o sketch book e no início do primeiro semestre, comprei de tamanho a5, achei melhor comprar um que desse para desenhar em panorâmico porque era algo que à muito desejava experimentar e visto que finalmente encontrei um local que o vendia, obtive-o logo.

Algumas complicações obrigaram-me a mudar os planos e isso levou-me a um desvio da minha percepção da vida nesse mês para um lado mais negativo, resultando na criação de sketches muito depressivos de locais onde passei mais o tempo, de auto-retratos feitos a grafite 6b (um dos grafites mais escuros) a escolha dessa grafite que é muito escura foi aleatória, mas talvez como me sentia num lugar mais escuro talvez quisesse passa-lo cá pra fora.

No primeiro desenho apenas retratei a torneira com o cabo da mangueira, os meus pés sobre o tapete no banho, enquanto a água escorria pelo corpo até ao ralo (fig.109).

O segundo desenho sou eu deitada na minha cama apenas envolta dos meus lençóis enquanto durmo (fig.110). Os dois desenhos foram feitos a partir da minha memória e imaginação, pois eu não consigo ver-me a mim própria de costas a dormir.

Depois de ter feito os desenhos, aquela necessidade de ver cor nos meus trabalhos fez-me adicionar a minha cor favorita, aqua a caneta de feltro, sem pintar de forma completamente linear mas a rabiscar, da mesma maneira que fiz com o grafite no segundo desenho, pinteí círculos no tapete e pinteí os lençóis do outro desenho, olhando para os sketches ainda dão - me a sensação de que lhes falta algo mas vou mante-los assim por agora.

Coparticipei da exposição "Sotavento" no Hotel Vila Galé em Tavira onde levei a peça *Chá das 24:00*, pois era a única obra que conseguiria combinar com as cores e a iluminação da sala da exibição e por ter as cores quase neutras também combinou com as peças dos meus outros colegas artistas.

Perto do meio do mês tentei, vendo a minha irmã deitada no sofá, desenha-la no sketchbook, impus-me o desafio de tentar captar em 5 minutos as formas dela a grafite sem levantar o lápis, porque eu gosto dessa coisa, de que com poucas linhas consigo mostrar muito (fig.111).

Comecei a desenhar com cores outra vez, usando aguarela desta vez devido à facilidade em que se pode mistura-la, criar os sombreados, e as cores depois da secagem não ficam tão opacas, criando para mim sensações suaves e vivas.

Ainda gosto de misturar caneta preta de ponta 0.5 ao desenho de aguarela, por ser algo que se vê bem por baixo e com o qual posso usar as técnicas de riscado e linhas, semelhantes às técnicas que utilizo com grafite (fig. 112). Uns dias mais tarde comecei a tentar recriar o desenho do meu auto-retrato em três dimensões no primeiro semestre do último ano do mestrado.

Começando pela estrutura, enrolei uma bola de jornal com 2 folhas inteiras sob o formato de esfera e prenda-a com fita-cola de plástico para não se desfazer (fig.113).

Quando fui cobrir a esfera de jornal com o barro deparei-me logo com o problema de que este estava quase seco e imaleável tendo assim como única solução, revive-lo, pois por questões financeiras não me era possível comprar naquele momento, novos blocos de barro.

Então peguei no bloco seco de barro que tinha aproximadamente 10kg cortei-o ao meio em dois blocos retangulares, arranjei um recipiente de plástico e submergi-os em água durante aproximadamente 24h.

Depois retirei-os do balde com água e amassei o barro até que ficasse completamente maleável, espalhando-o sobre a mesa e alisando-o com uma garrafa de vinho pois experimentei com rolo de cozinha de madeira mas o resultado não foi eficaz por criar na superfície várias linhas provocadas pelas ranhuras da madeira do rolo.

De seguida pegando no barro alisado enrolei à volta da bola de jornal até que ter uma bola de barro e fui adicionando barro até ter o formato da cabeça do desenho, fiz covas onde ficariam os olhos e adicionei mais barro onde viria a estar o nariz. E por aí comecei a esculpir com uma agulha grande as formas da face, os lábios, o nariz até que voltei a adicionar barro nos buracos para os olhos e filo. Depois com um fio de pesca cortei a cabeça da escultura um pouco acima das sobrancelhas para retirar a bola de papel que dentro dela está e voltei a fechá-la.

A seguir fiz um rolo de argila com um palmo de comprimento e três dedos de espessura 4 dedos de largura, dividi as partes que serviriam de membros superiores e inferiores e juntei fazendo linhas na parte onde seria o pescoço da escultura tanto na cabeça como no rolo ambas as partes. Depois acabei por moldar os braços e as pernas com a pose do desenho e com o vestuário (fig.114).

No fim coloquei na cabeça da escultura cabelo que comprei no cabeleireiro, cabelo falso ou tisagem, de cor castanho-escuro, esse cabelo não era novo era sobra do que tinha usado para as escultura de *Olhos ferem-se com a realidade dos nossos deuses ou demónios*, por isso que não ficou com um aspecto liso, coloquei pequenas quantidades em cada buraco que fazia ao empurrar com a agulha (de tapete) o cabelo para dentro da escultura, e repeti esse processo até a cabeça ficar coberta de cabelo, excepto a parte de baixo da cabeça, que por não vir a ser exposta não necessita de ser coberta.

E assim terminei a primeira escultura do que viria a ser um novo grupo escultórico.

Em Outubro fiz um desenho influenciado pela maneira de desenhar rápido do retrato da minha irmã feito em 5 minutos, que me fez retornar aos desenhos de silhueta com esferográfica preta, só que desta vez adicionei nalgumas partes duplicação as linhas, quase como fiz no desenho do meu auto-retrato de mestrado, em que uso dois grafites diferentes, um para fazer o esboço mais suave e depois com o mais escuro de forma imperfeita, passo por cima, deixando no final expostas as duas linhas de grafite.

Assim como no desenho de grafite deixei expostas as duas linhas feitas com a mesma caneta. No fim ainda adicionei cor com uma caneta de feltro com a cor aqua, para tentar demonstrar a emoção provocada pela pessoa que retratei (neste caso a pessoa retratada é Jean Basquiat) (fig.115).

Particpei de uma iniciativa chamada *Inktober*, criada pelo ilustrador Jake Parker, cuja regra é que durante o mês de Outubro durante todos dias ou dias regulares da semana se desenha com o material que a pessoa desejar só que têm de partilhar nas redes sociais o trabalho finalizado com o nome *#inktober* e o dia de Outubro em que ele se situa.

Para me facilitar o trabalho pus dentro de uma caixa vários papelinhos com temas diferentes, assim cada dia ia tirando um e ia desenhando algo com base no que dizia esse papel.

Um dos exemplos que posso dar é do primeiro desenho, em que o tema que calhou-me foi OVNI, achei que seria engraçado os extraterrestres serem apanhados de surpresa quando um OVNI (uma nave espacial de humanos) esta prestes a aterrar na sua atmosfera.

Os materiais predominantes que usei durante essa iniciativa foram a aguarela, as canetas de feltro, e a caneta preta.

Esta iniciativa é um pouco complicada pois ter de desenhar regularmente até quando não apetece e tentar arranjar ideias para a criação da imagem do tema é mais difícil do que parece, mas ainda assim consegui completar a tarefa. Isto ajudou-me a melhorar no desenho em termos técnicos nos diferentes materiais que usei (fig.116), (fig.117), (fig.118), (fig.119) e (fig.120).

Comecei a ter dúvidas se deveria apenas fazer esculturas ou se deveria incluir desenhos no projecto final pois ele esta a sair-me mais facilmente que a escultura.

Vou ver se consigo criar mais experiências de desenho com barro e tinta mas que consiga englobá-lo na temática do trabalho.

Em Novembro continuei a concepção das esculturas da minha família, fiz logo 4 bolas de papel de jornal cada uma contendo apenas uma folha inteira que preendi com fita-cola de papel, para evitar que as sua forma se desfizessem.

Na primeira esfera de papel esculpi o meu pai, seguindo o desenho que anteriormente fizera dele. Para fazer as transições suaves entre as partes laterais com a da frente da face e a parte de trás olhei para as fotos que tirei dele antes do desenho.

Assim a escultura não ficaria com um aspecto bidimensional, isto foi algo que na aula de escultura aprendi com o professor Doutor e meu orientador Rui Sanches na licenciatura.

Fiz a escultura seguindo o processo que usei na primeira peça, até o cabelo e a barba pus da mesma maneira só que no final cortei o cabelo e a barba até ficarem com o aspecto semelhante ao que o meu pai tinha nas fotos. A pose fiz igual ao que desenhei com os braços e pernas cruzadas (fig.121).

Depois da secagem, notei que o cabelo e a barba, caíam se eu não tivesse cuidado, por isso quando tive de modificar a forma de implantar o cabelo.

Esculpi a escultura do meu irmão com o mesmo processo que da escultura do meu pai mas como disse na parte do colocação do cabelo, tive de tentar outra solução e experimentei fazer do seguinte modo, dividi o cabelo em várias mechas compridas e dei nós nas suas extremidades, a seguir medi 4 cm de tamanho nelas para que não tivessem um tamanho nem demasiado pequeno nem demasiado grande, dando-me liberdade para quando as metesse na cabeça ainda poder corta-las até ao tamanho que visse que estava adequado à peça.

Pus o cabelo na cabeça empurrando os nós de cabelo para dentro da escultura com a mesma agulha que se antes e no fim cortei as mechas até estar parecido com o penteado e o estilo de barba que o meu irmão tinha nas fotos.

Na pose fi-lo com um braço a apontar para cima, o outro no chão separado do corpo e as pernas esticadas (fig.122), (fig.123), (fig.124), (fig.125) e (fig.126)).

Passado uns dias esculpi a escultura da minha mãe, na parte da cabeça decidi implementar o mesmo processo que da escultura do meu irmão só que desta vez colocaria o tronco preso à cabeça após colocar o cabelo porque senão iria atrapalhar-me na hora da colocação do cabelo que era mais comprido que o das outras esculturas (fig.127).

Após a conclusão das esculturas, distraidamente a ouvir música tentei desenhar as sensações que as músicas que ouvia me transmitiam através de linhas e cores, utilizando como materiais marcadores coloridos no sketchbookA5.

No primeiro desenho algumas linhas parecem-se com caracteres de uma língua asiática, desenhei com as cores preta, amarelo, verde e cor-de-laranja. Quanto mais turbulências tivesse a linha mais agitada a música era, e as cores quentes representam sentimentos positivos e as cores frias os sentimentos mais negativos. Desenhei-as nas folhas com a orientação na horizontal da esquerda para a direita como fazemos nas leituras (fig.128).

No segundo desenho usei as cores amarelo, cor-de-rosa, laranja, preto e verde, já este não tem formas tão abstractas nas linhas, e detém 3 formas figurativas (fig.129).

Dias mais tarde pintei um quadro com tinta acrílica, fiz a minha silhueta de cabeça para baixo com as cores pretas e cinzentas, ensopei o pincel de tinta a mais com o intuito, de que quando virasse o quadro ao contrário a tinta escorreria para baixo.

À sua volta com as mesmas cores que usei nos desenhos anteriores (amarelo, verde, laranja) mais o vermelho, azul e dourado, pintei triângulos, linhas, círculos e semi círculos e apenas um círculo quebrado a dourado. E onde as formas intersectam com a silhueta, nessas intersecções pus tinta a escorrer para baixo (fig130).

No fim todo o quadro foi coberto por um verniz matte.

O último desenho deste mês que efectuei foi numa folha A4 do caderno de aguarela da Canson, onde coleí primeiro algumas linhas de fita-cola de papel aleatórias, depois com pastel a óleo da Caran d'Ache criei a primeira silhueta a preto de mim deitada, com as pontas dos pés pintadas de vermelho, a seguir com pastel a óleo azul fiz outra silhueta mas numa posição diferente e pastel púrpura pintei as pontas dos dedos. Com o amarelo desenhei outra silhueta só que nesta, preenchi as partes que ficavam do lado de fora das outras silhuetas de amarelo e nas pontas dos dedos de verde.

Com aguarela fiz uma mancha ocre por cima da última silhueta, pinte de aqua a silhueta preta e de rosa a silhueta azul passando por fora das linhas (fig,131).

E finalmente criei a escultura da minha irmã com o mesmo processo que o da escultura anterior acabando a serie do primeiro grupo (fig.132), (fig.133), (fig.134), (fig 135) e (fig136).

Em Dezembro recebi um pedido de um casal amigo para lhes fazer um desenho a meu gosto e então tentei trabalhar sobre o que a relação deles me transmitia.

Desenhando numa folha A4 de aguarela também da canson e usando o pastel a óleo, a aguarela, fita-cola de papel e agora o pedaço de barro seco criei silhuetas do mesmo casal em 3 posições diferentes com diferentes cores que representam diferentes estados emocionais, excepto o casal de joelhos que as silhuetas se tocam e são ambas negras pois por se tocarem influenciam-se a sentir o mesmo, dai elas não terem cores diferentes como as outras.

À sua volta encontram-se linhas feitas a partir do barro com formas circular e formas triangulares, estas formas simbolizam o equilíbrio (fig.137).

Influenciada pelos dois últimos desenhos anteriores criei um Desenho em grandes dimensões no papel craft, com pastel a óleo amarelo, verde, preto e azul, tinta acrílica branca, guache diluído em água de cores verde, cor-de-laranja e cor-de-rosa e 2 misturas de barro com água e cola branca em que uma é apenas castanha devido à cor natural do barro e a outra castanho-escuro porque misturei-lhe tinta preta acrílica.

Deitei-me sobre o papel e com o pastel a óleo preto desenhei a minha silhueta contornando-me, a seguir fiz outra posição e contornei outra vez com a mesma cor, a terceira silhueta contornei apenas algumas partes que ficavam fora das outras silhuetas de amarelo e umas partes de azul.

Dentro da primeira silhueta preta desenhei linhas que expressavam as minhas emoções e elas saíram sob a forma de linhas diagonais verdes.

As pontas dos pés e das mãos foram pintados de cores cor-de-rosa, cor-de-laranja e verde e depois de secas cobertas com cola escolar para dar um pouco de brilho.

A volta das silhuetas, com o barro líquido misturado com tinta preta pinte a folha toda excepto algumas partes menores que pinte com o barro líquido que não tinha tinta.

No centro do desenho a tinta acrílica branca fiz linhas geometrizadas por cima do desenho (fig.138).

Como queria pôr dentes nas esculturas para o mestrado e queria eles fossem o mais realistas possível, pensei em várias opções a primeira seria utilizar dentes de porco ate pedi ao talhante do minimercado que me desse alguns dentes só que no dia que lá fui eles não tinham e disseram voltar lá passado uma semana, e assim os fiz, mas quando os não gostei do aspecto que tinham por serem super pequenos e mais afiados do que esperava.

Então pensei em criar moldes de dentes humanos e fazer várias réplicas de dentes, até que um conhecido me emprestou o molde que fez no dentista para que eu pudesse fazer um molde do molde só que também tinha a parte da gengiva e eu queria os dentes com as partes da raiz. Comecei a esculpi-las, em barro para depois tirar moldes e assim criar varias cópias só que como estava curiosa para ver já a escultura do meu auto-retrato com os dentes, fabriquei muitos dentes em barro e pintei-os de branco com tinta acrílica com duas Camadas porque com uma a cor quando secou ficou meio creme. No dia seguinte após secarem quando os juntei às escultura não gostei do quão opacos eram, pois os dentes reais são um pouco translúcidos. Então pesquisei na internet se existe algum material branco mas translúcido que pudesse utilizar e achei o FIMO, que é vendido nas papelarias, mas que para meu azar nenhuma na minha cidade e em Faro tinham pois estavam ou esgotadas ou não vendiam por fazerem parte do FIMO com efeito e não normal e só aceitariam fazer encomenda se fosse em grande número mas o preço não era algo que eu pudesse pagar.

Agora a minha única solução é criar mais dos dentes em barro ou fazer réplicas com moldes (fig.139).

Janeiro, Fevereiro e Março em termos de criação artísticos foram péssimos mas de adquirir ideias ótimas, porque pude desenhar ideias para esculturas e desenhos só que não quero faze-las ate acabar este projecto.

Nesta altura comecei a nadar na piscina por aconselhamento médico. Adoro mergulhar e ver as pessoas debaixo de água, a sua forma tremida a mexer-se que parecem que estão a voar, as bolhas que se formam à volta delas e as linhas tortas por cima delas criadas pela turbulência na água ao olharmos para o tecto, dão-me ideias para novos trabalhos. Um dia

também vi um rapazinho fora da piscina a desenhar no embaciamento do vidro, tão despreocupado os seus desenhos eram livres, simples mas contavam histórias.

Em Abril a minha saúde começou a melhorar, mas fugi para o desenho, visto que a escultura começou a parecer-se mais com obrigação.

Retornei à cor e à caneta no início, recriando objectos do quotidiano usando a técnica das duas linhas (a do esboço e a final ficarem ambas visíveis) e adicionando cor no final em alguns detalhes (fig.140).

A seguir passei para caneta e aguarela desenhando com caneta o espaço em volta, e em mancha com aguarela fiz vestígios que davam pistas de serem pessoas retratadas dentro do espaço criado a caneta, sendo acrescentada mais mancha dentro de objectos que mais atenção me chamavam (fig.141).

Dias mais tarde retornei às figuras das silhuetas que de início fazia apenas com uma cor (a preta) e que mais tarde comecei a fazer mais silhuetas umas em cima das outras mas com cores diferentes cada uma (silhueta) (fig.142) e (fig.143).

Depois voltei a treinar a técnica dos esboços básicos da anatomia, desenhando pessoas que circulavam nos espaços onde me encontrava usando como material o grafite e 2HB. Porque acho necessário não esquecer de como fazer isto em desenho pois também uso para a escultura nos meus esboços e também porque nunca se sabe de quando podem ser úteis estes conhecimentos (fig.144).

Numa visita de estuda a um museu de Espanha, fiz um desenho onde inclui pela primeira vez a fita-cola de papel, que gerou depois algumas experiências com esse mesmo material.

O meu trabalho foi resultante do estado de espírito em que estava naquela altura, que era de raiva e cansaço então quis passar esse grito silencioso que estava dentro de mim, que a qualquer momento poderia sair.

Usei como materiais a fita-cola de papel, que cada vez que tirava uma tira, dava com ela um volta ao pedaço de papel que nos foi entregue para fazermos o trabalho, escrevia nela a caneta preta os pensamentos que me ocorriam naquele momento quando achei que as camadas umas em cima das outras sobre o papel era o suficiente, cortei com tesoura um símbolo que se assemelha a um apóstrofo, ainda achei necessário manchar o papel de tinta-

da-china com uma esponjinha e no final escrevi caracteres inventados com lápis branco (fig.145).

Dessa experiência adorei usar a fita-cola de papel e não é a primeira vez que a utilizo nos meus trabalhos, mas foi a primeira em desenho e foi algo que achei que deveria de explorar mais.

Nos finais de Abril por conta de experiências negativas que tive com pessoas do sexo masculino fiz um trabalho numa folha A3 de desenho da marca Canson onde introduzi manualmente, frases a grafite 8B (com a letra da qual não costumo usar conhecida letra da maquina) frases que levam ao que mais me magoou nas atitudes, gestos ou palavras de alguns.

Depois em cada frase coloquei uma tira de fita-cola, e de seguida voltei a descolá-la e a colá-la ou mais a cima ou mais abaixo até que a fita-cola criasse 3 cópias das frases, fiz isso em cada frase.

Depois com lápis de sépia escura criei riscos e ligações que demonstram como lidei com as situações, e se algumas foram mais complicadas que outras de ultrapassar e também da passagem de uma para outra e/ou a sua ligação que tipo de efeito teve em mim, quanto mais tremida a linha pior foi a minha passagem por elas.

No fim passei com uma barra de carvão mas na verdade a minha vontade era passar uma borracha preta, mas como as memórias não se apagam facilmente e algumas tornam-se manchas desconfortáveis nas nossas vidas, ficou a mancha de carvão (fig.146).

No desenho que realizei a seguir, incluí outra vez palavras e fita-cola numa folha A3 cavalinho com palavras que levam a pontos e temas de conversas que passam na cabeça de provavelmente quase todo ser humano que refletem sobre a sua essência, o que esta a sua volta. Escritas com pedra de barro que deixei secar com uma forma triangular que moldei previamente já com o intuito de usa-la para desenhar, a seguir com guache misturado em água fiz várias voltas com o pincel rapidamente, desfiz um pouco de barro em água e criei uma mancha de linhas curvas e grossas, no centro dela coleí várias camadas de fita-cola de papel e no fim, no centro das camadas esfreguei barro castanho fresco nela e com uma ferramenta para escultura que na extremidade se assemelha a uma pequena faca comecei a cortar a parte do centro até chegar à folha.

Por pensar que equilibraria melhor a folha, no canto inferior direito fiz uma mancha com o barro que usara para esfregar na fita-cola (fig.147).

No último desenho que fora criado no mesmo dia que o anterior, usei os mesmos materiais que o anterior excepto a fita-cola.

Desenhei primeiro a figura que se assemelha a um pássaro (pássaro começou a surgir de vez em quando nas minhas ideias desde do acidente rodoviário que sofri à 2 anos, ele para mim representa a morte) mas ao mesmo tempo a uma pessoa, usando o pedaço de barro que deixara secar propositadamente criei apenas com linhas essa imagem e depois preenchi as partes laterais com linhas verticais, e no que é o tronco da figura com mancha, começando por no início essa mancha ser mais esfumada e carregada mas gradualmente foi ficando mais leve deixando ver os riscos diagonais que tinha criado anteriormente dentro dela. Por baixo dela criei mais algumas formas meio que geometrizadas com linhas horizontais dentro de figura maior e manchas na outras que estavam nas pontas da figura central, do lado esquerdo preenchi com mancha castanha do mesmo barro que do tronco, quanto que o lado direito foi preenchido com guache preto misturado em água saindo por vezes da delineação feita com o pedaço de barro seco.

A volta dessa figura central do lado esquerdo pintei tudo com linhas verticais a guache preto diluído em água sem passar as linhas da figura central e do outro lado fiz a barro seco círculos irregulares, e dentro de alguns pintei círculos a guache negro diluído em água e quando secou o desenho todo, ainda passei linhas intercalares de barro seco sobre as manchas verticais do lado esquerdo criando listas de cinzento e castanho.

O produto final faz-me lembrar algo de origem africana e cubista (sabendo que o cubismo tem algumas influências nas máscaras africanas até que faz um certo sentido) (fig.148).

Em Maio, porque pretendo incluir no projecto de mestrado um grupo de esculturas suspensas no ar, comecei a criar uma estrutura que pudesse sustentar o seu peso.

Comecei por criar uma estrutura de papel como fiz nas anteriores, amachucando 1 folha de jornal até que ficasse com a forma sólida de uma esfera (para servir de suporte para a cabeça) e juntei-lhe outra folha, onde com um quarto da folha cobri a esfera sem a cortar e

com o resto dela comecei a formar aquilo que viria a ser as perninhas e o tronco do corpo, no fim, para que não se desfizessem a estrutura de jornal, enrolei-lhe fita-cola de papel (fig.149).

Para a continuação da estrutura, iria cobrir a parte feita em jornal com arame de galinheiro e no fim, pôr duas argolas de arame na cabeça e na parte do tronco, antes do início das pernas, mas comecei a ter dúvidas se seria boa ideia manter a estrutura de papel dentro do arame pois iria ser posto dentro de barro fresco e o papel absorver a humidade do barro e criaria bolor e poderia estalar a escultura então conclui que como nas primeiras esculturas o jornal teria que ser retirado.

Voltei a ponderar outras soluções, como talvez pôr apenas a estrutura de arame, mas o arame também com a humidade pode enferrujar, e outra solução seria voltar a ideia inicial das primeiras esculturas de pôr a estrutura de bola de jornal dentro das esculturas e quando a escultura estivesse já quase feita faltando apenas o cabelo, retiraria a bola de jornal e substituiria por uma estrutura de arame de galinheiro com o formato de metade de uma esfera com uma argola de arame no seu centro, onde prenderia seis raios de fio de arame para que ele ficasse mais firme e ainda preso a esse semi círculo, poria um fio grosso de arame, que dividido em dois, teria o tamanho do tronco.

Escavaria no barro a parte do tronco e enfiaria a estrutura de arame dela, a seguir abriria um buraco na parte de trás para passar a argola do semi círculo na parte de trás da escultura voltando a fechá-lo, mas com a argola de fora que serviria para passar o fio de nylon e pendurar.

Desenhei 3 esboços para esculturas que vi em sonhos (fig.150).

Para este grupo, pretendi usar como referência, imagens dos filhos dos meus primos pois eu e os meus irmãos ainda não temos nenhuns.

Pedi ainda no início deste mês os pais deles me enviassem fotos (de perfil em ambos os lados, de frente e de costas) dos seus filhos através das redes sociais, para poder desenhá-los e também esculpi-los, e assim eles o fizeram e eu pude retratá-los em desenho (fig.151), (fig.152), (fig.153), (fig,154) e (fig.155).

Porque o prazo da inauguração da exposição final se aproximava, decidi fazer no mesmo dia, as 10 estruturas para as esculturas que tinha em mente fazer.

Comecei por amachucar 6 folhas de jornal criando 3 bolas das 10 bolas que teria de fazer mas que por falta de papel de jornal, as outras 7 bolas tiveram de ser feitas de papel de revistas. Prendi cada esfera feita com fita-cola de papel amarela para que não se desfizessem e comecei a amassar o barro que tinha na sala de laboratório, esta apenas chegou para cobrir 3 estruturas (fig.156).

Então fui buscar barro a que os meus colegas já não iriam dar uso, mas porque eles o deixaram secar, tive que pô-los em recipientes de plástico com água para voltarem a ser revividos e assim utilizados (fig.157).

Encontrei um barro meio branco seco, que se desfazia com alguma facilidade, noutro momento o acharia inútil, mas neste caso é perfeito para experimentá-lo no grupo de esculturas que penso colocar no chão pois quero que tenham um ar mais quebradiço, velho e frágil com plantas a germinar delas.

Porque alguém quebrou as pernas de uma das minhas esculturas do primeiro grupo (a do meu irmão) fui obrigada a repara-lo e para fazê-lo utilizei cola UHU bisnaga.

Dois dias de ter posto os barros secos submersos em água, tive de retirar-los dos recipientes e amassa-los. Como cortei a minha mão esquerda tive de fazê-lo com apenas a mão direita o que é muito mais difícil do que pensei que iria ser mas ainda assim, consegui misturar a parte mais liquido com a mais solida ate ele ficar maleável (fig.158), (fig.159) e (fig.160).

No fim dividi o barro em blocos e guardei-os em sacos pronto para uso (fig.161).

Pus nas esculturas que se partiram, nas partes remendadas uma pasta que fiz de barro para disfarçar a cola.

Criei 5 formas base, com o barro de tom acinzentado para o 3º grupo escultórico, usando como estrutura as esferas de papel.

Nesse mesmo dia queria iniciar as estruturas de arame de galinheiro para o 2º grupo escultórico mas lembrei-me que precisaria saber o tamanho que elas iriam ter, por isso tinha de moldar primeiro as esculturas para as poder abrir e ver a forma e o tamanho que as estruturas deveriam ter.

Como queria germinar plantas para transplantar nas esculturas do 3º grupo, iniciei uma pesquisa, sobre como poderia fazer essas plantas germinarem mais rápido. Vi quais são as plantas que crescem mais rápido e o tipo de terra que deveria comprar, resultando na compra de 2 sacos pequenos de sementes de linhaça e 2 sacos médios de terra.

Recebi também uma proposta para participar na exposição de rua do festival MED, que tem lugar na cidade de Loulé e decorre no mês de Julho. O tema sugerido foi menir em honra do menir que lá existe.

Aceitei rapidamente a proposta porque tal como o curador (Vasco Nascimento) achou e eu também, este tema tinha muito a ver com os meus trabalhos.

Pesquisei logo para que serviam os menires, pois só me lembrava que serviam para marcar os túmulos e os locais sagrados, depois de ver a sua função estudei bem a figura do menir, a sua textura, a sua forma e o que me transmitia, porque para mim ele quase como uma escultura.

Comecei a desenhar uns esboços de possíveis esculturas, e a pensar no tipo de imagem que queria desenvolver, chegando à conclusão que queria falar sobre a dor, o sacrifício, do corpo, da vida e da morte. Visto que os menires também serviam para fazer sacrifícios, dos quais eles acreditavam que seriam recompensados (fig.162) e (fig.163).

Decidi que teria de dividir os dias para não me atrapalhar e quebrar a concentração quando estivesse focada na concepção das obras, então durante o dia ia para a universidade trabalhar na escultura do Festival e durante a noite em casa fazia as esculturas do mestrado.

Para a peça do festival dos esboços que criei, como fiquei em dúvida entre duas esculturas, decidi tentar fazer as duas, e depois escolheria aquela que melhor estivesse concebida e que me agradasse mais.

A primeira escultura queria que tivesse uma figura que se parecesse com um corvo e ao mesmo tempo um menir, que dela jorra-se um líquido branco ou vermelho ainda estava em dúvida sobre isso.

Inspirada no meu trabalho anterior *de Os olhos ferem-se com a realidade dos nossos deuses ou demónios*, sobretudo a parte do grupo escultórico que representava as religiões, em que as peças de barro representam Deuses com defeitos, achei que poderia criar um Menir

que prestasse respeito a um Deus inventado por mim e onde as pessoas podiam por moedas, pedir desejos ou se quisessem deixar alguma espécie de outra tipo de oferenda, perto dela poria algo escrito que desse a entender que poderiam deixar lá as oferendas e fazer os pedidos mas que elas é que teriam de fazer algo para realizá-las "se auto sacrificarem".

Para a sua concepção, comprei uma bomba de mão de água e um tubo pequeno, pois o tubo da bomba não tinha comprimento suficiente. Em seguida colei-as (a bomba ao tubo) com uma pistola de cola quente na sala de laboratório de artes visuais, lá ainda verifiquei se tinham um bom funcionamento, ou se tinha alguma fuga ou se a bomba conseguiria funcionar se os tubos estivessem na vertical.

Quando vi que estava tudo em ordem, medi um pedaço de madeira de 2 cm de espessura, 2cm de largura e com a altura até onde chegaria o bico, com fita-cola de plástico prendi o tubo a madeira deixando a ponta passar a extremidade da madeira porque iria esta dentro do bico e a madeira só faz parte do tronco e do pescoço.

Usei arame de galinheiro para construir a estrutura do corpo do menir, porém antes de o fazer, preguei vários pregos na madeira onde estava preso o tubo, e com fio de arame prendi a madeira no meio da estrutura de galinheiro do tronco do menir e usei os pregos para lá o prender assim a madeira não teria de estar na diagonal. Cobri a estrutura com jornal e voltei a verificar a bomba de água se ainda estava funcional.

O barro que usei depois para a peça por sorte foi-me oferecida pelo professor Tiago Baptista, que já não ia necessitar deles, então, tirando um pouco de cada vez do barro e fazendo rolos como aprendi no workshop de cerâmica, enrolei uma boa quantia de rolos que usei para ir colocando à volta da estrutura e sempre os juntando ma sem alisar a superfície por completo porque queria criar uma textura que não parecesse tão artificial e sim mais orgânica.

Quando cheguei ao topo que era a extremidade da madeira fiz a parte debaixo do bico, meti lá o tubo e com rolinhos menores acabei de concluir o bico deixando-o oco para que não ficasse pesado e cai-se.

Faltava pôr mais pormenores e correcções, mas assim que terminei essa fase apercebi-me de que não iria dar tempo para que ela secasse então tapei-a com sacos e pus-me a fazer durante o dia e noite a segunda opção que esbocei, pondo em pausa o trabalho de mestrado porque

ainda tinha um mês para acaba-lo e a peça do festival era para entregar até dia 4 de Junho e a data estava-se a aproximar.

Assim a segunda opção eu queria usar uma imagem que celebrasse a fecundidade, a fertilidade, também a vida, dor e morte, algo que nos ligasse-se aos Deuses.

Só me vinha à cabeça uma imagem, ainda tentei fugir de a utilizar, mas sem êxito porque a anca feminina em ossada sempre me surgia na imaginação de várias formas mas sempre presente, não tive como negar a sua presença na obra e quase tornou-se na presença mais forte de toda a peça.

Então a minha segunda ideia para este trabalho foi o osso de uma anca do sexo feminino, em cima dela iriam estar dois aquários, um maior onde teria dentro cabelo, e outro menor por cima desta com leite dentro (ou algo que se assemelhasse a ele) e por cima do aquário mais pequeno um ovo de corvo rachado, esculpido maior do que um real que encaixasse na abertura do aquário.

O ovo representa a vida pois dele nasce um novo ser, mas também representa a morte visto que o corvo o representarem várias culturas.

Escolhi o aquário com cabelo porque em algumas culturas ele serve para a realização de magias negras onde Homens tentam retirar a força de outro Homem, e porque na bíblia é contada a história de Sansão que tinha muita força e era quase invencível só tendo apenas uma fraqueza, seu cabelo.

No outro aquário tem leite, pois ele serve para nutrir, dar força, alimentar não só o novo ser como também o velho.

E finalmente a anca, por ser de mulher também representa a vida pois ela pode gerar um ser, mas por estar em ossada representa simultaneamente a morte.

Comprei logo os dois aquários em dois pontos diferentes o pequeno em Faro e outro em Olhão, o cabelo comprei numa cabeleireira e é falso como todos os outros cabelos que utilizo por ser mais económico, comprei 16 blocos de massa de moldar ou barro branco e 4 garrafas de 500g de cola branca e uma de 1000g, eu poderia ter comprado menos materiais se tivesse acertado de qual tamanho deveria fazer a anca, mas como sempre tenho esta dúvida da

dimensão que devo fazer as figuras dos meus trabalhos, esta não foi diferente e acabei por realizar duas ancas.

Retirei da internet várias imagens de uma anca verdadeira em diversas posições e comecei a criar a estrutura de ambas as ancas com fio de arame grosso de maneira básica e quase como uma linha de esboço de desenho que se mantinham unidas com fio de arame fino que utilizei para segurar a estrutura e assim evitar que se desfizessem.

Para as partes laterais largas das ancas, dobrei a rede em duas partes para ela ficar mais resistente e garantia que ela fosse aguentasse o peso da massa de modelar, passei ainda por dentro delas entre as duas metades da rede galinheiro três fios grossos de arame, e na parte do cóccix, dobrei em metade 2 pedaços de rede de galinheiro e cortei-as até terem formatos triangulares que dentro delas um arame grosso dobrado ao meio no meio de cada estrutura e preendi-as às estruturas principais com arame fino.

Já no fim do mês criei uma pequena escultura, cuja imagem, obtive um sonho que mencionei no início deste mês, mas ela no sonho era gigante, por não ter meios de concretizá-la naquele tamanho fi-la em tamanho reduzido apenas para ver se conseguia recriá-la, apesar de estar semelhante ainda assim não esta totalmente igual.

Penso que isso será impossível de concretizar pois quanto mais tempo passa menos detalhes lembro-me dessa escultura (fig.164)

Com a chegada de Junho passei para a etapa seguinte na elaboração das ancas que foi cobri-las com jornal como tinha algumas falhas no arame de galinheiro fiz alguns cortes tanto no jornal como nas mãos, fazendo com que tivesse de cobrir mais uma vez essas partes com fita-cola de papel.

Com êxito cobri todas as áreas da estrutura, nas partes em que não tinha rede galinheiro, cortei os jornais em tiras compridas e depois enrolei-as à volta dos fios grossos de arame com 2 tiras para ficarem um pouco mais grossas, após isto tudo passei para a fase de cobrir tudo com massa de moldar (fig.165), porém tive logo problemas porque se tentasse meter a massa aos poucos ela caía devido à lisura da superfície da estrutura.

Como solução a este problema amassei dois blocos de barro branco misturados, estiquei-o na superfície da mesa com uma grossura que desse para criar os pormenores que ainda faltavam

dar, para a entender tornar a anca mais preceptiva. E assim em vez de cobrir as áreas da anca com pequenas porções colocava logo a massa esticada de grande dimensão a cobrir grandes partes da desde da parte da frente à de trás.

Após o cobrimento das ancas com a massa de moldar, surgiu logo um problema antes que pudesse finalmente dar pormenores, as partes laterais da anca grande não estavam a aguentar o peso da massa de moldar apesar dos esforços anteriores que fizera para ver se garantia que isso não acontecesse (fig.166).

Muito rapidamente peguei em livros da minha estante, empilhei-os de forma a segurarem a escultura e deixei-a ficar assim durante a noite até ao dia seguinte que pu-la a secar ao Sol, mas com os livros a servirem de apoio.

Passei para o último passo que era criar a escultura do ovo.

Para tal comprei 3 estruturas ovais de esferovite, das quais, uma pintei de vermelho, a outra enquanto a primeira secava cobri com uma camada fina (fina para poder estalar) de barro castanho, e na última estrutura, cobri-a com barro mas com uma camada mais grossa e antes que ela secasse passei-lhe com cola branca por cima.

Quando a primeira secou, cobri-lhe também com uma fina camada barro.

Ainda elaborei mais três experiências para o ovo, com outros materiais, tendo como estrutura três balões de água com ar dentro.

Numa enrolei papel higiénico ensopado em cola branca, outra cobri apenas de cola branca e a última com o resto da massa de moldar que sobrou do cobrimento das ancas. Estiquei-a e cobri o balão de seguida com ela, no fim ainda dei-lhe uma textura quase semelhante dum abacate.

Depois de secas e escolhi o escolher terceiro ovo, e das ancas escolhi a anca maior pois ficava muito melhor com os aquários.

Na montagem final da peça misturei água com um pouco de tinta branca e coloquei dentro do aquário pequeno sem enche-lo, o segundo aquário coloquei-lhe o cabelo inteiro sem corta-lo, e por cima dele (Aquário grande) equilibrei o aquário pequeno em cima dele, e pousei ambos em cima da anca mas como elas não encaixam perfeitamente tive de limar um

pouco a anca e adicionar plasticina branca para impedir que o aquário escorrega-se para dentro da anca.

No fim pousei o ovo em cima, estava concluída a escultura agora faltava o modo que iria expô-la.

Por motivos de segurança achei melhor coloca-la em cima dum plinto, mas como não gostei de como a anca ficou em cima do plinto, coloquei uma base branca com a forma de um quadrado por baixo.

Ainda assim sentia que faltava algo que conectasse todos os elementos da obra então adicionei um pouco da terra escura, que sobrara da plantação de linhaça, e um pouco de tinta vermelha no meio da anca e ai sim senti que não tinha de mexer em mais nada, e assim ela completa foi entregue aos responsáveis do evento e pude finalmente voltar a concentrar-me apenas nas esculturas do mestrado e a plantação de linhaça(fig.167) e (fig.168).

Enquanto tentava acabar a peça para o Festival MED, tentei plantar as sementes de linhaça.

Iniciei o processo, pondo primeiro as sementes só em água, para que germinassem mais rápido como me foi aconselhado na pesquisa breve que fiz na internet, elas transformaram a água num líquido viscoso como estava previsto acontecer e dias mais tarde começaram a brotar. Depois cobri-as de terra com suplemento da marca pingo doce.

Para ver se era possível as sementes crescerem no barro que iria trabalhar, pus um pouco barro nas sementes num espaço separado das outras sementes que estavam na terra.

Durante esses dias também tentei acabar duma vez todas as esculturas que tinham em mente para o trabalho final de mestrado.

Pus a plantação de linhaça no exterior porque o Sol deveria de ajudá-las a crescer mais rápido mas não tive em conta que no Verão ele queima-as se não tiver cuidado e teria de aumentar a quantidade de água da rega, algo que não fiz e além disso como não consegui ir no fim-de-semana para a universidade para regá-las, acabaram por morrer, mas a experiência não foi em completamente em vão porque aprendi que as sementes que estavam no barro não conseguiram crescer, mas na terra sim, chegando à conclusão de que terei de as manter em terra só quando estivessem grandes que poderia mete-las nas esculturas.

Como tinha dito anteriormente, para poder fazer as estruturas de arame que serviriam para pendurar as esculturas teria de já ter feito as esculturas de barro castanho, então tentei fazer 5 em simultâneo em vez de uma a uma como fiz com as outras.

Peguei já nas formas esféricas de papel cobri-as de barro para fazer as formas base das esculturas como fiz no primeiro grupo na escultura da minha mãe, só que porque todas elas iriam ter o cabelo um pouco mais curto coloquei logo a parte do tronco junta à cabeça e não coloquei cabelo nelas pois ainda faltava colocar a estrutura de arame dentro delas.

Na sala de laboratório de artes visuais de mestrado da universidade pus em cima de uma tábua de madeira, 4 das bases para a escultura e ao lado de cada uma o desenho que iria usar como referência para fazer as esculturas, e uma porque não cabia em cima da base, coloquei-a noutra placa de madeira (fig.169), (fig.170) e (fig.171).

Uma a uma fui esculpindo por ordem todas ao mesmo tempo, por exemplo se começa-se no formato da cabeça de uma, faria o formato de todas as cabeças de seguida.

Quando as terminei medi o tamanho da bola de papel retirada da cabeça de uma das esculturas e diminuindo um pouco o tamanho elaborei uma esfera de arame de galinheiro passando por dentro dela passei um arame com o comprimento desde do pescoço da escultura até um pouco antes do fim do tronco dobrado ao meio. Depois passei 2 arames grossos presos na partes laterais da esfera, que ficariam na parte de trás da escultura e que serviriam de ganchos para passar um fio e pendurar a escultura.

Após ter prendido bem os arames grossos com arame fino, cobri a estrutura com fita-cola de papel para evitar o enferrujamento da estrutura durante a secagem do barro, ainda passei um pequeno fio de arame fino nas partes da estrutura onde estaria o pescoço e enrolei uma argola e depois dentro da escultura iria ser puxada mais uma argola de suporte para o peso da escultura ao passar mais um fio (fig.172).

Acabadas as esculturas e as estruturas retirei barro de dentro das esculturas nas cabeças e um pouco no tronco o excesso de barro para poder nelas enfiar as estruturas.

No fim fechei a cabeça das esculturas e coloquei o cabelo com a mesma técnica da 5ª escultura feita (fig.173), (fig.174) e (fig.175).

Como o espaço da exposição tinha o tecto muito alto e não havia possibilidade de pendurar as peças como queria, eu, os meus orientadores e outros professores concordamos que seria melhor apresentar outras esculturas que já tinha exposto no ano anterior (*I can't breath* e *De mãos vazias perante a morte*), que funcionavam bem lá devido as cores da sala e as cores das obras do meu colega (Rubén Gonçalves) combinarem sem haver interferência visual ou de leitura das obras.

Desenhei as esculturas que fazem parte do último grupo escultórico deste projecto, desenhei os meus avôs e o irmão da minha avó materna com as mesmas técnicas, matérias e processo que os primeiros (176) e (fig.177).

A exposição decorreu no dia 15 de Junho, achei interessante que algumas pessoas que já conheciam aquelas peças vieram questionar-me pela razão de não ter apresentado uma obra nova, achei interessante porque pude ver que há pessoas que realmente gostam do que faço a ponto de se sentirem incomodadas por não verem algo novo meu mas que não deixavam de contemplar o que já viram.

No dia da exposição da peça do festival dia 28 de Junho, todos os artistas tiveram que lá ir montar a sua peça, limpa-mos o espaço e montamos as obras de maneira que o público as pudesse observar sem acontecerem acidentes, foi intrigante ver a população local a reagir às obras visto que elas foram expostas no exterior e mesmo perto das suas habitações, algumas não acharam piada pois não podiam regar as suas plantas e outras defendiam as peças pois gostavam delas.

Experimentei colocar as primeira esculturas sobre uma moldura de vidro acrílico para ver se funcionaria, pois gostaria de tê-las exposta no meio sobre esse vidro para não colocá-las em plintos, as de barro branco no chão e por cima delas todas as do 2º grupo penduradas com fios de nylon (fig.178).

Em Julho os desenhos que fiz neste mês foram feitos a pastel a óleo tiveram como base linhas e formas geometrizadas. Não sei explicar porque comecei a criar trabalhos assim, mas por agora não vou questionar isso e vou fazendo enquanto o desejar fazer.

O primeiro desenho foi feito a partir de três cores (amarelo, vermelho e azul), criei duas formas fechadas cada uma com a sua cor e dentro e fora delas a azul illustrei rabiscos (fig.179).

O segundo e terceiro desenho foram feitos apenas linhas simples verticais e horizontais em que no quarto ainda inclui círculos com diferentes cores uma dentro da outra (fig.180) e (fig.181).

Neste último usei as cores, azuis, lilás, preto e cor de laranja que por cima adicionei cola escolar para dar brilho (fig.182).

Quatro esculturas do grupo geração futura, partiram-se na secagem e as que não se partiram penso em não usa-las devido ao risco de quebra na montagem da exposição.

Porque não posso coze-las devido à estrutura de metal no seu interior e porque dificultaria a colocação do cabelo, optarei pela utilização da massa de moldar, algo que não me deixa satisfeita porque tenho receio que a sua rápida secagem me venha a prejudicar na hora da colocação do cabelo.

Como em princípio já não vou utilizar as esculturas do segundo grupo esculturas, coleí as partes que estavam quebradas com cola UHU e pintei-as de preto com tinta acrílica misturada em água como experiência, porque se gostar da cor pintarei as próximas cópias de escultura em barro branco de preto para haver a separação de cada grupo de forma mais visível (fig.183).

Fiz ainda uma escultura que já tinha desenhado de um dos meus sonhos também, que é uma espécie de mulher robusta que segura o seio esquerdo com ambas mãos, a sua cabeça tem um formato monstruoso com chifres e um deles esta quebrado de propositadamente.

Por acidente quando estava a pintar as esculturas quebradas anteriores de preto, a tina acidentalmente caiu um pouco em cima desta escultura e porque vi que ficava muito bem essa junção derramei um pouco mais nela (fig.184).

Fiz a escultura do meu avô paterno a primeira do último grupo com barro branco utilizando o mesmo processo que fiz nas esculturas do primeiro grupo apenas não pus cabelo porque o calor do verão e o facto de não ter posto água nela secou-lhe antes que pudesse, mas ainda assim penso usa-la no trabalho (fig.185).

Em Agosto Desenhei 3 imagens do mesmo objecto de observação (as minhas pernas encostadas ao pedestal da varanda e a rua durante a noite) no meu sketchbookde tamanho A5 com técnicas semelhantes em todas excepto na terceira, que adicionei fita-cola (estou

muito inclinada a usa-lo sempre ultimamente nos meus desenhos) no primeiro desenho com traços curtos e com intervalos entre eles recriei formas sobre o que estava a ver usando cores que estivessem perto da realidade excepto o azul-escuro, que deveria ser mais escuro, mas se fosse não combinaria com o desenho (fig.186).

O segundo desenho com as mesmas cores, apenas retratei 3 objectos do que estava a observar, as pernas, o prédio e a noite. As pernas, porque pus água onde elas ficariam ao toca-la com o pincel com tinta ficou uma mancha com o formato delas (das pernas) (fig.187).

Já o último fiz primeiro o desenho de tudo como no primeiro, mas derramei água em cima e do azul, porque ficou com água a mais no desenho retirei o excesso com um pano e passei com a aguarela azul por cima outra vez.

No fim coleí fita-cola de papel em formas circulares e por cima dessas formas uma linha diagonal de fita-cola e ainda mais uma tira por cima na diagonal de fita-cola (fig.188).

Estes desenhos talvez tenham ido buscar inconscientemente as imagens que via submersa nas piscinas, pois as linhas da primeira que são tremidas fazem-me lembrar isso.

Em Setembro voltei a desenhar duas imagens diferentes do mesmo motivo (outra vez as minhas pernas mas desta vez em cima da cama e com o caderno de desenho ao colo.

Esse desenho fi-lo todo a laranja, desenhando apenas a silhueta com linhas reduzidas do meu corpo e os objectos à minha volta, no caderno com pastel seco desenhei linhas a azul uma parte reduzida outra vez das minhas emoções (fig.189).

No outro desenho desenhei-me com linhas mais geometrizadas e se se prestar bem atenção dá para ver onde as minhas pernas e o caderno estão. Retratei-me a negro com lápis preto aguarela e por cima dela com lápis aguarela azul e pastel seco cor de laranja tentei exprimir os meus sentimentos de uma forma mais amplificada, em algumas partes passei água nas partes de lápis azul e preto (fig.190.).

Numa viagem que fiz de comboio, aproveitei esse tempo para desenhar a aguarela, então illustrei uma menina que estava perto de mim a pintar num caderno de colorir, tentei desenhá-la apenas com manchas e com as cores perto dos da realidade e com pinceladas como se estivesse a tracejar.

O segundo desenho o meu pai foi quem retratei, encostado à janela e com a mão na cabeça, desenhei-o com a tinta mais diluída em água que o anterior e também tentei retratar com as cores semelhantes à realidade (fig.191) e (fig.192).

Dias depois retomei a germinação das plantas para as esculturas, como não resultou bem da primeira experiência decidi pedir ajuda ao meu colega Gonçalo Rodrigues que na nossa exposição de finalistas da licenciatura plantou no seu trabalho artístico sementes de cevada (e por sorte prefiro pensar dessa forma porque se calhar não teria pensado em pôr nesta obra plantas, sem querer ele pôs um pouco das suas plantas dentro de um saco onde estava uma das minhas esculturas que retirei da exposição por ainda não estar completamente seca, e as sementes colaram-se a ela e quando fui vê-la simplesmente adorei o resultado, mesmo as plantas já estarem mortas e secas) (fig.193), ele explicou-me que teria de por as sementes em água no escuro (porque as faz pensar que estão dentro do solo) entre 5 a 7 dias até que elas começassem a brotar e aí deveria cobri-las com terra misturada com suplemento e deixá-las crescer durante 10 dias. As sementes ele disse-me para comprar de cevada no Aki, mas porque o deslocamento até ao AKi mais próximo, só poderia ser feito dali a 5 dias, comprei no continente sementes de linhaça que pesquisei na internet que teria o mesmo tempo de crescimento que as sementes de cevada e comprei no pingo doce terra já com suplementos. Pus no dia 6 as sementes em água e esperei que crescessem durante 5 dias para que pudesse cobri-las de terra (fig.194).

Depois disso lavei num escoador as sementes num escurridor para retirar a água viscosa, pu-las num prato de vaso grande, cobri-as de terra com 2 cm de profundidade, e por fim reguei as sementes e pu-las ao Sol (fig.195).

Por não ter mantido as bases humidificadas, do 3º grupo escultórico, elas secaram, então tive de voltar a reviver o barro com o mesmo processo de reavivamento do barro anterior, só que desta vez para secarem mais rápido fiz 3 buracos no barro (Fig.4.196).

No mês de Outubro, a universidade teve a visita de dois artistas da Letônia que deram uma palestra sobre o seu trabalho de cerâmica e sobre a sua vida como professores, achei muito interessante visto que eles trabalham com o mesmo material que eu.

Depois da palestra convidei-os a ver o meu trabalho de mestrado e até falei-lhes sobre o problema de algumas delas estarem a estalar (as esculturas pretas), o artista Dainis Lesins

aconselhou-me a misturar pasta de papel ao barro, algo que provavelmente nunca iria ocorrer-me.

Como fiquei outra vez sem barro suficiente para recriar as cinco esculturas, pedi a alguns colegas, que me dessem algumas das esculturas que eles iriam descartar e as revivi com a ajuda do meu colega de curso Pedro Mendes. Nós martelamos e pisamo-las até terem um tamanho satisfatório, cuja absorção da água não fosse levar demasiado tempo, (fig.197 e 198) meti os bocados de argila dentro de alguidares com água e com a ajuda duma madeira grossa fui misturando a água com o barro até que os pedaços grandes se desfizessem, no fim escoei o excesso de água e deixei secar. (fig.199)

Durante os dias seguintes enquanto esperava que o barro branco se tornasse usável, fui esmagando os pedaços pequenos da argila castanha que recentemente tinha posto em água e também participando no desafio do Inktober, usando os mesmos materiais de desenhos que usei em 2017, mas com temáticas diferentes para cada desenho (fig.4.201, fig.4.202), excepto em um, cujo tema e materiais repeti. O tema foi Black Power, e a figura importante que desenhei foi Angela Davis (fig.202).

Esta temática do black power faz-me pensar numa continuidade futura deste processo, mas em maiores dimensões.

Em Novembro triturei 6 rolos de papel higiénico com uma varinha magica e com a ajuda da mesma misturei a pasta de papel ao barro castanho que revivi das antigas esculturas dos meus colegas.

Pude nessa altura finalmente usar o barro branco que, dividi em quatro blocos, guardei-os em sacos de plástico e transportei-os desde da universidade até casa para não ter que parar o processo de criação sempre que tivesse que apanhar o meio de transporte para voltar para casa.

Experimentei desenhar no sketchbook com canetas de feltro retratos de pessoas das algumas não conheço, mas que as suas fotos transmitiam a sensação de estarem confortáveis na sua pele no momento em que o retrato foi tirado.

Fazendo o esboço a lápis 2HB, contornando-o a caneta de ponta 0.5 preta e no fim preenchendo-o de cor com as canetas de feltro, estes desenhos fizeram-me sentir como se

tivesse retornado no tempo para épocas simples longe de prazos e delimitações do tempo (fig.203, 204 e 205).

Entre Outubro e Dezembro na sala de laboratório e em casa, durante alguns intervalos que fazia do trabalho de Mestrado, criei uns desenhos a partir da minha silhueta em papéis de diferentes formatos e gramagens.

Deitava-me neles e com pastéis a óleos de cores diferentes contornava o meu corpo em diferentes posições.

Com cores que contrastavam com as cores das linhas das silhuetas feitas a pastel a óleo, pintei algumas pontas dos dedos dessas formas e desenhei algumas linhas entrecortadas que demonstram a movimentação das emoções de cada silhueta.

Com argila misturada com tinta e cola branca preenchi algumas zonas desses desenhos.

Estes desenhos são uma continuação da experiência da imagem (fig.4.206 e207).

Terminei a parte de modelagem de todas as esculturas brancas na última semana de Dezembro e só na primeira semana de Janeiro coloquei o cabelo postiço nelas, concluindo-as (fig.4.205, 206, 207 e 208).

Para que secassem mais rápido, pu-las em frente a um secador de cabelo de pequeno porte. (Fig.209).

Como o barro misturado com o papel (fig.210) não ficou com uma consistência mais sólida para que a pudesse moldar, usei-o então para remendar as esculturas pretas quebradas, pintando esses remendo de preto após a sua secagem.

Com receio que estas esculturas quebrassem na hora da sua suspensão, achei melhor cobri-las com cola branca, e só para garantir que esta ideia funcionaria fiz esta experiência num dos ovos que fiz como experiência para o trabalho do projecto do festival Med, também adicionei-lhe as pérolas que iria colocar nas esculturas.

Após a sua secagem, tentei descolar partes da cola branca para ver se sairia com facilidade, e como tal não aconteceu (fig.211), uma a uma, com cola bisnaga UHU colei em cada escultura preta, pérolas de plástico, (fig.212). Como as perolas tinham buracos e era algo que não

queria que tivessem, na hora de cobrir as esculturas com cola branca aproveitei para com ela tapar os buracos.

Depois de secas pintei as pérolas com uma tinta que tinha a mesma cor das pérolas (fig.213).

No cobrimento das esculturas com cola branca, meti-as em cima numa grade de ferro para que quando a cola escorresse ela não criasse um aglomerado de cola embaixo das esculturas.

Com uma dremel (espécie de broca que também funciona como lixa e mini-serra) cortei as esculturas brancas para poder colocar a terra e as plantas dentro delas, tendo já em conta que teria de regar as plantas e para isso teria de ter uma superfície isolada, então isolei as esculturas com cola quente (fig.214 e 215).

Neste mês fiz quatro novas obras bidimensionais em uma noite, uma numa tela, outra numa folha de papel que tem uma textura semelhante a uma tela, outra numa tábua de madeira e a última num pequeno pedaço de cartolina. Todas elas foram feitas com o mesmo material, argila com cola e pastel a óleo.

Em cada desenho está retratado uma zona que faz parte do meu corpo em três diferentes posições e expressões diferentes que condiz a uma cor diferente (fig. 217, 218, 219 e 220).

la desenha-las a caneta de feltro no sketchbook mas a carga negativa que estava em mim pedia um suporte de escala maior e outros materiais.

De desenho para desenho essa energia foi acalmando e dá para notar no traço delas notasse.

As plantas que semeei no Verão não resistiram às condições frias do Inverno, e como não teria tempo de voltar a germiná-las, pus dentro das esculturas brancas terra com fertilizante que já tinha e transplantei dentro delas plantas que apanhei nas ruas.

Como as esculturas de dentes que tinha não eram suficientes, numa noite fiz 20 réplicas, que na manhã foram pintadas e à tarde coladas nas esculturas castanhas terminando assim todas as esculturas da obra.

Visto que em exposições anteriores algumas pessoas pisaram algumas das minhas peças expostas no chão, decidi cortar umas tábuas para colocar em cima as esculturas brancas que iriam ficar no chão, cortei as tábuas com a mini serra tico-tico e pinteí-as com tinta acrílica branca apenas as bordas.

Construí uma espécie de mesa com a moldura de vidro acrílico que me foi cedida com ajuda do meu colega de curso Miguel Vieira.

Na montagem da exposição coloquei as cinco esculturas castanhas, que têm dentes nos seus corpos, sobre essa moldura que tem a altura da minha cintura.

Nas esculturas negras, passei fios de nylon nas argolas de ferro que propositadamente coloquei nelas e pendurei-as ao tecto, formando um círculo entre si.

E as esculturas brancas coloquei-as em cima de tábuas de madeira pintadas de branco no chão criando entre si também o formato dum círculo.

Conclusão

Este relatório deu-me a entender melhor a progressão e as conexões existentes entre todos os meus trabalhos.

Antes desta pesquisa eu, achava que o meu trabalho escultórico não tinha nenhum elemento dos meus desenhos, mas agora vejo que um contamina o outro, que era só uma questão de os avaliar.

Como é o caso dos trabalhos *Chá das 24:00* e do *Mapa mental que nos liga à arte*, o facto das esculturas destas instalações não deterem de nenhuma coloração, mas ainda se encontrar uma pequena parte onde se encontra um elemento de coloração forte, é muito semelhante à utilização de cores no desenhos Gore, onde neles introduzia apenas um elemento com cor que se destacava (normalmente a cor era vermelho nas partes ensanguentadas).

Deparei-me com o facto de que sempre que acontece algo de negativo na minha vida privada, o meu trabalho artístico tem tendência a mudar em algo, ou no seu aspecto físico, ou nos objectos que uso para inspirar-me mas os temas continuam a estar dentro do que costumo abordar.

Assim de alguma forma, alivia-me saber que de algum destes males surjam coisas positivas.

E esta é uma das razões para as quais não poderia deixar de constar no a ligação da minha vida privada com a minha arte.

Durante a execução do relatório, em alguns momentos, a minha criação artística bloqueou, pois relembrar de cada pedaço de todos os meus trabalhos foi esgotante psicologicamente, porque tive também de relembrar de coisas que não queria, mas agora que ultrapassei isso, reconheço que esta pesquisa era necessária pois graças a ela pesquisa conheço melhor tudo o que fiz, as suas razões e com estas informações poderei conhecer melhor o que farei futuramente

O projecto final de mestrado *A repetição do "EU"*, nasceu graças a um auto-retrato e de uma simples observação às pessoas que passavam no meu dia-dia, onde reparei na

repetição de gestos e momentos, daí verifiquei que não era só aí que existia repetições, mas também nas ideias, nas vontades e no ciclo da vida.

Cheguei à conclusão de que no fim somos todos repetidores de constantes de repetições que estão enquadradas em épocas temporais diferentes mas que ainda assim não deixam de ser repetições.

Apesar das dificuldades que surgiram por nunca ter trabalhado com algumas técnicas ou materiais, pela experimentação e com conselhos e ajudas de alguns vídeos fui ultrapassando esses problemas, vendo assim que ainda tenho muito a aprender.

Vi a forma como os meus desenhos tornaram-se numa soma de todas as experiências anteriores, sendo isso verificável no trabalho *Toda "Eu"* (fig.217, 218, 219 e 220), onde neles encontram-se vestígios dos desenhos das silhuetas com e sem barro (fig.206 e 207), e o retratação da figura de forma a imitar o objecto observado usado no desenho a caneta nos retratos das pessoas que fiz no sketchbook (fig.203, 204 e 205).

Na escultura essa evolução é verificável da mesma forma, a utilização do cabelo que iniciou-se no trabalho *Os olhos ferem-se com as injustiças dos nossos Deuses e Demónios*, foram mantidos em trabalhos posteriores assim como a divisão das instalações por cores e grupos.

Eu não salientei antes mas o papel do sketchbook é de grande importância, pois é nele que aponto todas as minhas ideias e esboços de trabalhos que numa revisão aos sketchbooks concluídos, decido se vale ou não a pena trabalhar neles. Um exemplo disso, é o facto de ter reencontrado o desenho que deu origem à primeira escultura deste trabalho final.

Agora até posso deduzir que a permanência da preferência de fazer peças de dimensões reduzidas não é só pela comodidade no espaço do meu estúdio que é reduzido em casa, como acho que vem da maneira que sempre trabalhei o desenho em suportes pequenos.

A apresentação do trabalho, efectuado na galeria da Universidade no campus da Penha, foi o resultado de toda esta pesquisa (fig.244 e 245).

A obra foi montada em três partes, assim como a obra *Os nossos olhos ferem-se com as injustiças dos nossos Deuses ou Demónios*, cada grupo está separado por cores diferentes

com os seus devidos elementos, que representam diferentes fases do ciclo que se espera no Homem, e os ciclos são senão que repetições.

Todas as figuras são inspiradas em alguns dos meus familiares, que são a melhor forma de repetição da minha pessoa, pois crescemos com vários hábitos semelhantes, educação, costumes, ideias e sem contar com a partilha de genes.

As figuras centradas, que sou eu, o meu avô materno e uma prima, foram expostos dessa maneira pois de todos estas são e foram as pessoas das quais mais me vejo.

O primeiro grupo que criei tem o corpo coberto de dentes porque simbolizam os problemas que temos na vida.

Como se pode verificar nas esculturas os dentes ou estão arrancados ou dão a ilusão de estarem a incomodar e/ou a provocar dor e a dor de dente é algo que enquanto não for resolvida continua a afectar-nos assim como os problemas na vida que se os evitarmos elas continuam a afectar-nos de alguma (fig.231, 232, 233, 234e 235).

Assim estas esculturas representam aqueles que estão na fase, onde problemas e situações surgem, que são ou não resolvidas mas que sofrem sempre com as consequências que vêm delas.

Coloquei-os sob uma mesa transparente, que serve de ligação entre os outros dois grupos. As pernas da mesa os ligam às peças de chão e por estar num suporte elevado conseguem conectar-se com a ajuda da transparência do tampo às peças que estão no ar.

Se encontram de costas em relação ao 3º grupo, pois este grupo não quer ver ou aceitar o destino que virá depois e olha para o grupo de cima com mais esperança sobre o futuro.

Também parece que tiveram uma queda abrupta até chocarem com algo que não os deixou chegar ao chão, mas que os assustou e os fez ver a realidade, como um choque para a realidade.

O segundo grupo, o das esculturas negras, estão cobertas de pérolas porque estas simbolizam a pureza devido a sua brancura e perfeição, pois assim são os que estão nesta fase, pessoas que ainda são puras e estão na sua fase de inocência, simplicidade e que vêm o

Mundo sem nenhuma complicação e é desta maneira que também observam os outros grupos. E estão suspensos no ar devido á leveza como vivem (fig.221, 222, 223, 224 e 225).

O último grupo, que é das esculturas claras, têm plantas dentro de si porque estas significam a continuação da vida, pois mesmo que alguém morra e acabe no esquecimento, é graças a elas que estamos aqui, a deterioração das peças representa esse desaparecimento e esquecimento (fig.226, 227, 228, 229 e 230).

Expostas no chão, por seus corpos estarem ligados à Terra ou mais perto disso acontecer, contemplam a sua vida e vêem os erros cometidos pelos outros que pertencem aos outros dois grupos.

Eles tentam aconselhar os outros grupos, mas o grupo do meio não liga pois quer evitar encarar o futuro e a simplicidade que o grupo do ar tem fá-lo não entender as coisas da mesma maneira que lhe é explicado.

As cores de cada grupo demonstram o desgaste que se sente durante cada fase de vida até ao seu esgotamento (fig.241, 242 e 243).

Bibliografia

- SANTINHO; Maria de Graça Lopes (1981).Mundo da Escultura, Lisboa, in Verbo
- KI-ZERBO,Joseph.(1999). História da África Negra, Sintra, in Publicações Europa-América
- BLUME,Hermann.(1982). Guia completa de escultura: modelado y cerâmica técnicas y materiales, in Madrid, Phaidon Press Limited,

Anexos



Fig.1.1

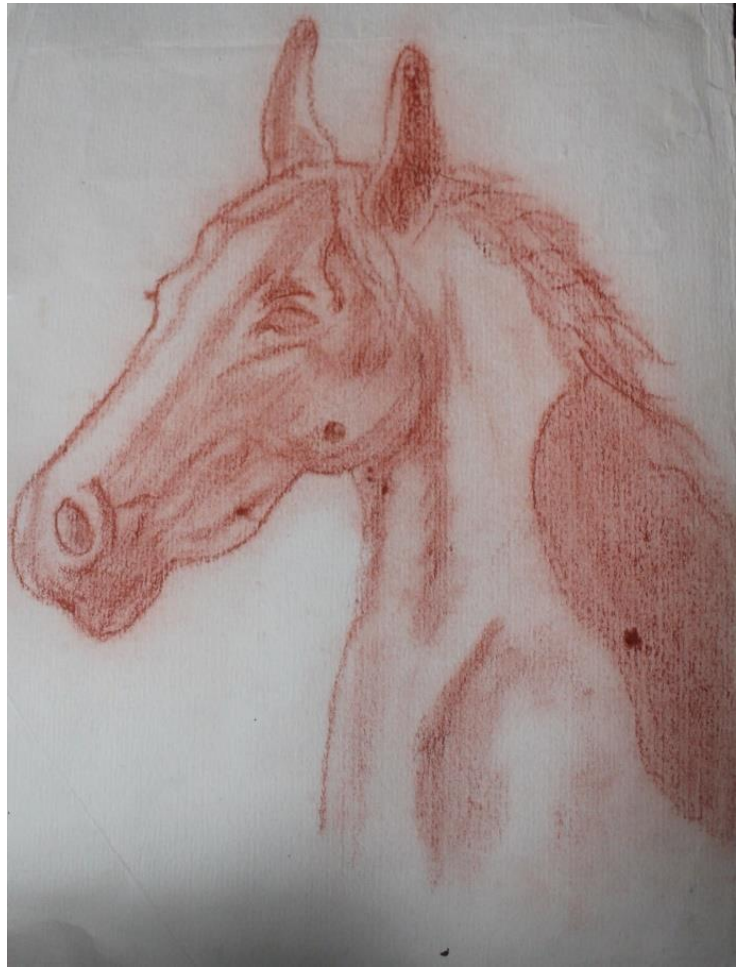


Fig.1.2

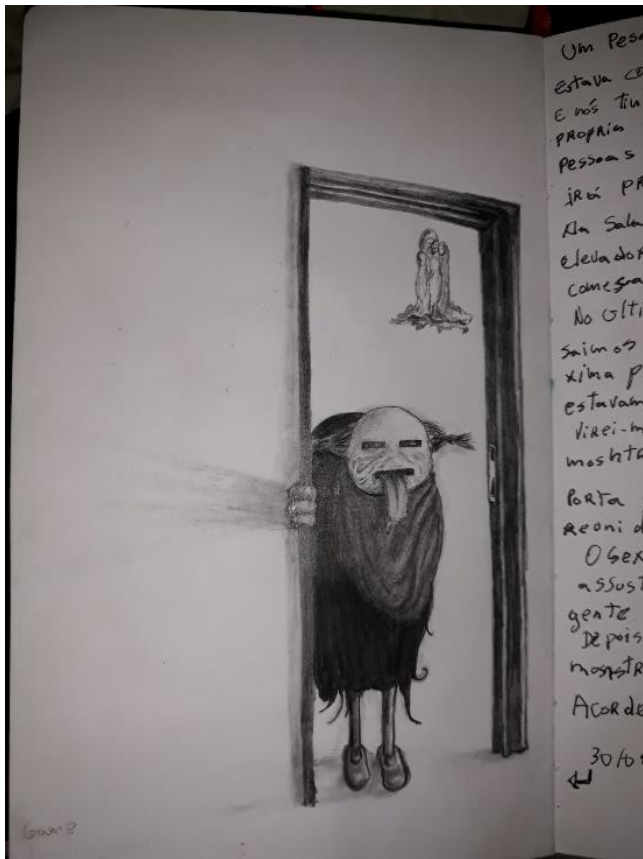


Fig.1.3



Fig.1.4



Fig.1.5



Fig.1.6

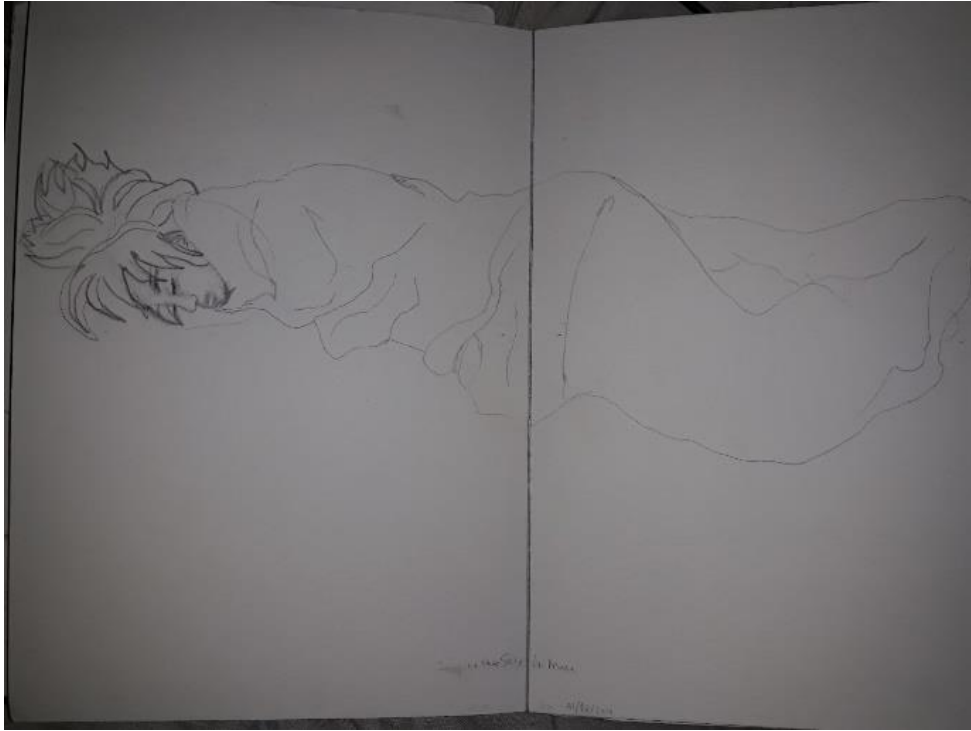


Fig.1.7

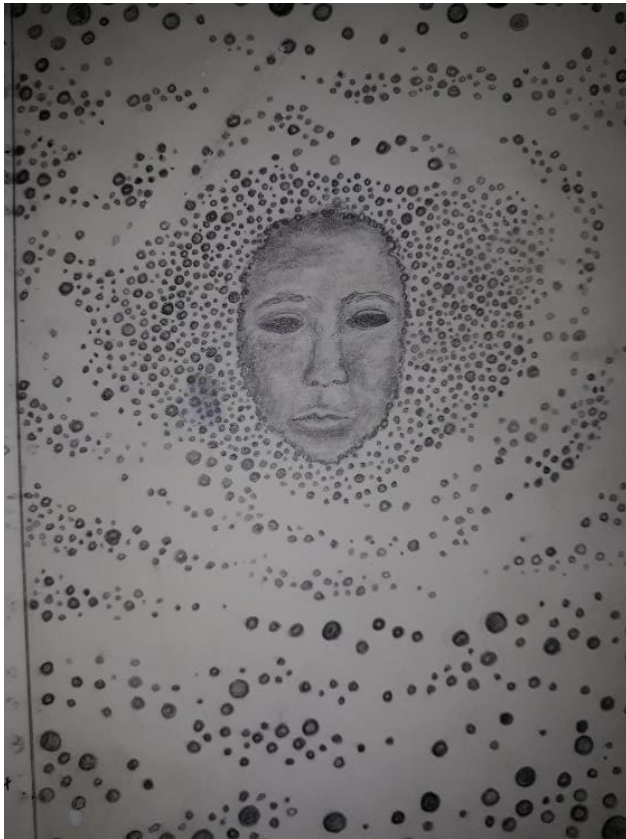


Fig.1.8



Fig.1.9

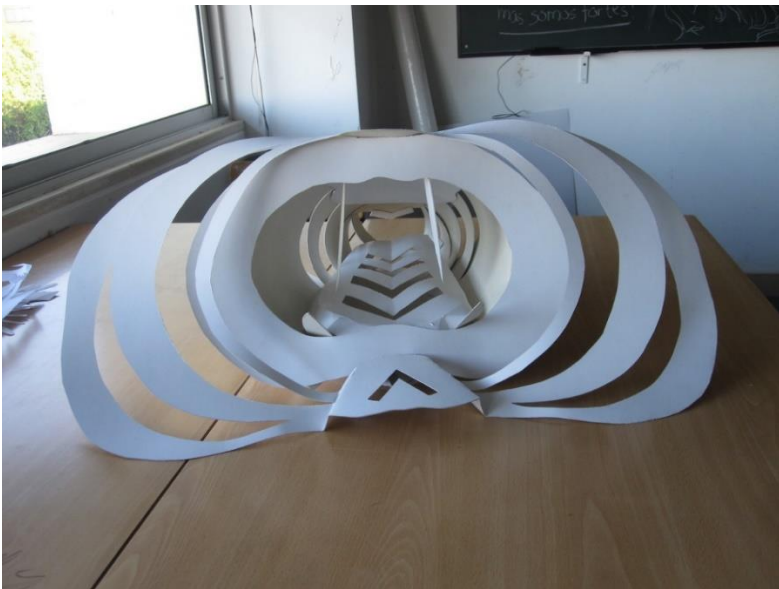


Fig.1.10

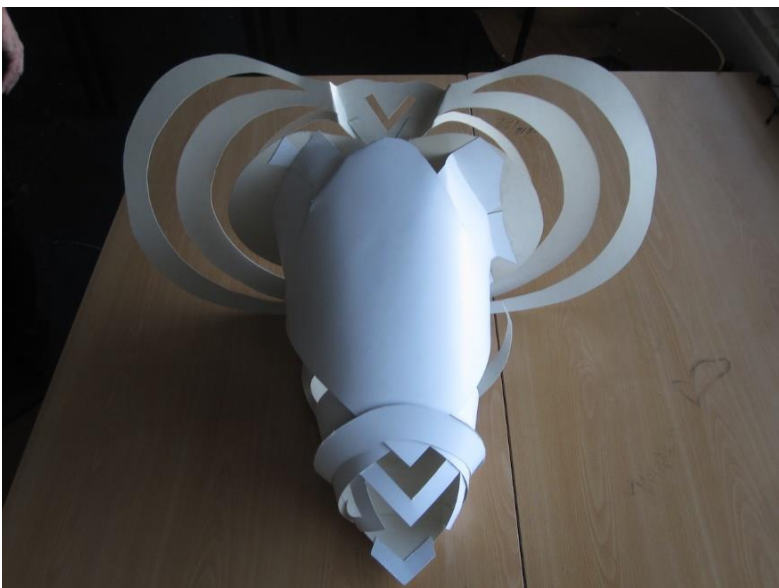


Fig.1.11



Fig.1.12

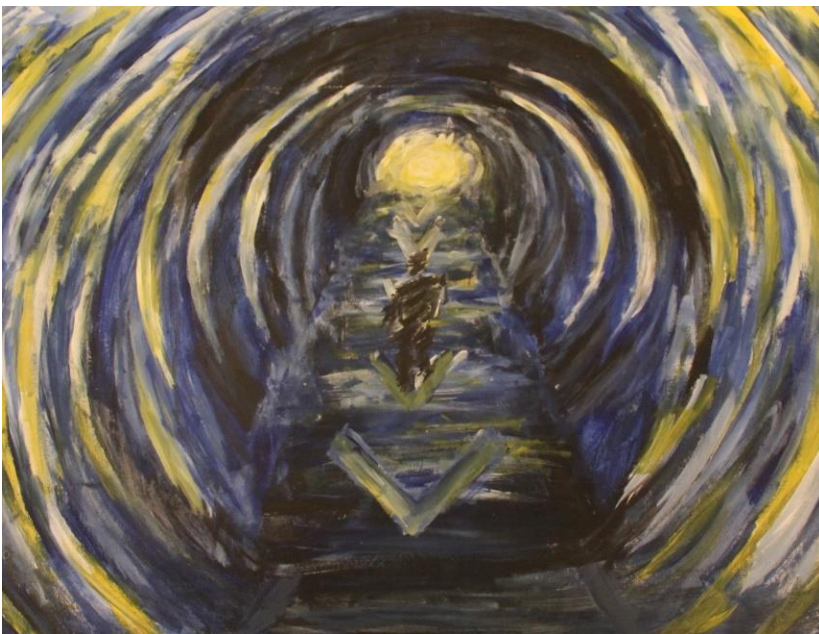


Fig.1.13



Fig.1.1



Fig.1.15



Fig.1.16



Fig.1.17

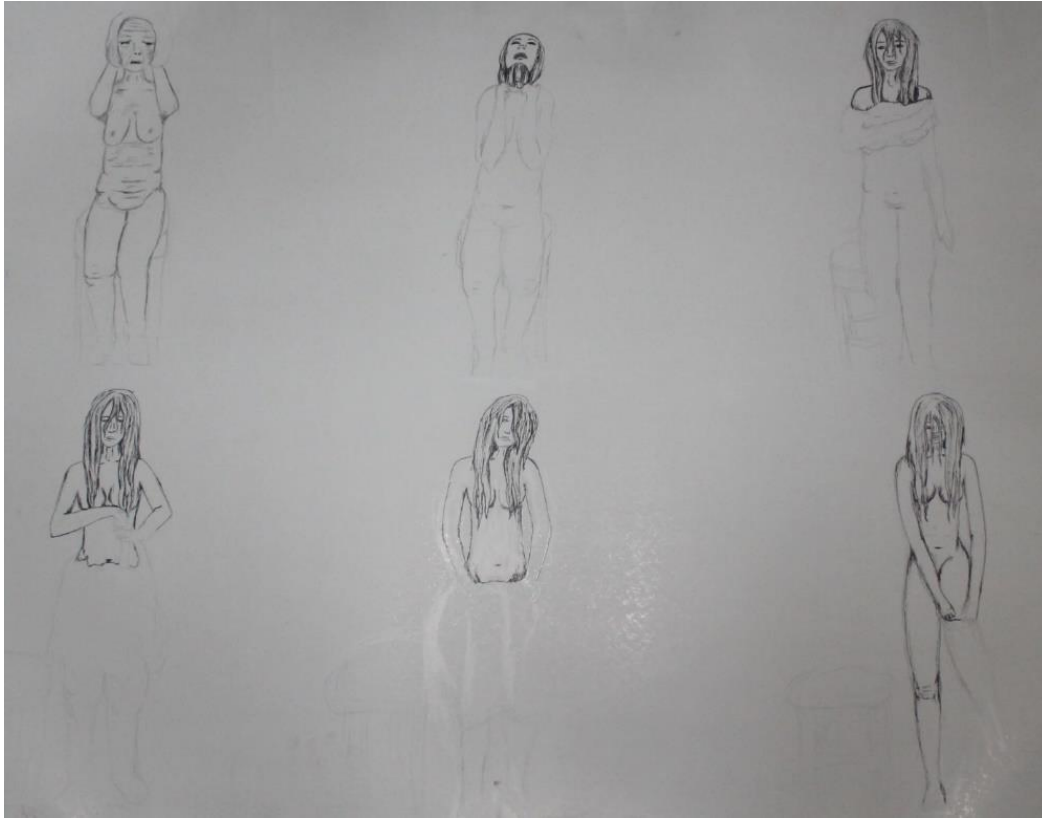


Fig.1.18



Fig.1.19

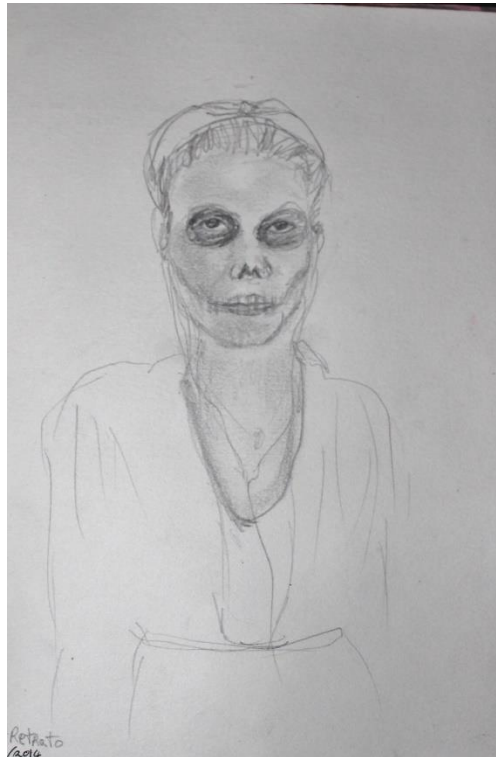


Fig.1.20



Fig.1.21



Fig.1.22



Fig.1.23



Fig.1.24



Fig.1.25

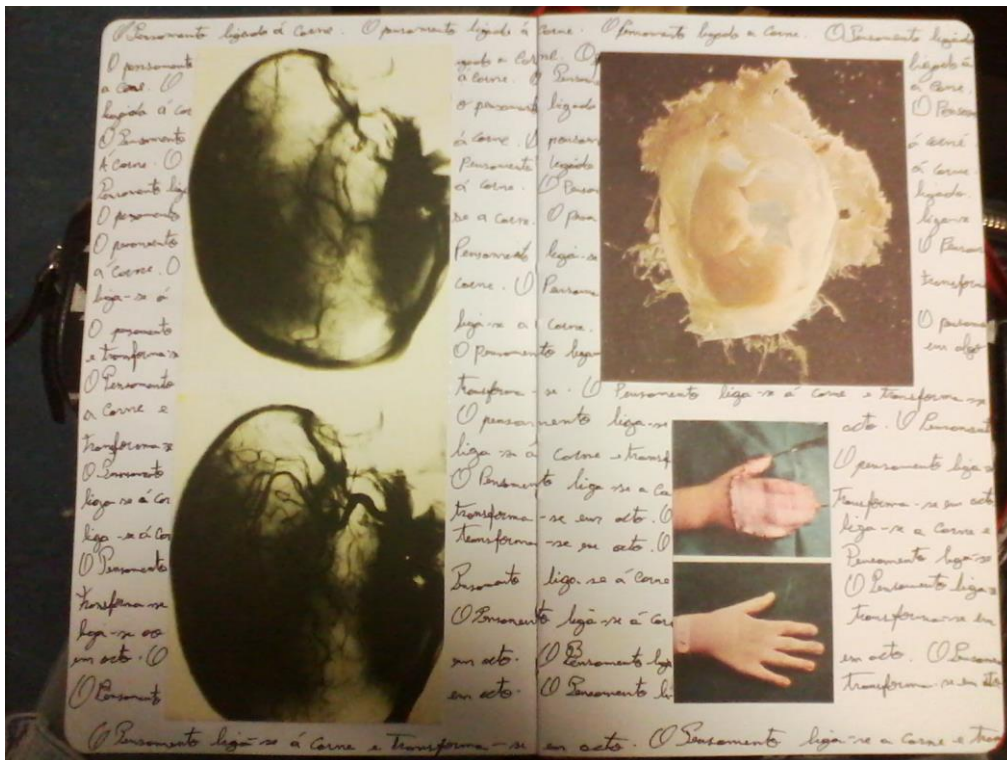


Fig.1.26

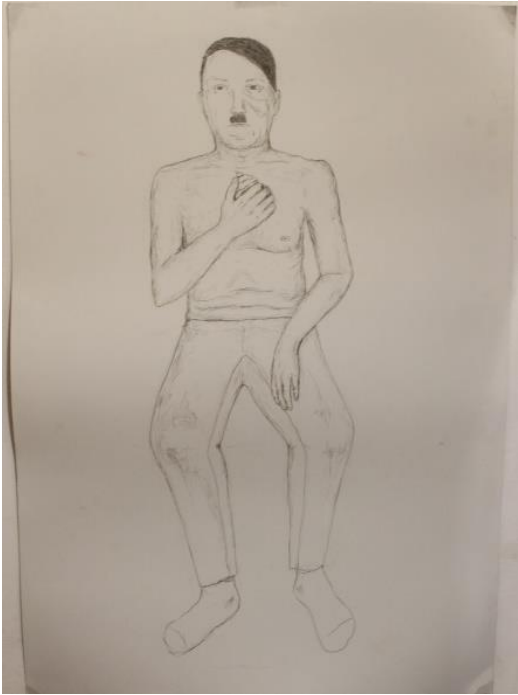


Fig.1.27

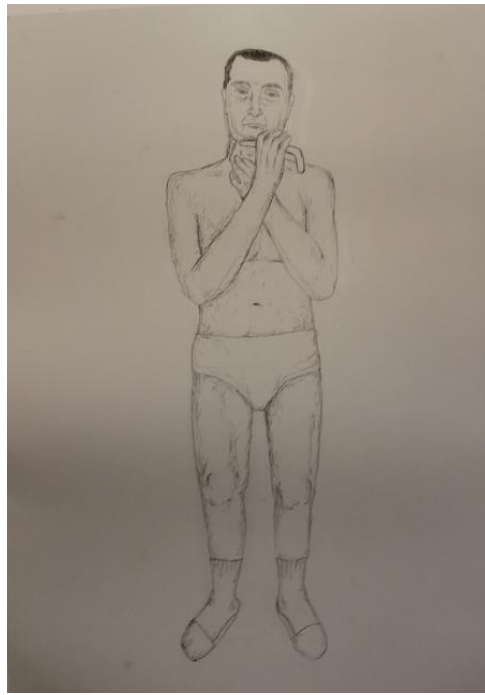


Fig.1.28

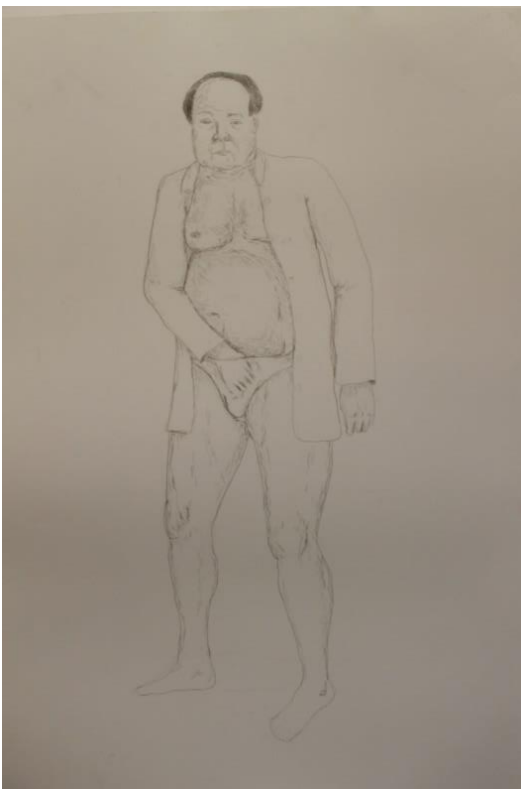


Fig.1.29



Fig.1.30



Fig.1.31



Fig.1.32



Fig.1.33



Fig.1.34



Fig.1.35



Fig.1.36



Fig.1.37



Fig.1.38



Fig.1.39



Fig.1.40



Fig.1.41



Fig.1.42



Fig.1.43



Fig.1.44



Fig.2.45

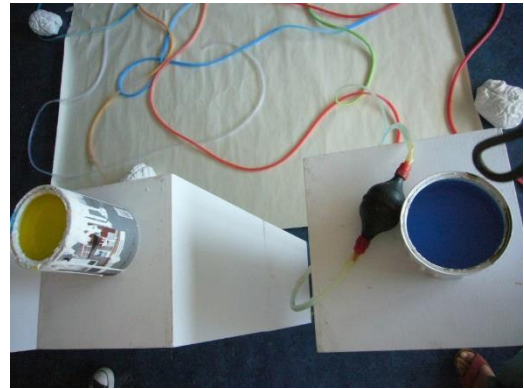


Fig.2.46



Fig.2.47



Fig.2.48

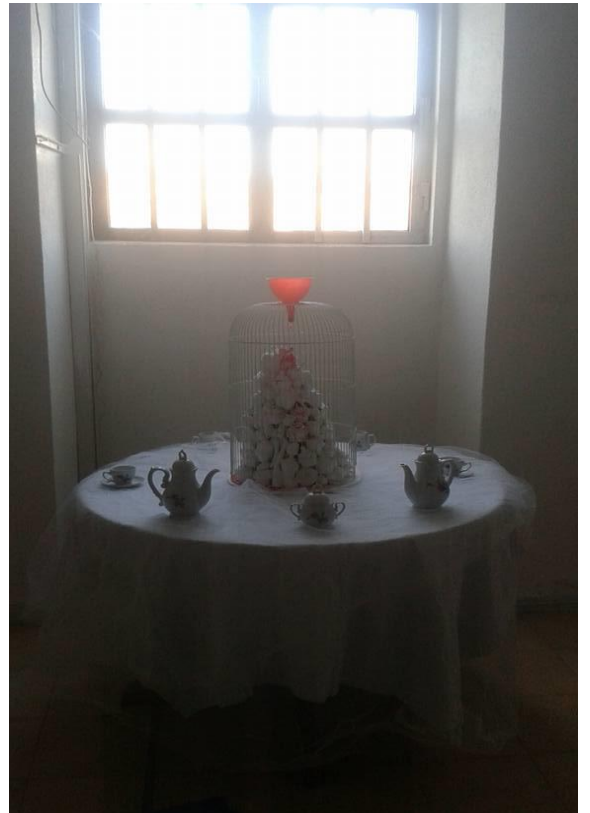


Fig.2.49



Fig.2.50



Fig.2.51



Fig.2.52



Fig.2.53

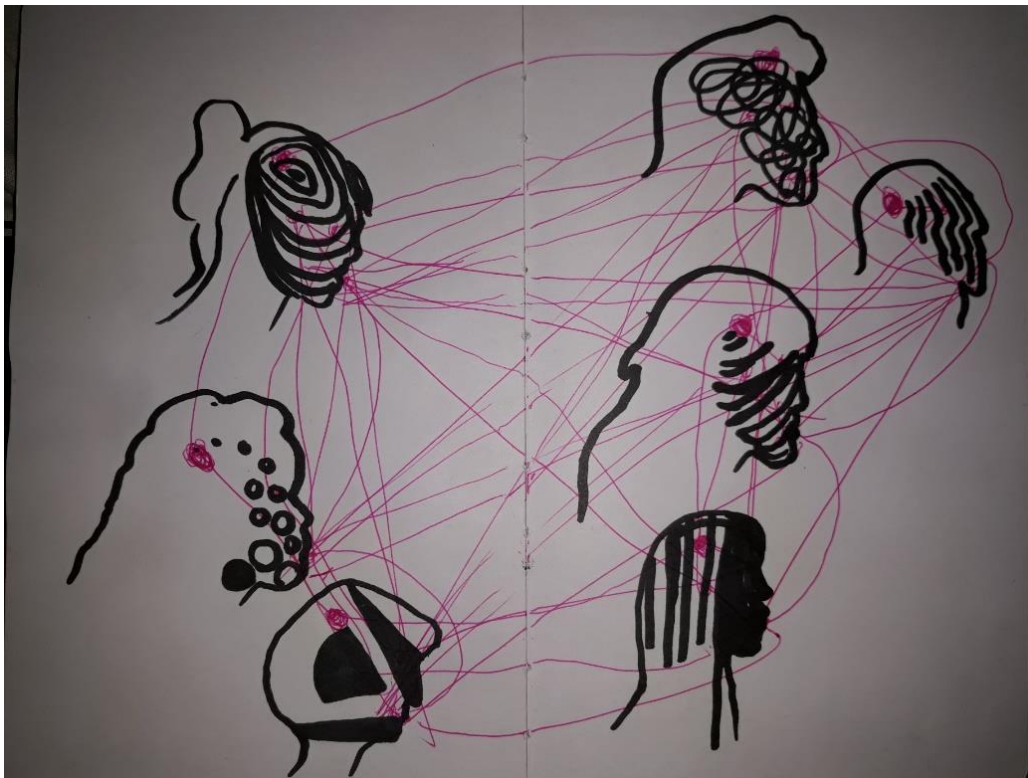


Fig.2.54



Fig.2.55



Fig.2.56



Fig.2.57

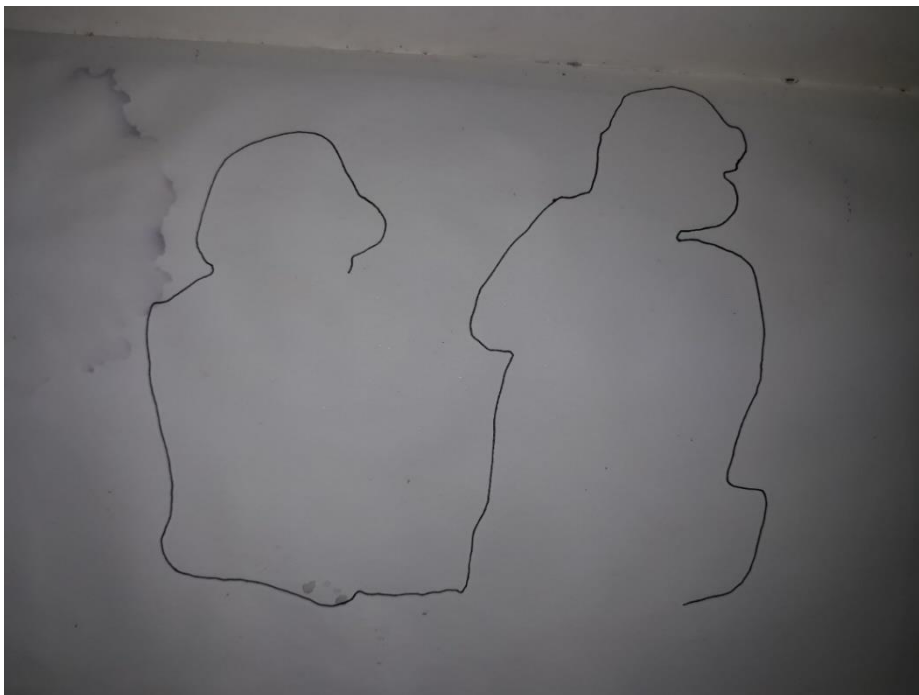


Fig.2.58



Fig.2.59

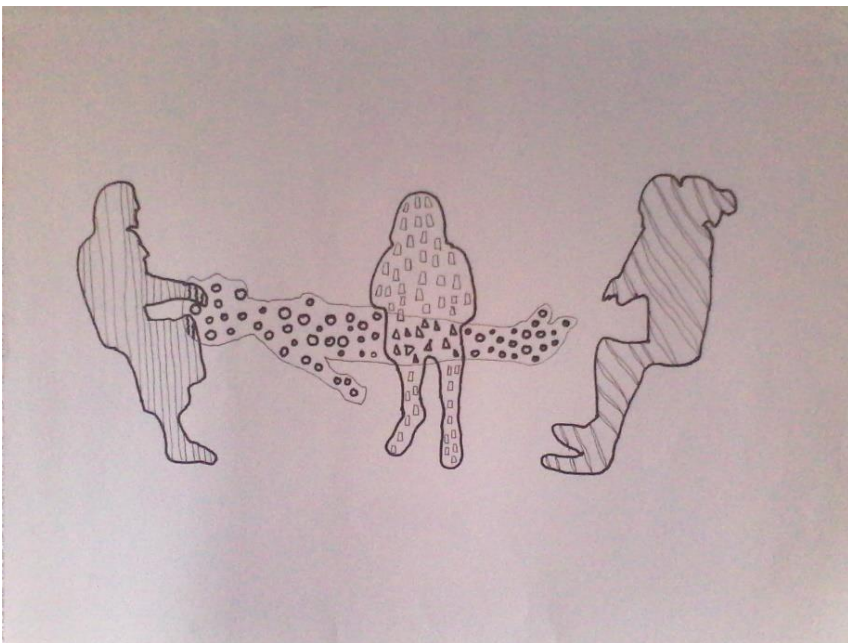


Fig.2.60



Fig.2.61



Fig.2.62



Fig.2.63



Fig.2.64



Fig.2.65



Fig.2.66



Fig.2.67



Fig.2.68



Fig.2.69



Fig.2.70

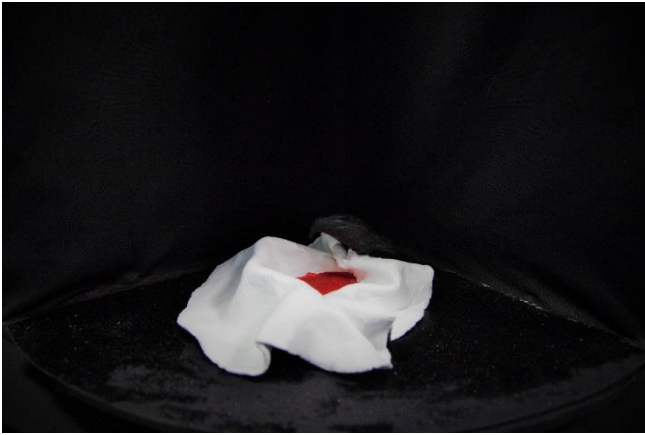


Fig.2.71



Fig.272.



Fig.2.73



Fig.2.74



Fig.3.75



Fig.3.76



Fig.3.77



Fig.3.78



Fig.3.79



Fig.3.80



Fig.4.81



Fig.4.82

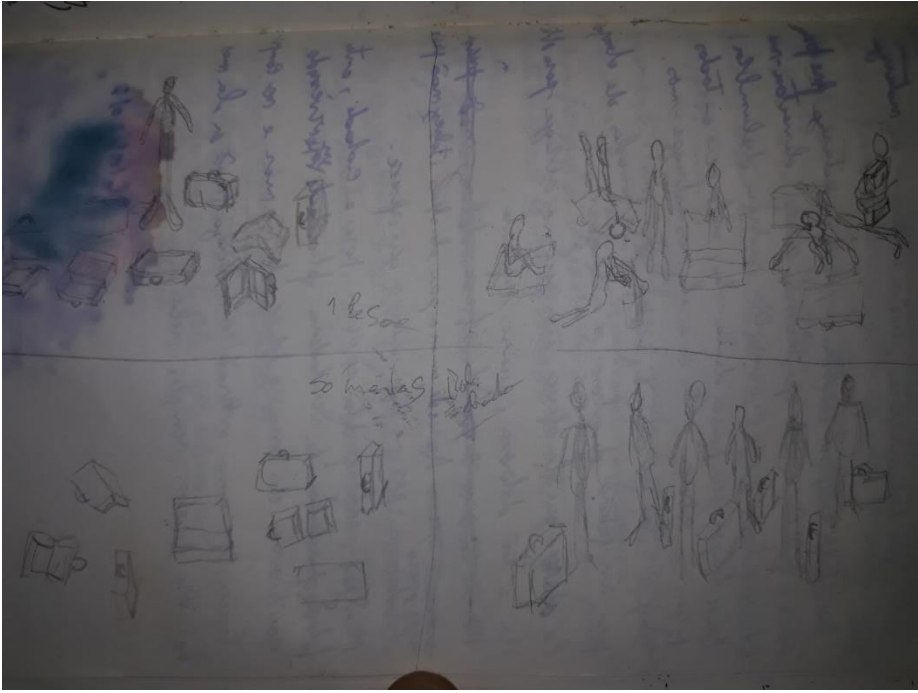


Fig.4.83

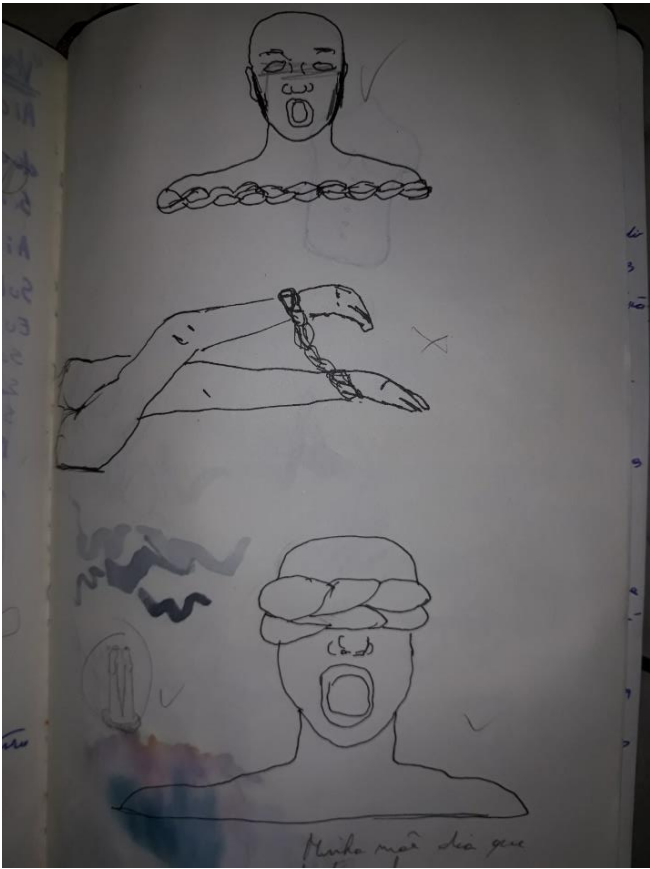


Fig.4.84



Fig.4.85



Fig.4.86



Fig.4.87



Fig.4.88



Fig.4.89



Fig.4.90



Fig.4.91



Fig.4.92



Fig.4.93

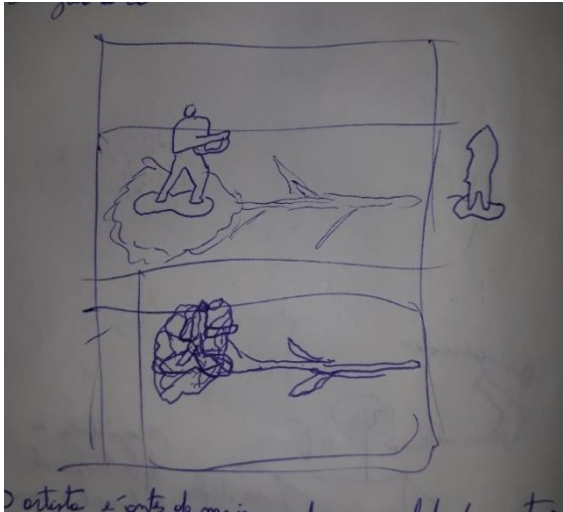


Fig.4.94



Fig.4.95



Fig.4.96

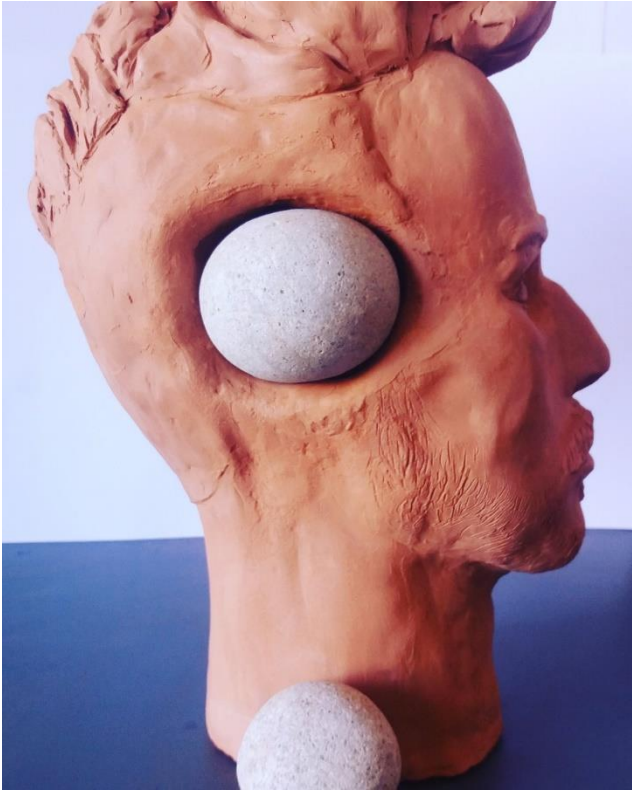


Fig.4.97

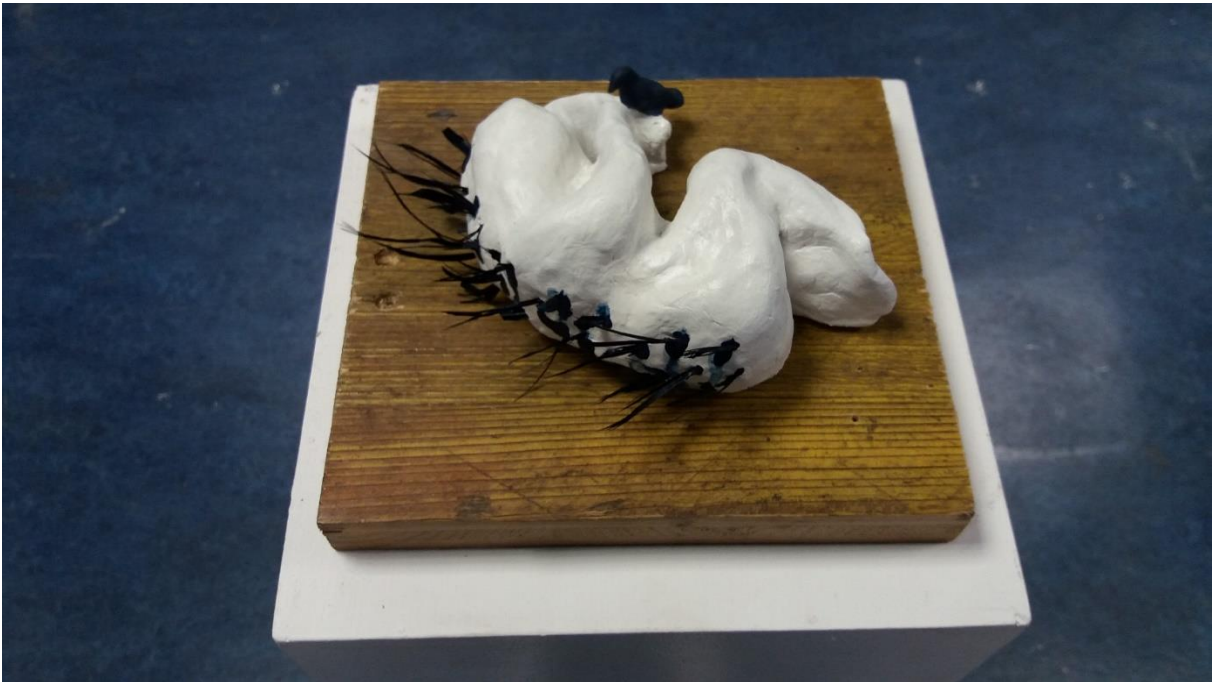


Fig.4.98



Fig.4.99



Fig.4.100



Fig.4.101



Fig.4.102



Fig.4.103

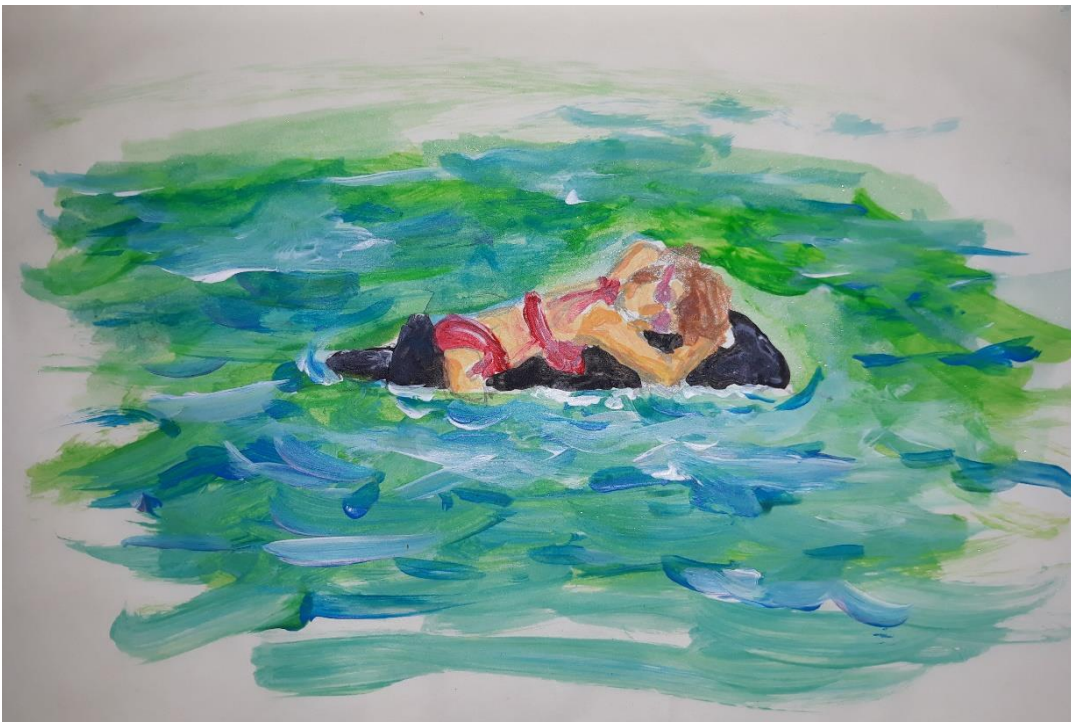


Fig.4.104



Fig.4.105



Fig.4.106



Fig.4.107



Fig.4.108



Fig.4.109



Fig.4.110



Fig.4.11



Fig.4.112



Fig.4.113



Fig.4.114

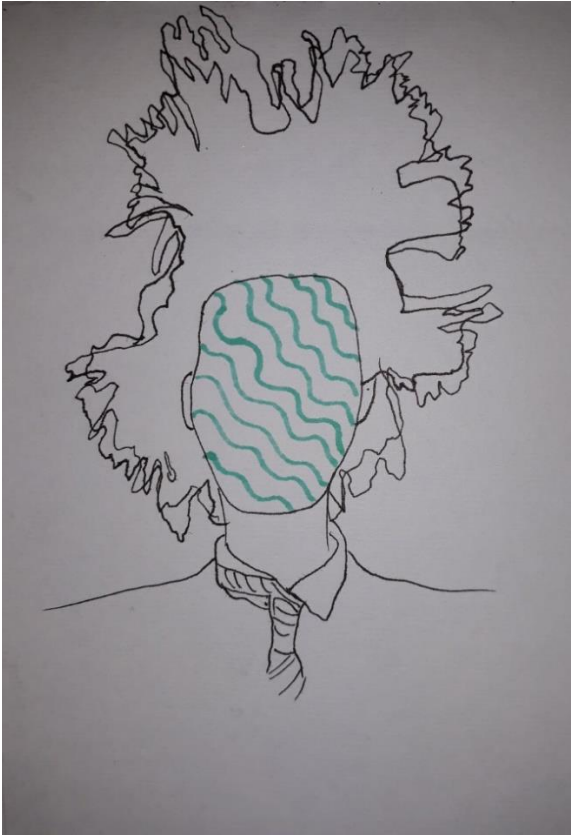


Fig.4.115



Fig.4.116



Fig.4.117

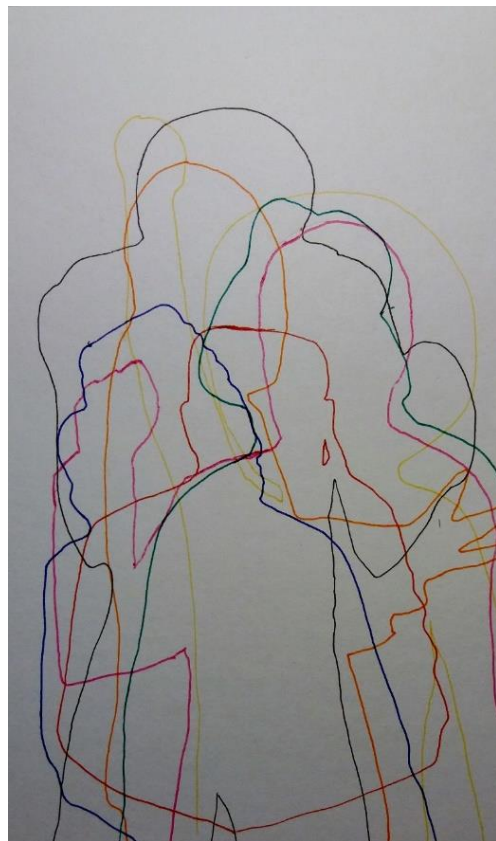


Fig.4.118

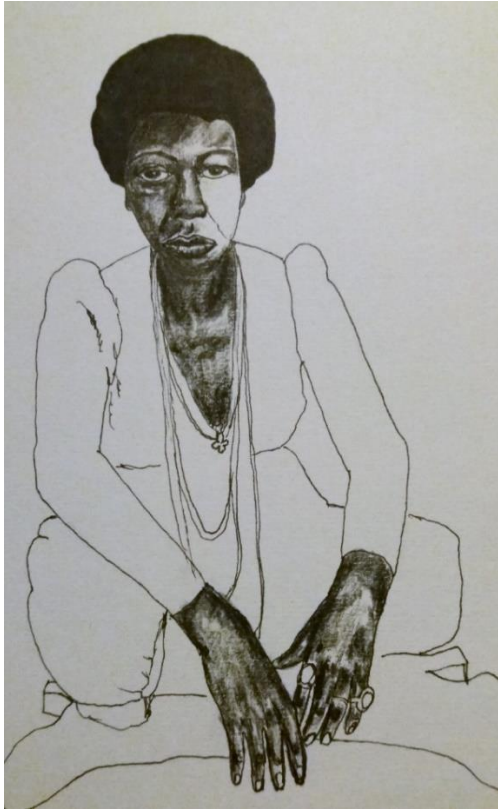


Fig.4.119



Fig.4.120

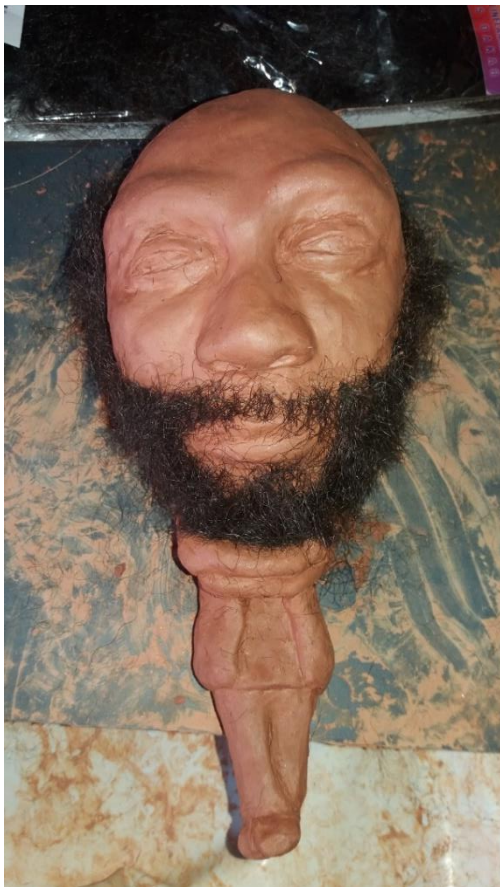


Fig.4.121



Fig.4.122



Fig.4.123



Fig.4.124

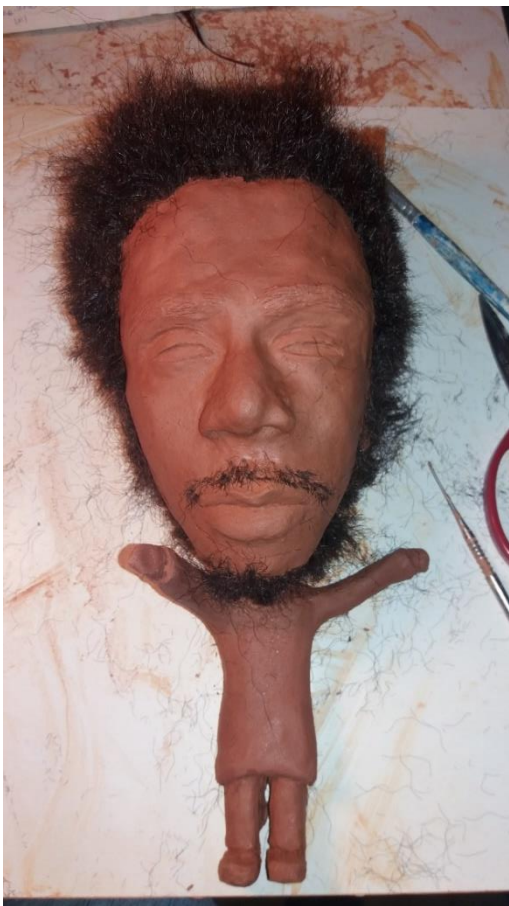


Fig.4.125



Fig.4.126



Fig.4.127

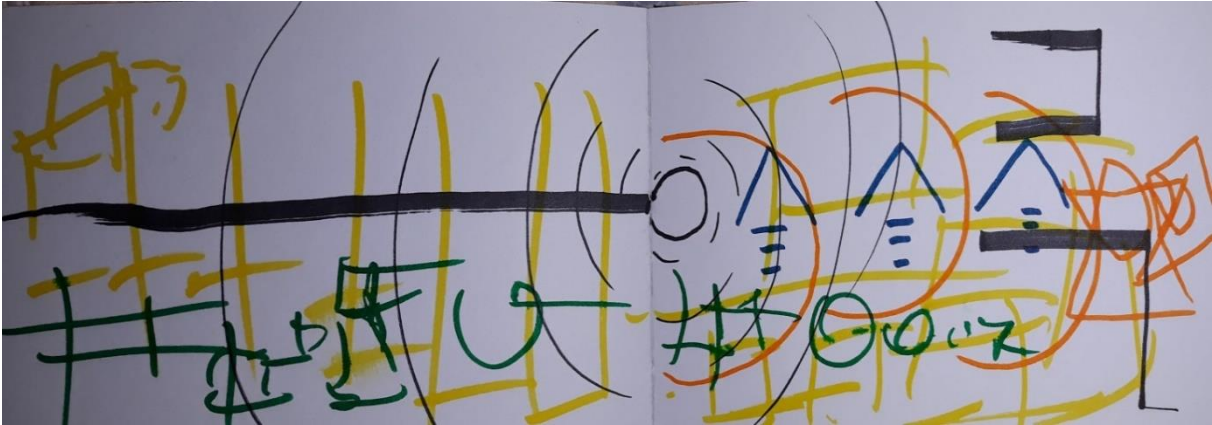


Fig.4.128



Fig.4.129

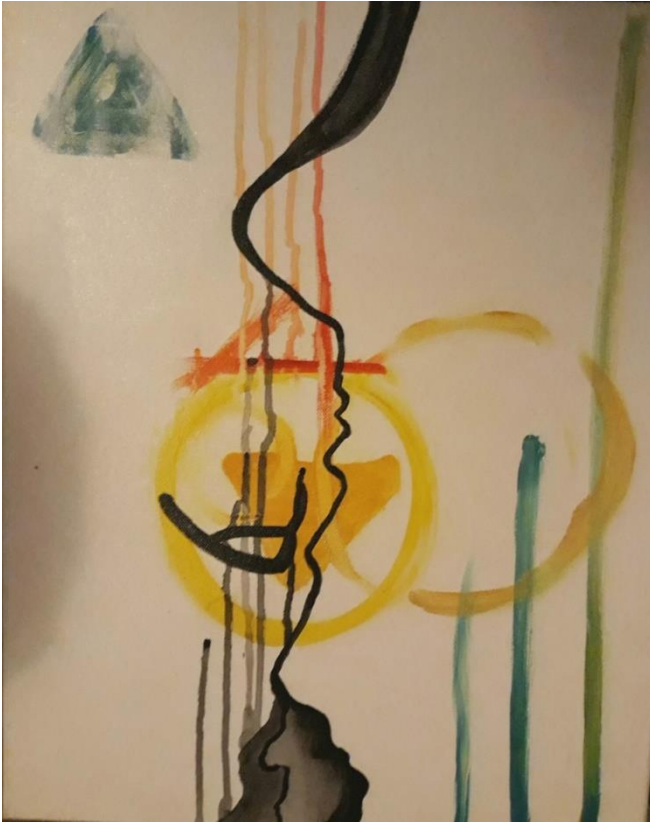


Fig.4.130



Fig.4.131



Fig.4.132



Fig.4.133



Fig.4.134



Fig.4.135



Fig.4.136



Fig.4.137



Fig.4.138



Fig.4.139

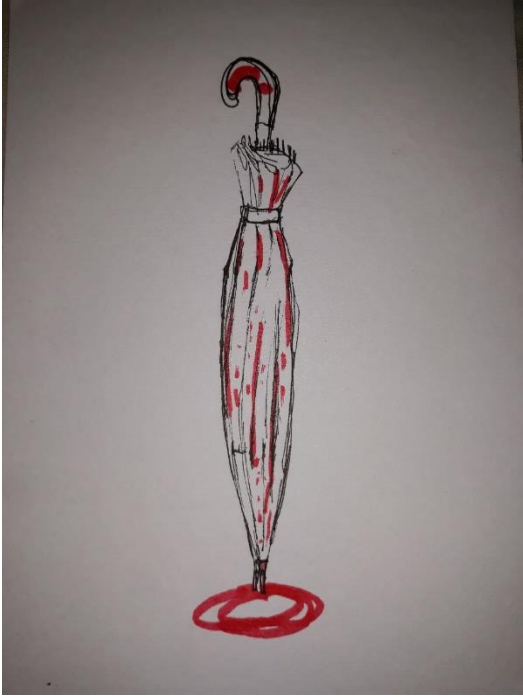


Fig.4.140



Fig.4.141

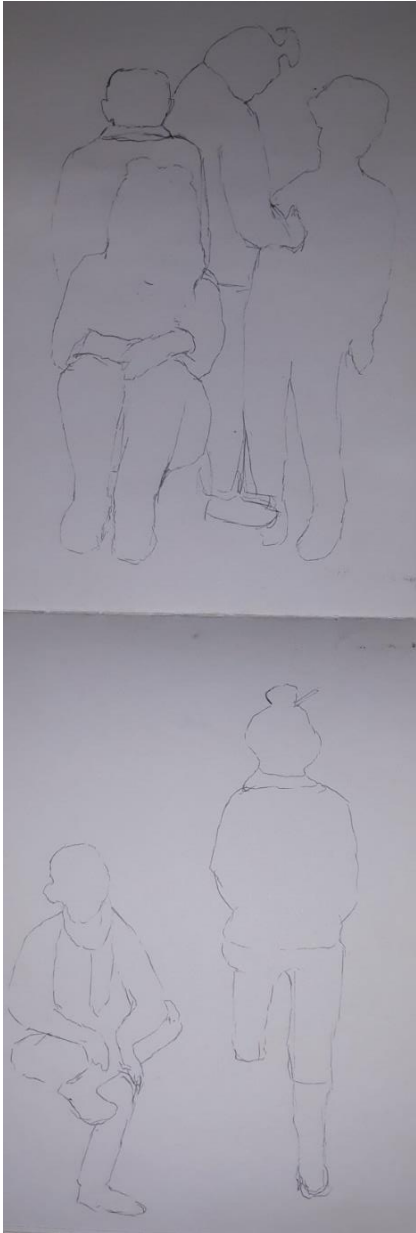


Fig.4.142



Fig.4.143



Fig.4.144



Fig.4.145

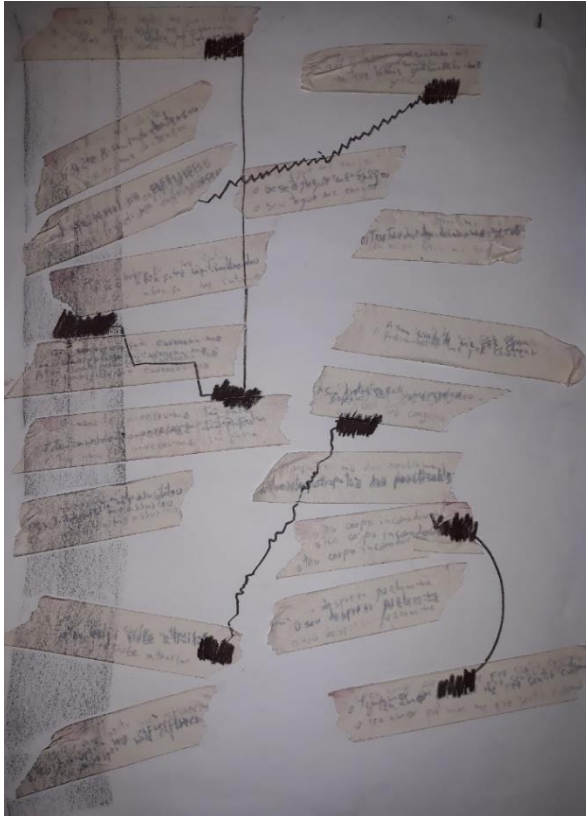


Fig.4.146

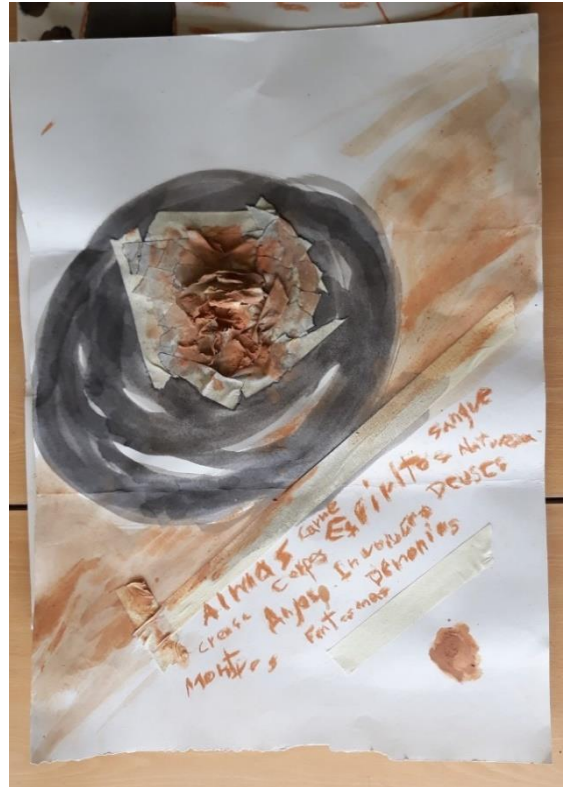


Fig.4.147



Fig.4.148



Fig.4.149



Fig.4.150



Fig.4.151



Fig.4.152



Fig.4.153



Fig.4.154



Fig.4.155



Fig.4.156



Fig.4.157



Fig.4.158



Fig.4.159



Fig.4.160



Fig.4.161



Fig.4.166

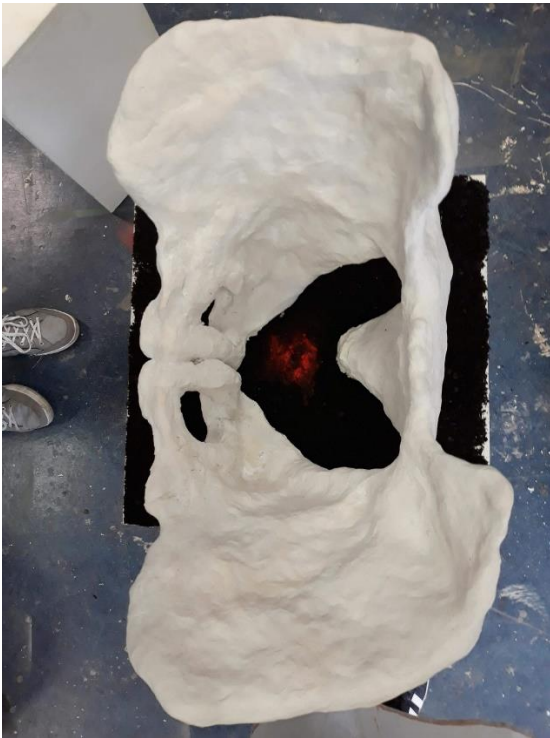


Fig.4.167

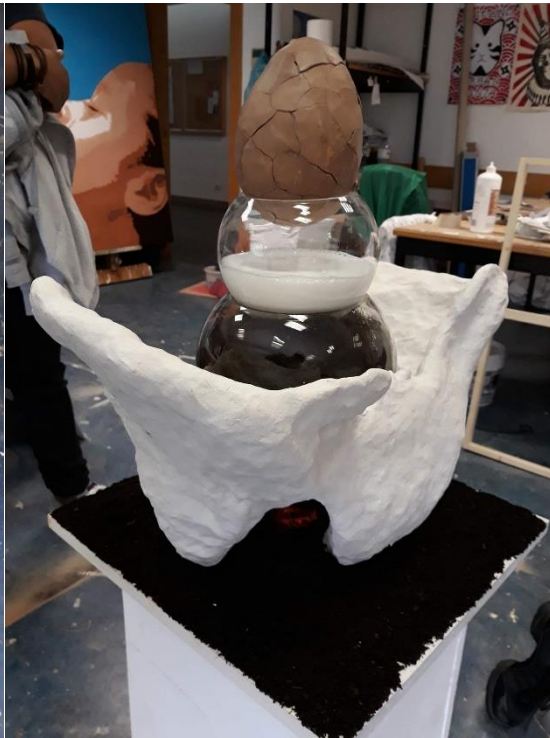


Fig.4.168



Fig.4.169



Fig.4.170



Fig.4.171



Fig.4.172



Fig.4.173



Fig.4.174



Fig.4.175



Fig.4.176



Fig.4.177



Fig.4.178

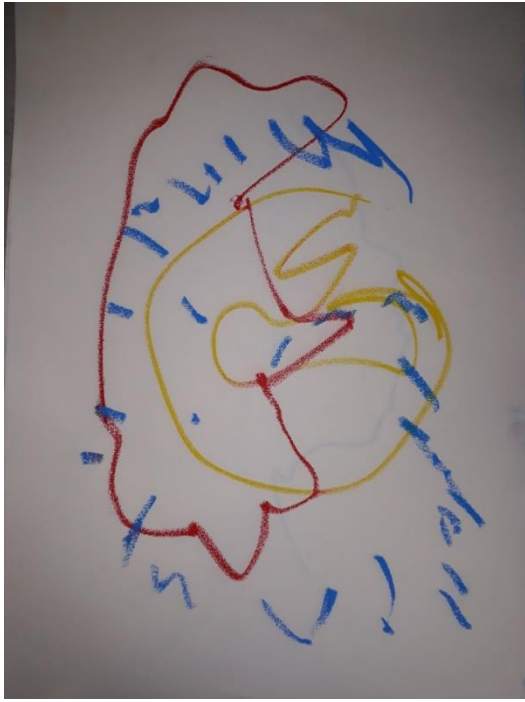


Fig.4.179



Fig.4.180



Fig.4.181



Fig.4.182



Fig.4.183



Fig.4.184



Fig.4.185



Fig.4.186



Fig.4.187

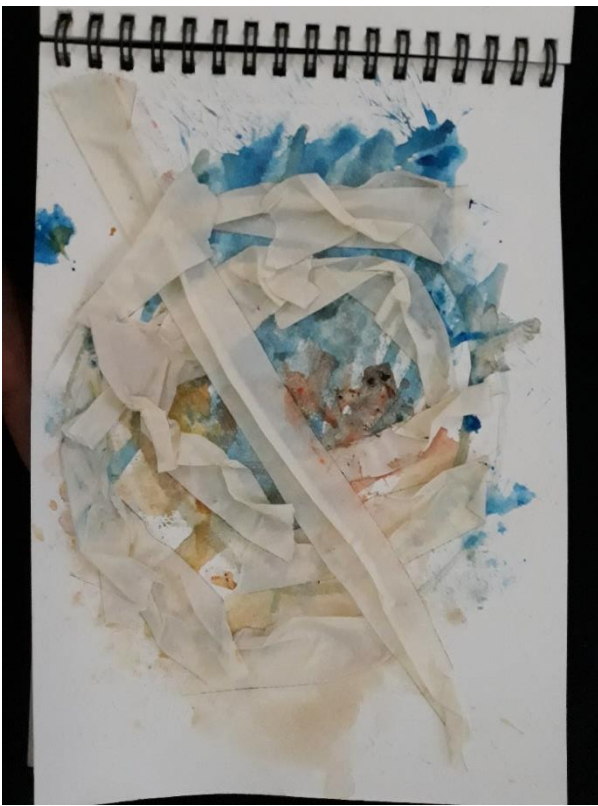


Fig.4.188

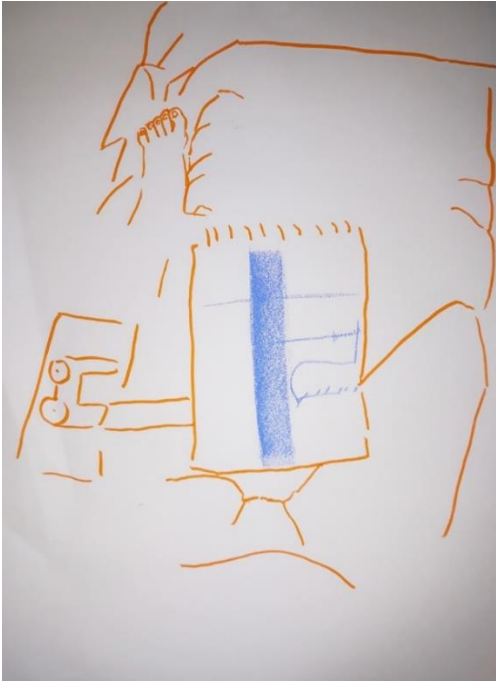


Fig.4.189



Fig.4.190

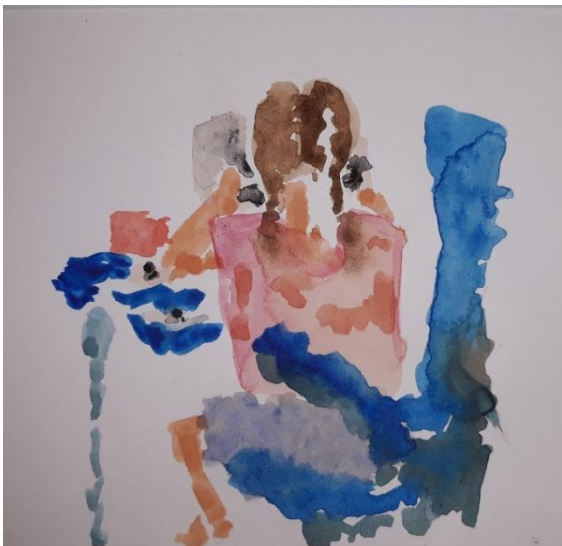


Fig.4.191



Fig.4.192



Fig.4.193



Fig.4.194



Fig.4.195



Fig.4.196



Fig.4.197



Fig.4.198



Fig.4.199



Fig.4.200



Fig.4.201



Fig.4.202

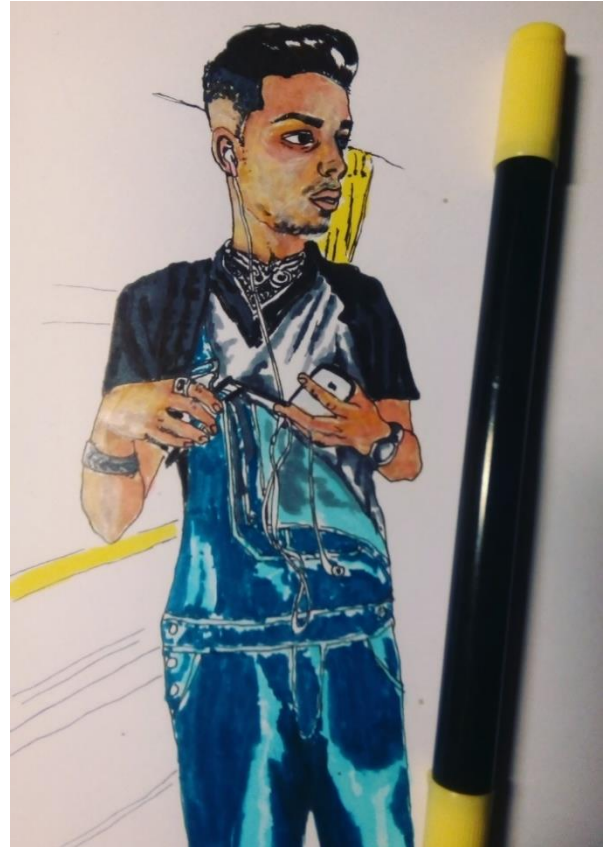


Fig.4.203



Fig.4.204

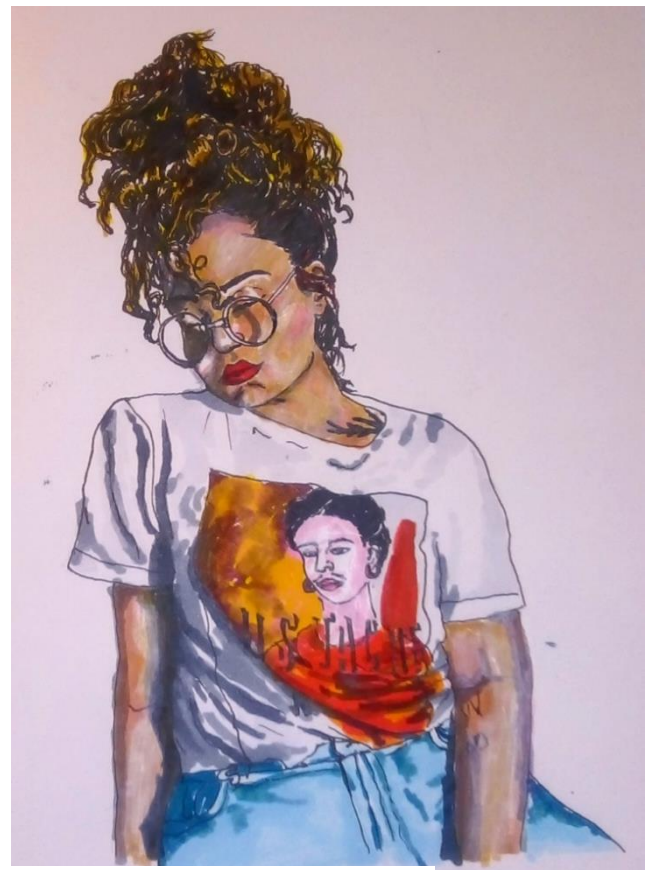


Fig.4.205



Fig.4.206

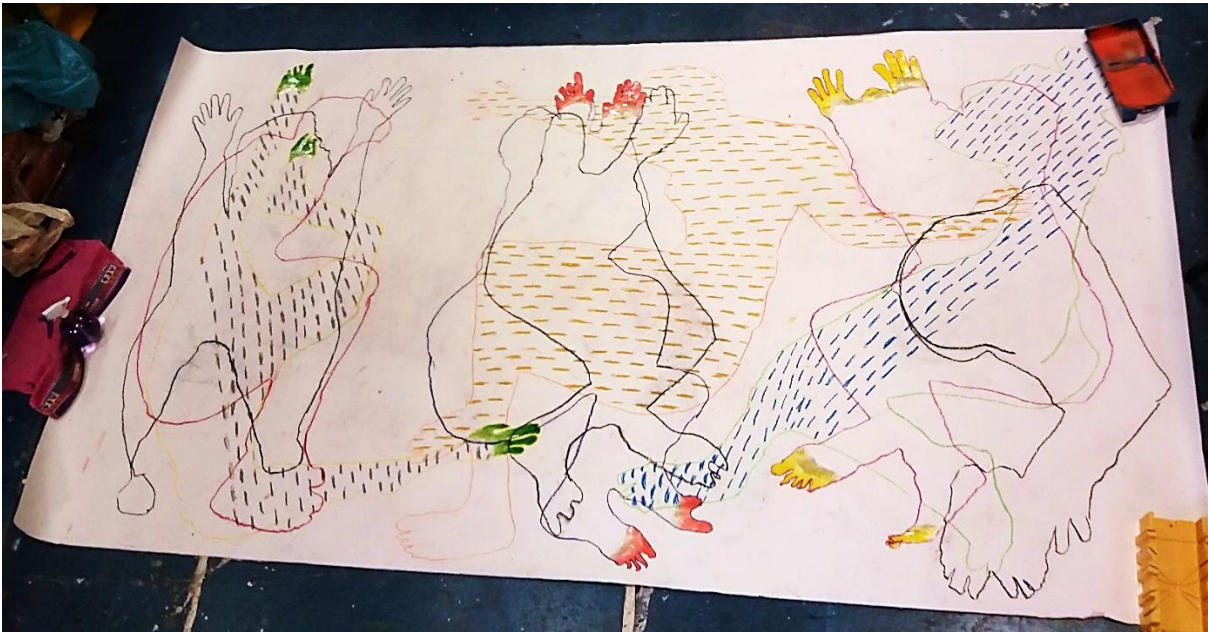


Fig.4.207



Fig.4.205



Fig.4.206



Fig.4.207



Fig.4.208



Fig.4.209



Fig.4.210



Fig.4.211



Fig.4.212

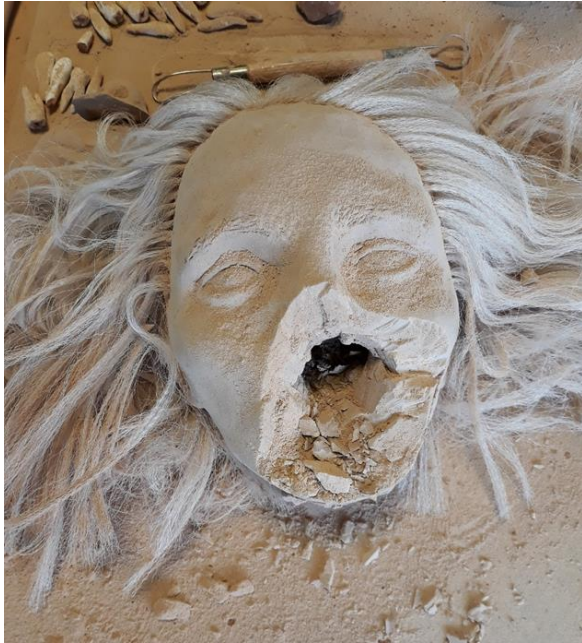


Fig.4.213



Fig.4.214



Fig.4.215



Fig.4.216



Fig.4.217

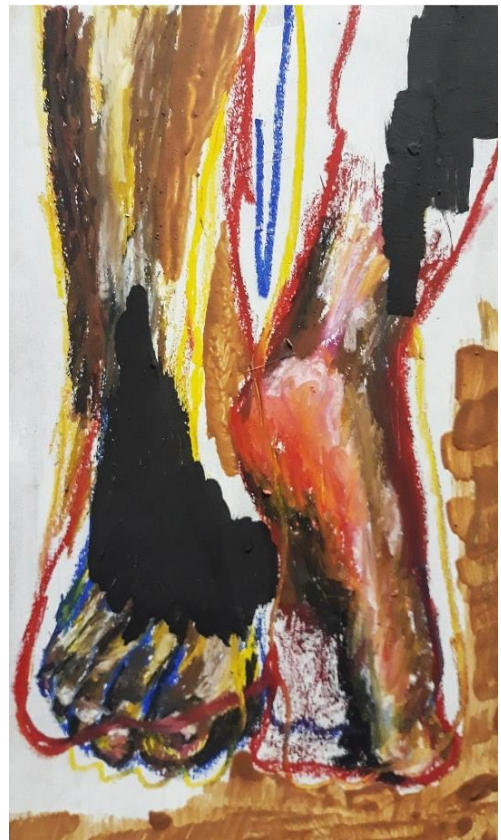


Fig.4.218

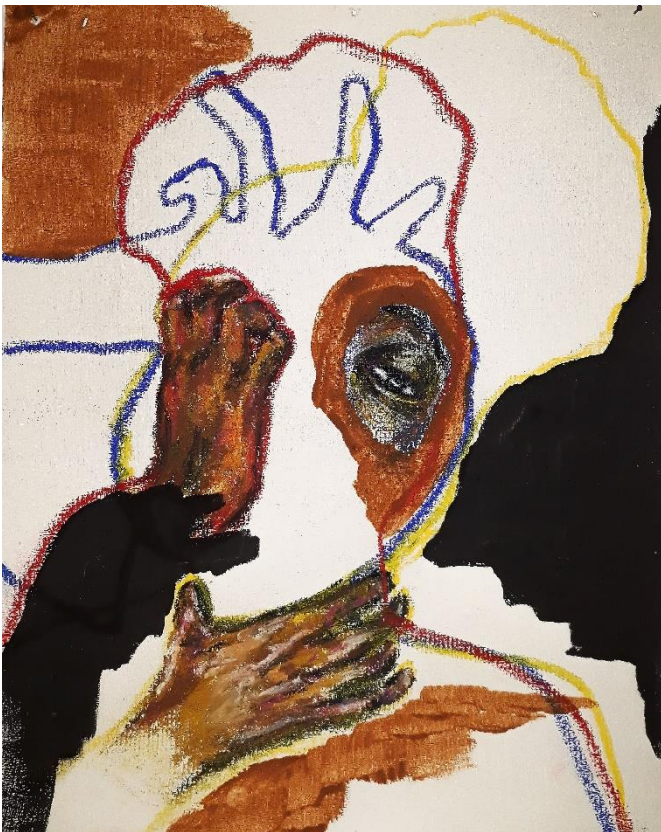


Fig.4.219



Fig.4.220



Fig.4.221



Fig.4.222

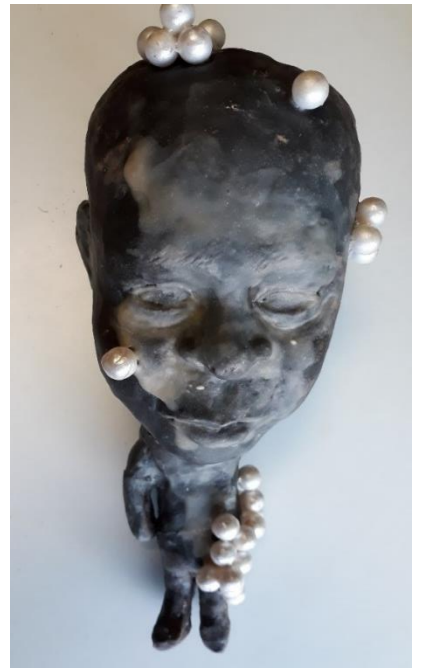


Fig.4.223



Fig.4.224



Fig.4.225



Fig.4.226



Fig.4.227

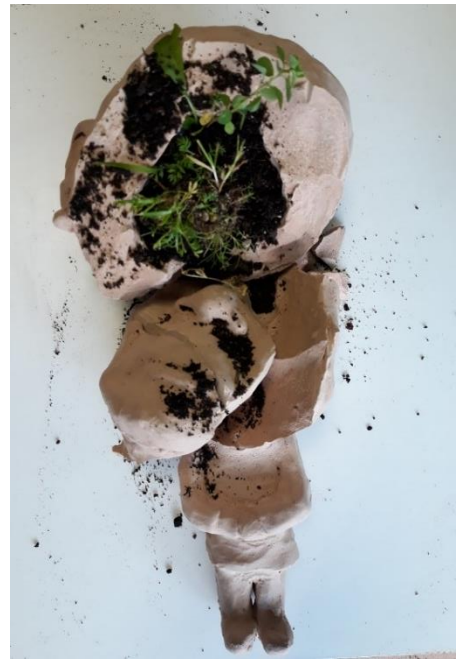


Fig.4.228



Fig.4.229



Fig.4.230



Fig.4.231



Fig.4.232



Fig.4.233



Fig.4.235



Fig.4.236

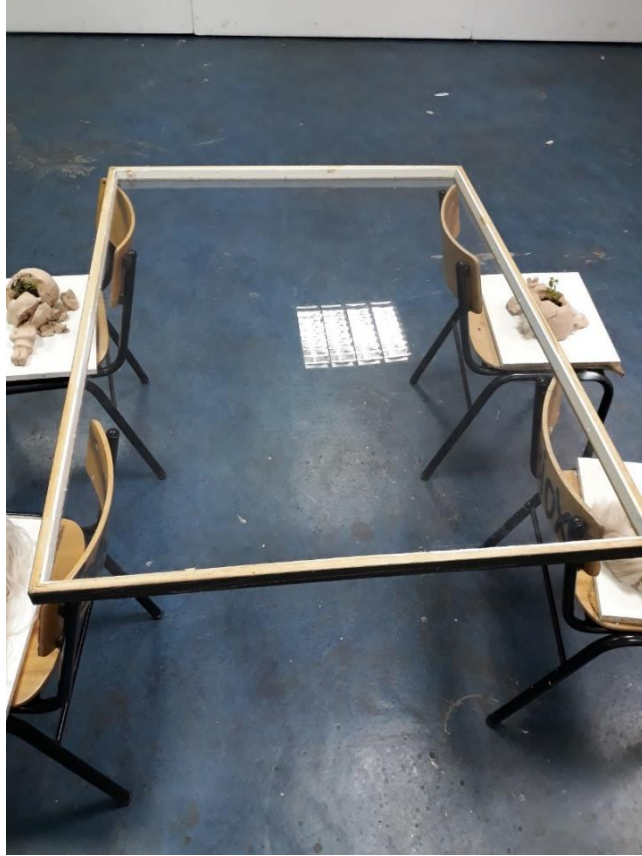


Fig.4.237



Fig.4.238



Fig.4.239



Fig.4.240



Fig.4.241

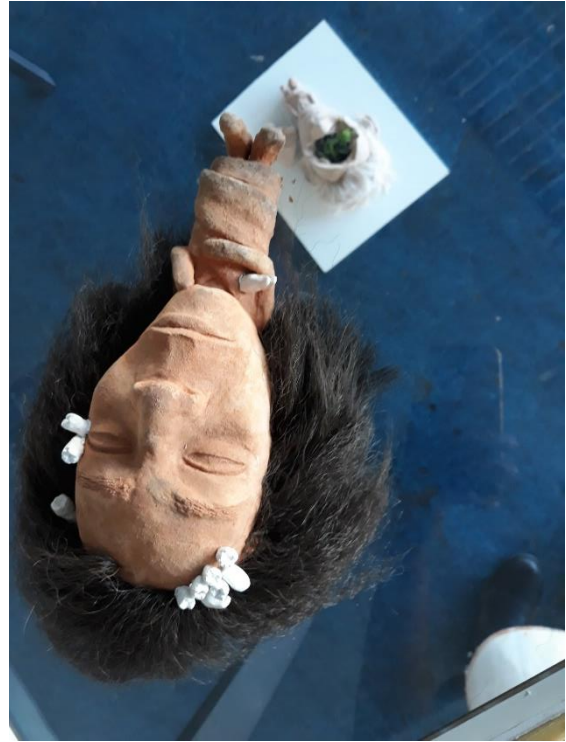


Fig.4.242



Fig.4.243



Fig.4.244



Fig.4.245